



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**LINHA I: CULTURA E CIDADES**

**MOISÉS DA SILVA AZEVEDO**

**A CHEGADA DO CINE IRÍS E AS MUTAÇÕES VISÍVEIS, SENSÍVEIS E  
IMAGINÁRIAS DE NOVA FLORESTA (1959-1989)**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2024**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

MOISÉS DA SILVA AZEVEDO

**A CHEGADA DO CINE IRÍS E AS MUTAÇÕES VISÍVEIS, SENSÍVEIS E  
IMAGINÁRIAS DE NOVA FLORESTA (1959-1989)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Campina Grande (PPGH/UFCG), como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

**Linha de pesquisa:** Linha 1: Cultura e Cidades  
**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Keila Queiroz e Silva

CAMPINA GRANDE – PB

2024

A994c

Azevedo, Moisés da Silva.

A chegada do Cine Irís e as mutações visíveis, sensíveis e imaginárias de Nova Floresta (1959-1989) / Moisés da Silva Azevedo. – Campina Grande, 2024.

104 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação: Profa. Dra. Keila Queiroz e Silva".

Referências.

1. Cine Irís – Nova Floresta/PB. 2. Memória. 3. Sociabilidade. 4. Lazer e Entretenimento. I. Silva, Keila Queiroz e. II. Título.

CDU 94:791(043)

MOISÉS DA SILVA AZEVEDO

**A CHEGADA DO CINE IRÍS E AS MUTAÇÕES VISÍVEIS, SENSÍVEIS E  
IMAGINÁRIAS DE NOVA FLORESTA (1959-1989).**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Campina Grande (PPGH/UFCG), como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado (a) 26 / 09 / 2024

**BANCA EXAMINADORA**

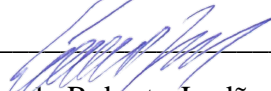


Documento assinado digitalmente  
**KEILA QUEIROZ E SILVA**  
Data: 08/11/2024 10:07:55-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

P

FCCG

Orientadora



Prof. Dr. Eduardo Roberto Jordão Knack-UFCG



Documento assinado digitalmente  
**LUIRA FREIRE MONTEIRO**  
Data: 06/11/2024 10:17:14-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Luíra Freire Monteiro- UEPB

Membro Externo

## AGRADECIMENTOS

Agradecer pelas conquistas alcançadas na minha vida até aqui, é algo que deve ser feito diariamente. A sensação de chegar até aqui é emocionante e principalmente de dever cumprido, do ciclo encerrado com muita dedicação, esforço e perseverança.

Início meus agradecimentos primeiramente a Deus, pelo dom da vida, esse ser superior que acredito, e ajuda-me diariamente nas adversidades da vida.

À minha mãe, Maria Eunice, pessoa que amo e sempre está do meu lado, assumindo o papel de pai e mãe, me dando apoio, conselhos e me direcionando para o caminho do bem. A ela, minha eterna gratidão.

À minha esposa Magnólia Suellem, por seu amor e companheirismo. Por sua paciência e dedicação. Sempre me auxiliando com fontes e sugestões. Por escutar minhas reclamações e me incentivar a não desistir. Você foi essencial na construção dessa pesquisa. Obrigado, te amo.

À minha orientadora, Keila Queiroz e Silva, pelo empenho, carinho e orientação maravilhosa que recebi ao longo da pesquisa e escrita da dissertação. Sempre muito atenciosa ao ler minha escrita, prestando atenção aos mínimos detalhes, além do seu incentivo na realização dessa pesquisa. Sou muito grato à orientadora e amiga que tive ao longo deste processo. Obrigado.

Aos professores Luíra Freire Monteiro e Eduardo Roberto Jordão Knack, pelas contribuições na qualificação, por terem se disposto a ler o texto entregue a eles, oferecendo a pesquisa suas contribuições e experiências. Gratidão. Agradeço também aos professores, Hilmária Xavier e Severino Cabral Filho, por se disponibilizarem para fazer parte da banca. Além dos professores do PPGH, Marinalva Vilar, Luciano Mendonça, Antônio Clarindo e Iranilson Buriti, pelas contribuições e aulas ministradas durante o curso, onde pude adquirir bastante conhecimento para a construção desta pesquisa.

A todos que fazem parte do PPGH, em especial à coordenadora Michelly Pereira de Sousa Cordão e o secretário do programa Yaggo Fernando.

Aos colegas professores da ECI Pedro Henrique da Silva, Luciana Silvestre, Roberto Ferreira da Costa, Jônatas Martins e Suzana Berlamínio, pelo apoio e incentivo durante essa 3 etapa.

Agradeço imensamente ao Sr. Hamilton Marinho e sua esposa Elcy Marinho, por todo carinho e dedicação durante as nossas conversas e entrevistas. O amor e satisfação do casal proprietários do cinema em contar as histórias e vivências do Cine Íris, é algo que jamais vou esquecer. As contribuições com depoimentos, arquivos, fontes e fotografias foram de essencial importância no desfecho desta pesquisa. Minha Eterna Gratidão ao casal.

A Kydelmir Dantas, meus sinceros agradecimentos por toda ajuda e contribuição durante a realização de etapa. Meu total respeito e gratidão. Agradeço aos depoentes que ou indiretamente se disponibilizaram a falar do Cine Íris de Nova Floresta, em Sebastião Pereira (basto da barraca), Ramilton Marinho, Darlene Araújo, Audivan / Geilza Santos, Gorreti Araújo, Denise Araújo, Maria Aparecida da Silva e Paulo / Muito obrigado.

## RESUMO

O presente trabalho pretende analisar as memórias e as experiências sociais e afetivas dos moradores Florestenses que se desenvolveram no espaço do Cine Íris em Nova Floresta, no Curimatáu da Paraíba, entre os anos de 1959 a 1989. Interessa-nos compreender de que forma ocorreram as sociabilidades atribuídas a esse importante espaço cinematográfico. Buscamos observar desde os encontros, passeios, paqueras e namoros que aconteciam na calçada do cinema, até as projeções cinematográficas de grande sucesso, que eram exibidas no interior do Cine Íris, além de sua influência nos modos de agir e portar-se dos seus espectadores. Partindo do conceito de *ciudades sensíveis* abordado por Pesavento (2017), encontramos a necessidade de perceber diversas questões complexas e, sobretudo, peculiares desse e de outros espaços destinados à prática do lazer em Nova Floresta no período estudado, como, por exemplo, as transformações urbanas e os dispositivos modernos, como o cinema, que aparecem como objetos comuns na história e no cotidiano da maioria das cidades. Além disso, é papel primordial do historiador e objetivo deste estudo observar de que modo se deu o funcionamento do Cine Íris como espaço de lazer e entretenimento; observar também as alterações no cotidiano dos moradores que frequentavam o espaço, bem como como esses moradores viram, sentiram e o que falam sobre o cinema através de suas memórias, além de analisar a contribuição da fonte oral, a partir das perspectivas e contribuições primordiais de Alberti (2005), para a história. Ademais, o trabalho pretende também compreender como foi concebida a chegada do cinema a uma cidade do passado, que se diferenciava em muitos aspectos da atual, e compreender de que forma sua persistência foi sentida e como se geriu o hábito de frequentar esse espaço de lazer e convívio. Dessa forma, analisamos o cinema a partir da concepção de Certeau (1998), em que os indivíduos muitas vezes inventam novos usos para um lugar imposto, adaptando assim o seu próprio caminho.

**Palavras-chaves:** Cine Íris; Memória; Sociabilidades

## ABSTRACT

This paper aims to analyze the memories and social and emotional experiences of the residents of Flores, which took place in the space that corresponded to the Cine Íris in Nova Floresta, Curimatáu, Paraíba, from 1959 to 1989. We are interested in understanding how the specific sociabilities attributed to this important cinematic space occurred, from the meetings, walks, flirting and courtships that took place on the sidewalk of the cinema, to the certain highly successful film projections that were shown inside the Cine Íris, in addition to their influence on the ways of acting and behaving of its spectators. Based on Pesavento's (2017) concept of sensitive cities, we find the need to understand several complex issues, especially those peculiar to this and other spaces intended for the practice of leisure in Nova Floresta during the period studied. Urban transformations and modern devices such as cinema appear as common objects in the history and daily life of most cities. However, it is the historian's primary role and the objective of this study, as it gave rise to this process of operation of Cine Íris, as a space for leisure and entertainment and the changes in the daily lives of the city dwellers who frequented the space, and how these city dwellers saw, felt and what they said about cinema, through their memories, and contribution from the oral source, based on the perspectives and primary contributions of Alberti (2005), to history. The work also aims to understand how the arrival of cinema in a city of the past, which differed in many aspects from the current one, was conceived, its persistence was felt and the habit of frequenting this space for leisure and socializing was managed. In this way, we analyze cinema based on the conception of Certeau (1998), in which individuals often invent new uses for an imposed place, thus adapting their own path.

**Keywords:** Cine Íris; Memory; Sociabilities

## LISTA DE IMAGENS

<b>IMAGEM 1</b> – Primeira Igreja Católica de Nova Floresta localizada na rua são Severino..	25
<b>IMAGEM 2</b> – Rua Felinto Florentino em meados dos anos de 1950, nos primeiros anos pós emancipação política de Nova Floresta .....	26
<b>IMAGEM 3</b> – Nova Floresta Clube, no ano de 1951. ....	28
<b>IMAGEM 4</b> – Rua Benedito Marinho, na década de 1960, onde ficava localizado o Cine Íris.	41
<b>IMAGEM 5</b> – Hamilton Marinho (proprietário do cine íris), sua esposa Elcy e Leopoldina Marinho, defronte ao prédio do cine íris em pleno século XX .....	43
<b>IMAGEM 6</b> – Exibição do cartaz do filme Detetive Mixuruca no início dos anos de 1970.	45
<b>IMAGEM 7</b> – Fotografia do alto falante que fazia as divulgações do Cine Íris.....	46
<b>IMAGEM 8</b> – Cartaz do filme do gênero faroeste, O Dólar Furado do ano de 1965.....	54
<b>IMAGEM 9</b> – Fotografia do filme do <i>O Marido Virgem</i> , filme brasileiro do gênero pornochanchada .....	56
<b>IMAGEM 10</b> – Cartaz do filme <i>Coração de Luto</i> .....	58
<b>IMAGEM 11</b> – Fotografia dos moradores de Nova Floresta, em meados dos anos de 1960, na praça central da cidade de Cuité .....	64
<b>IMAGEM 12</b> – Fotografia de Matilde Azevedo e Lourdes Belo, no final da década de 1950 em Nova Floresta .....	65
<b>IMAGEM 13</b> – Fotografia do Sr. Hamilton Marinho em meados dos anos de 1960, defronte com o prédio do Cine Atlas de Cuité .....	66
<b>IMAGEM 14</b> - Peça teatral <i>Capinha vermelha visita o Sítio do Pica-Pau Amarelo</i> , apresentada no dia 22 de agosto de 1984 no palco do Cine Íris .....	70
<b>IMAGEM 15</b> – Fotografia do show musical do cantor Gaúcho Alcides Gerard no Cine Íris....	73
<b>IMAGEM 16</b> – Fotografia da apresentação de hipnose no Cine Íris, década de 1970. ....	74
<b>IMAGEM 17</b> – Fotografia da rua Benedito Marinho, onde ficava localizada uma parte do centro comercial de Nova Floresta no início da década de 1990.....	78
<b>IMAGEM 18</b> – Fotografia do Carnaval de Nova Floresta, no ano de 1983. Bloco do motor que saía de frente ao Nova Floresta Clube até o centro da cidade .....	79
<b>IMAGEM 19</b> – Fotografia do prédio do Cine Íris de Nova Floresta a venda no início da década de 1990, com o fechamento do espaço cinematográfico.....	86
<b>IMAGEM 20</b> – Fotografia da máquina de projeção de 35 m/m .....	86
<b>IMAGEM 21</b> – Fotografia da fachada da Loja Marconi Eletromóveis, prédio onde funcionava o Cine Íris de Nova Floresta .....	88



## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>09</b>
<b>1. Do Estrondo nasce a vila de Nova Floresta: O Desenvolvimento Local e os espaços de lazer antes da chegada do Cine Íris .....</b>	<b>23</b>
1.1 Os primórdios da sétima arte: O primeiro cinema e os irmãos Lumière.....	30
1.2 A Originalidade da sétima arte no Brasil: o cinema Direto e seus precursores na Paraíba....	34
1.3 Da Casa de Farinha ao Cine Íris .....	39
1.4 O Avanço e o Progresso do Cine Íris de Nova Floresta .....	44
<b>2 O Cine Íris e o cotidiano dos Florestenses: mudanças de hábitos, costumes e comportamentos dos cidadãos, na segunda metade do século XX .....</b>	<b>49</b>
2.1 As projeções que embalaram o público consumidor do Cine Íris .....	52
2.2 As alterações no cotidiano, costumes e no modo de vida dos Florestenses.....	61
2.3 As apresentações culturais e as sociabilidades no palco do Cine Íris: o desenvolvimento da economia.....	69
<b>3. Memórias e imagens: o surgimento das novas tecnologias, a decadência e o fechamento do Cine Íris de Nova Floresta .....</b>	<b>78</b>
3.1. O surgimento das novas tecnologias e a Crise do Cine Íris.....	81
3.2 <i>The End</i> : O Fechamento das portas e o Desuso do Cine Íris.....	85
3.3 Memória e saudosismo: As lembranças do Cine Íris de Nova Floresta.....	89
<b>Considerações finais .....</b>	<b>97</b>
<b>Referências.....</b>	<b>102</b>

## Introdução

*[...]. No escurinho do cinema  
Chupando Drops de anis  
Longe de qualquer problema  
Perto de um final feliz!  
Se a Deborah Kerr que o Gregory Peck  
Não vou bancar o santinho  
Minha garota é Mae West  
Eu sou o Sheik Valentino  
Mas de repente o filme pifou  
E a turma toda logo vaiou  
Acenderam as luzes, cruzes  
Que flagra, que flagra, que flagra [...]*

(Rita Lee Jones de Carvalho / Roberto Zenóbio Affonso de Carvalho)

Este trabalho se articula com a linha 1: Cultura e Cidades, do Programa de Pós-Graduação em História – PPGH, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), bem como com a dissertação de Flávia Danielly de Siqueira Silva e Moura (2014), *Cenas de uma cidade Sensível: o Cine Bandeirante como espaço de lazer e sociabilidades em Santa Cruz do Capibaribe – PE*. A autora discorre a respeito do cinema como uma atividade de lazer e um espaço de sociabilidade e sobre a trajetória das transformações relacionadas aos cinemas locais na cidade de Santa Cruz do Capibaribe – PE. Cícera Raquel Oliveira de Moraes (2015), em seu trabalho intitulado *Memórias dos Cinemas de Rua de Juazeiro do Norte na Segunda Metade do Século XX* também se relaciona a temática aqui abordada, pois retrata a história local da cidade de Juazeiro do Norte – CE através das memórias dos diferentes frequentadores dos cinemas da cidade.

Leandro Cunha de Souza (2016), através de sua dissertação, *Cinema direto na Paraíba: A Consolidação de um estilo na representação do real*, colabora de forma riquíssima e significativa com esse trabalho. Ele aborda a trajetória do cinema a partir dos fundamentos iniciais e suas primeiras manifestações no mundo, cujas descobertas no campo da ciência e da tecnologia possibilitaram se firmar como indústria de entretenimento e arte. Além disso, Souza (2016) discute e explora o cinema direto, que começou a ser utilizado na Paraíba a partir da década de 1970 e se expandiu posteriormente através de seus principais precursores. Por fim, o

autor analisa o surgimento do cinema na Paraíba e as primeiras realizações com o cinema de reportagem ou cinejornal.

Esta pesquisa tem como recorte espacial a cidade de Nova Floresta localizada na região do Curimataú da Paraíba. A cidade abriga muitas histórias, emoções e lembranças sobre o saudoso Cine Íris, transformadas aqui em nosso objeto de estudo.

Nosso objetivo é discorrer sobre o cinema como espaço de lazer, entretenimento e sociabilidade. Além disso, objetivamos também refletir sobre como a sétima arte vai alterar o cotidiano dos indivíduos e influenciar nas mudanças de comportamentos, costumes e hábitos dos moradores.

Interessa-nos neste trabalho analisar alguns filmes de sucesso da época, que trouxeram diversas sensações prazerosas para os cidadãos que vivenciaram o período e frequentaram aquele espaço cinematográfico do século XX. Analisaremos ainda, como o cinema impulsionou diretamente o desenvolvimento econômico e sociocultural da cidade, no recorte temporal das décadas de 1959 a 1989, a fim de obtermos respostas sobre os principais acontecimentos que ali ocorreram, fundamentais na construção da história local.

A respeito do que discorre Pesavento (2017), a cidade é desde cedo, reduto de inúmeras sensibilidades. Ser cidadão, portar um ótimo comportamento urbano, pertencer a uma determinada cidade implicou em diferentes formas, ininterruptamente renovadas ao longo do tempo de representar essa cidade, fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em melodias e canções que a celebravam, fosse ainda pelas diversas práticas cotidianas existentes e pelos rituais ou símbolos de civilidade presentes naqueles que a habitam. Dito isto,

As cidades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia-a-dia, correspondera outras tantas urbes imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do indivíduo, obra essa que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e principalmente pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos (PESAVENTO, 2017, p.11).

Desde os albores do século XX, a chamada sétima arte se espalhou profundamente pelo mundo, encantando e assustando cotidianamente inúmeras pessoas. Esta importante arte atingiu parte do cotidiano dos cidadãos florestenses e era vista como uma grande novidade no século XX.

O som da amplificadora do Cine Íris era a trilha principal das noites de entretenimento, divertimento e lazer em Nova Floresta. Entre uma conversa e outra, avistavam-se as paqueras das moças e rapazes na calçada do cinema. Além disso, via-se o grande fluxo de pessoas que

chegavam constantemente em frente ao espaço cinematográfico para socializar e prestigiar as exibições dos variados filmes exibidos.

Quanto à seleção musical tocada na difusora do Cine Íris, ouviam-se grandes nomes da Música Popular Brasileira (MPB), tais como Jackson do Pandeiro, Rio Negro e Solimões, Luiz Gonzaga (o Rei do Baião), Vanusa, Odair José, Cauby Peixoto, Emilinha Borba, Carmen Miranda, Marlene, Ângela Maria, Elizeth Cardoso, Inezita Barroso, Nora Ney, Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Wanderléa, Celly Campelo e o grande boêmio Nelson Gonçalves. Esses artistas faziam sucesso no rádio e na televisão brasileira na década de 1950.

Após o repertório musical, começava o prefixo sonoro principal para o início da sessão, *O Milionário*, da banda Paulista de rock *Os Incríveis*. Nessa altura, os moradores populares assíduos do cinema – Basto da barraca, Lourdes de Elói Claudiano, José Pereira e sua namorada, Maria de Bezinho – já haviam chegado. Neste momento, Hamilton Marinho, proprietário do cinema, iniciava a exibição dos filmes sob os olhares curiosos e felizes dos espectadores.

Dentre os filmes preferidos pelo público estavam: *Coração de Luto*, de Teixerinha, *Tarzan*, *Mazzaropi*, *Os Trapalhões*, *A Paixão de Cristo*, *Dio Come ti Amo*, filmes com o ator Bruce Lee e tantos outros que embalaram as noites de Nova Floresta e provocaram diversas emoções em seus espectadores.

Essa digressão constitui um bom mote para compreendermos melhor a história local de Nova Floresta, e principalmente conhecer algumas memórias afetivas dos espectadores do Cine Íris, que esteve em pleno funcionamento e presente no cotidiano dos Florestenses dos anos de 1959 a 1989. O cinema tratava-se de um ambiente de entretenimento e lazer com grande importância e significância para a cidade.

Para Pesavento (2017), em *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*, podemos considerar a cidade como um grande centro populacional. A cidade tem pulsação de vida e essas características a tornam indissociável do que significa ser humano, ou seja, cidade, lugar humano, cidade e trabalho coletivo. Impensáveis para os indivíduos, as cidades abrigam muitas pessoas e diferentes sensações, o que forma diversas estruturas de relações sociais. Como afirma a autora supracitada, “A cidade do passado é pensada através do presente, que se renova constantemente, seja através da memória/evocação individual ou coletiva, seja através de narrativas históricas que reconstróem o passado a cada geração” (p. 16). É neste sentido que uma cidade cria e escolhe o seu passado constantemente, constrói diretamente os seus mitos de origem, coleciona suas principais lendas, descobre os seus antigos ancestrais, elege os seus heróis fundadores e, principalmente, identifica com grandeza seu patrimônio histórico.

A história local oficial da cidade, por meio das riquíssimas contribuições da professora Angelita Dantas de Oliveira (2002), diz que os primeiros moradores da então vila de Nova floresta iniciaram seu processo de povoamento no final do século XIX. De acordo com a autora, por volta dos anos de 1870, na região da Serra do Cuité, numa pequena localidade rural, onde havia apenas uma simples moradia e por onde passava uma estrada carroçável chamada de *Estrondo*, iniciava-se o povoamento do que viria a ser a cidade Nova Floresta. Alguns recém-chegados à região decidiram povoar aquela localidade, entre eles estavam: Felinto Florentino de Azevedo, José Garcia Dantas e Benedito Marinho da Costa, que batizaram a localidade com a denominação atual.

Costa, H. (2011) relata que a cidade supracitada foi assim denominada em virtude de um pequeno episódio que ocorreu logo após a chegada de Benedito Marinho da Costa. Encontrando-se próximo à sua casa com o cidadão Manoel Claudino, Claudino perguntou: “O que está achando do lugar? ” Benedito respondeu: “É uma Nova Floresta”. A expressão foi bem aceita, e o lugar foi batizado com o nome que permanece até os dias atuais. Desde então, os primeiros moradores foram se estabelecendo, formando suas famílias e povoando a nova localidade.

Na primeira metade do século XX, a vila de Nova Floresta começou a mostrar seus primeiros sinais de prosperidade econômica. Em meados de 1927 foi construída a primeira casa do povoado, pertencente ao Sr. José Garcia Dantas, situada na rua São Severino, atualmente denominada de rua prefeito Felinto Florentino.

No referido ano, foi instalada “*A Simpatia*”, a primeira casa comercial da localidade, pertencente ao Sr. Benedito Marinho da Costa, que desde então impulsionou positivamente o comércio local por muito tempo. Nesse mesmo período a cultura de subsistência tornou-se a principal fonte de renda dos moradores da vila, como por exemplo, o cultivo e produção da farinha de mandioca nas diversas casas de farinhas espalhadas pelos arredores da localidade.

Conforme cita- Oliveira (2002), no ano de 1959, por intermédio dos senhores Felinto Florentino de Azevedo, Benedito Marinho da Costa e Francisco Estevam de Andrade, iniciaram-se as gestões políticas para a emancipação política de Nova Floresta, com o apoio total dos demais moradores. Em 30 de abril do referido ano, deu-se a elevação do distrito a categoria de município, por meio da Lei Estadual nº 2077, com o desmembramento do município de Cuité, ficando apenas com o termo judiciário pertencente à Comarca de justiça de Cuité. Em 6 de junho do mesmo ano, foi instalado o município de Nova Floresta, data que passou a ser comemorada como a data oficial de sua emancipação política.

Nova Floresta está localizada na Serra do Cuité, região do Curimataú Ocidental Paraibano, a cidade fica a 2 km da divisa com o estado do Rio Grande do Norte. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no último censo realizado em 2022, a população de Nova Floresta foi estimada em aproximadamente 9.724 habitantes.

Durante muitos anos, a cidade ganhou notoriedade nacional com a cultura do agave (sisal), o que impulsionou positivamente a economia e o desenvolvimento de Nova Floresta até o final dos anos 80. Além do mais, naquela época, o sisal, conhecido como o *Ouro Verde da Paraíba*, era exportado quase corriqueiramente para outras cidades e estados do Brasil. Outrossim, a cidade se tornou nacionalmente conhecida como a terra da abóbora gigante e também ganhou visibilidade na produção e cultivo do maracujá.

Torna-se importante dizer que a região do Curimataú Ocidental Paraibano se destaca por suas belezas naturais e por seu clima tipicamente semiárido, com baixa ocorrência de chuvas durante o ano. A região é formada por 12 municípios, destacam-se as cidades turísticas de Cuité e Picuí. A primeira, se evidencia pela realização do espetáculo teatral *A Paixão de Cristo*, no maior teatro ao ar livre da Paraíba, no período da Semana Santa, onde atrai milhares de paraibanos e demais pessoas dos estados vizinhos. Ademais, a cidade de Cuité se destaca pelo investimento no artesanato local e na prática do ecoturismo. Já Picuí é conhecida mundialmente como a terra da carne de sol, pois preserva a tradição do processamento deste produto de maneira familiar, passada de pai para filho, e o leva para as demais regiões do Brasil através dos restaurantes que levam o nome da cidade.

O primeiro contato dos Florestenses com a grande novidade da sétima arte ocorreu no final do ano de 1940. Inicialmente, os moradores ficaram admirados e perplexos com as primeiras imagens exibidas na vila através da máquina de projeção. Sobre isso, Dantas (2022) em *A História do Cinema em Nova Floresta*, apresenta suas contribuições acerca da chegada da sétima arte em Nova Floresta, bem como o surgimento do Cine Íris na localidade.

Ainda de acordo com a autora, no final do ano de 1940 aparece um cidadão de carro vindo da cidade de Picuí, na então vila de Nova Floresta, com uma parafernália contendo bateria, gambiarra, luzes, uma máquina de projeção e um rolo de filme. Ninguém sabia o que era aquilo, no entanto, ele procurou contatar um comerciante ali no centro da vila e disse-lhe do que se tratava: “É o cinema, um filme, é preciso ocupar um espaço fechado para exibi-lo, cobrarei a entrada, e as pessoas tem que trazer seus bancos e assentos” (DANTAS, 2022, p.15).

Nessa época, as práticas de cinemas itinerantes eram constantes nos pequenos vilarejos; a maioria das pessoas ficava admiradas e abismadas com a sétima arte. E foi no centro da vila que o Sr. Felinto Florentino de Azevedo, cidadão benquisto, comerciante, homem de espírito e

caráter empreendedor, progressista que lutava pelo desenvolvimento da vila, que ele cedeu o espaço de um pequeno armazém de sua propriedade para montar a sala de exibição para os moradores. Contudo, houve uma condição, o sr. Felinto Florentino exigiu que a sua cadeira fosse colocada na primeira fila, à frente da assistência. Ademais, era “Montada a sala, a gambiarra com as luzes à bateria (à época não havia iluminação pública), a máquina de projeção montada num tripé, o rolo do filme pronto para a projeção e as pessoas trazendo tamboretas para assistir à novidade” (DANTAS, 2022, p.15).

Dezenove anos após o primeiro contato dos Florestenses com a sétima arte, foi inaugurado o Cine Íris ou o cinema de Hamilton Marinho, como era popularmente conhecido por todos. O cinema significou um grande local de entretenimento para a cidade, pois era algo moderno, confortável, amplo e com assentos, um dos primeiros prédios de grande estrutura da cidade, onde antes funcionava uma casa de farinha pertencente à família Marinho. Entretanto, não foi apenas pela estrutura física do espaço cinematográfico que as lembranças do Cine Íris permaneceram tão relevantes nas memórias de seus moradores, pois este também era visto com um espaço de sociabilidades, entretenimento e lazer.

Através desses acontecimentos que levaram ao surgimento e funcionamento da sétima arte naquela localidade, bem como dos dados e fatos históricos a respeito de Nova Floresta, além de sempre ouvir as memórias dos espectadores que frequentavam o cinema, despertou-se em mim o interesse em pesquisar sobre as histórias, memórias, encantamentos, sensações e lembranças do Cine Íris, que se tornaram nosso objeto de estudo.

Os referenciais conceituais e teóricos, foram de primordial importância para a construção da nossa escrita. Fontes oficiais ou bibliográficas, que marcam de forma pertinente a recepção e as trajetórias do Cine Íris em Nova Floresta, são escassas. Porém, como nos dispomos a dialogar sobre um espaço cinematográfico, de vivências afetivas e encantamentos, percebemos que a utilização das memórias dos cidadãos, que falam deste espaço cinematográfico em Nova Floresta, associada ao método de pesquisa da história oral, poderiam ser bastante proficientes para nossa pesquisa. Aliás, a história oral desde o início da presente pesquisa, se torna o caminho mais viável e favorável, para retratar os sentimentos, as sensações e os encantamentos dos cidadãos.

As contribuições da fonte oral, consistem em analisar e conhecer as diversas narrativas orais, que são através das entrevistas, que nos permitem interpretar e ter acesso ao passado, como um campo propício para o estudo da subjetividade e das representações, vistos como capazes de agir sobre a realidade e sobre o entendimento do passado. “Como toda fonte histórica, a entrevista da história oral deve ser vista como um documento-monumento. Durante

muito tempo pensou-se em “documento”, como resíduo imparcial e objetivo do passado, a qual muitas vezes se atribuía valor de prova” (ALBERTI, 2005, p.183).

Para Nora (1993), a memória e história estão longe de ser sinônimos, que tudo se opõe. Memória é vida, sempre transportada por grupos vivos e sempre em perpétua evolução, aberta à dialética do lembrar e principalmente do esquecer. A história é sempre uma reconstrução problemática e incompleta de algo que já não existe mais. A memória é um fenômeno que está sempre presente, um elo que existe na história eterna do presente é o reaparecimento do passado. “A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica” (NORA, 1993, p.9). A memória se fixa no concreto, no espaço, no gesto e na imagem. A história só se liga as continuidades temporais; ou seja, a memória é um absoluto, a história só conhece o relativo.

Alberti (2005), nos remete à compreensão de que o dever primordial de qualquer historiador, é criticar o documento como monumento, seja ele independente de qual for, então podemos considerar e analisar, que o investigador das diversas técnicas de entrevistas, derivadas da metodologia da história oral deve ser capaz de desmontá-los, compreendê-los e principalmente de analisar os seus diversos conteúdos e produtos, a fim de usá-los com plena compreensão e convicção da causa.

Concordamos com as convicções de História oral, defendidas por Verena Alberti (2005), que é através das entrevistas de fonte oral que nos permite, interpretar e principalmente ter acesso ao passado. No caso de nossas entrevistas, serão de tendências retrospectivas; haja vista que os determinados moradores de Nova Floresta, e os expectadores que frequentaram o Cine Íris, terão de fato, a oportunidade de rememorar suas histórias, vivências e sensações que marcaram suas trajetórias no espaço do Cine íris e na cidade.

A calçada do Cine Íris, era o lugar de programa predileto entre os Florestenses de todas as faixas etárias; um espaço bastante convidativo tanto para quem queria se avultar, desfilando em seus trajes novos, bem como para quem intencionava ser notado por alguém especial. Essa prática de lazer e sociabilidades dos cidadãos, nos mostra a importância do Cine Íris no cotidiano dos Florestenses. Podemos considerar o cotidiano, enquanto aquilo que nos acontece a cada dia, em forma de determinadas rotinas, pessoais ou em partilhas coletivas, nos pressionando, nos oprimindo, mas também satisfazendo diversos anseios próprios da condição humana.

Para melhor compreendermos o conceito de cotidiano, Michel de Certeau, em *A Invenção do cotidiano* (1998), nos disponibiliza instrumentos consideráveis para se entender o cotidiano, enquanto palco de diversos modos e de tensões sociais. Para o autor, o cotidiano se



envolve de diversas táticas que enganam o tempo inteiro, as estratégias de dominação social desenvolvidas pelas classes dirigentes.

A tática é a atividade calculada e estabelecida como forma de sobrevivência e resistência dos subalternos em face de uma determinada ordem dominante. Conseqüentemente, é arte política exercida com independência e singularidade por diversos setores sociais populares, criativos e astuciosos. Segundo o autor, o cotidiano reveste-se de táticas que enganam o tempo inteiro, as estratégias criadas pela sociedade. Assim a tática

Aproveita as "ocasiões" e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar voos as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia (CERTEAU, 2008, p. 100 e 101).

A sétima arte é então transformada neste não-lugar, que é descrito na obra de Certeau (2008), e vai se tornar a principal maneira encontrada pela grande maioria das moças e rapazes, para ludibriar, iludir e enganar a autoridade de suas famílias, ou seja, a autoridade de seus pais, que previam diversas relações afetivas dotadas de determinadas limitações, e principalmente a renúncia aos apelos dos desejos afetivos- sexuais.

Para Certeau (2008), é o cotidiano como o pano de fundo temático de análises históricas, sociológicas e antropológicas, que pretende compreender melhor a vida social. Ou seja, o cotidiano nos remete constantemente à esfera pública e privada da existência humana, no qual se configuram determinadas permanências e transformações de práticas culturais e rituais tidos como costumes. Pode-se também ponderar, que o cotidiano está entrelaçado com as dimensões políticas e econômicas de determinadas sociedades.

O Cine Íris de Hamilton Marinho segundo as memórias de quem dele falam, foi o espaço na Nova Floresta plácida e comedida das décadas passadas, que nos remetemos quando a sexualidade pôde existir, ainda que de forma forjada, escondida e da visão do outro. Afinal, de acordo com (CERTEAU, 2008, p.101): “o poder se acha amarrado à sua visibilidade. Ao contrário, a astúcia é possível ao fraco e muitas vezes apenas ela, como “último recurso”. Podemos ponderar que a sétima arte implicou para grande parte da sociedade de Nova Floresta, em novas práticas, oportunidades de sociabilidades, entretenimento, diversão e principalmente de lazer em pleno século XX.

Heller, em *O cotidiano e a história* (2008), nos mostra que a história é a principal substância de uma determinada sociedade. A sociedade não tem outra entidade senão as pessoas que nela própria habitam, porque as pessoas são as portadoras da objetividade social e são responsáveis pela construção e herança de várias estruturas sociais. A substância inclui não apenas a essência, mas também a continuidade de toda a estrutura social heterogênea e a continuidade do valor. Portanto, podemos pensar que a essência da sociedade só pode ser a própria história, como afirma a autora:

Essa substância é estruturada e amplamente heterogênea. As esferas heterogêneas por exemplo, produção, relações de propriedade, estrutura política, vida cotidiana, moral, ciência, arte, e etc.; encontram-se entre si na relação de primário e secundário, ou, pura e simplesmente, na mera relação de alteridade. O desenvolvimento das forças produtivas é uma instância primária com relação ao desenvolvimento da estrutura total da sociedade; mas essa afirmação não implica em nenhuma articulação do tipo da par essência-aparência (HELLER, 2008, p.03).

Para Heller (2008), A vida cotidiana é cheia de inúmeros e diferentes desejos; e esses desejos são provavelmente capazes de ser moralmente inconsequentes. Dentre as principais características da vida cotidiana, é a espontaneidade que se faz presente no meio de uma determinada sociedade. Obviamente, nem toda atividade diária e sincera no próprio grau, deste modo, como uma mesma atividade não parece ser completamente espontânea em diferentes situações e em diferentes estágios de aprendizagem. Em todos os casos, porém, a simplicidade é a propensão de qualquer forma de atividade diária. A espontaneidade incorpora tanto a motivação específica para uma atividade, quanto a atividade humana geral que ocorre dentro dela.

A utilização de fontes iconográficas será algo constante nesta pesquisa; a utilização das mesmas, justifica-se pelos objetos dessas fontes em trabalhar com representações do real. As fontes iconográficas foram disponibilizadas dos arquivos pessoais do proprietário do cinema Hamilton Marinho, do grupo Memória coletiva de Nova Floresta, e do memorialista Kydelmir Dantas, como também de forma aleatória por alguns expectadores que vivenciaram aquela época. Os mesmos nos trazem informações primordiais, acerca dos acontecimentos que estão expostos nas fotografias. Em todo momento da nossa pesquisa utilizaremos as fotografias como fontes e documentos, a fim de estruturar melhor nossa escrita acerca do Cine Íris de Nova Floresta.

Para Cabral Filho (2011), é necessário buscar informações sobre as imagens fotográficas, não pelo risco de cair em devaneios, fantasias ou qualquer outra forma de

irrealidade, mas porque, em nossa opinião, é necessária uma vasta contextualização histórica que nos leve a compreender, que estas imagens não são apenas artefatos capazes de produzir os desejos ou imperativos do fotógrafo, mas são, portanto, também uma prática social e cultural relacional que, uma vez integrada no mundo, integra, reforça e perpetua o fluxo ininterrupto de experiências de vida. “Nossa posição face a face com a imagem nos coloca face a face com a história” (BURKE, 2004:17).

No capítulo I da nossa pesquisa, iremos fazer uma contextualização histórica, acerca da própria cidade de Nova Floresta, destacando como era a vida urbana antes e depois do surgimento do cinema; quais tipos de lazer que existiam na cidade naquela época; quais as memórias dos cidadãos acerca da cidade num antes e depois do cinema, e como girava a economia e a cultura local, quando o Cine Íris foi implantado. Além disso, iremos apresentar fotografias da paisagem urbana das décadas de 1940 a 1959, que visa retratar como ocorreu o processo de povoação da cidade.

As leituras selecionadas para compor esse primeiro momento do capítulo discorrem acerca da cidade de Nova Floresta. O principal objetivo é abordar através da história oficial e das histórias contadas, como ocorreu o processo de formação de Nova Floresta, a adoção de terras pelos primeiros moradores para as construções das primeiras residências da vila, e da construção da capela em honra ao santo padroeiro São Severino Bispo. Além do mais, procuramos compreender como foi o processo de transição, urbanização e desenvolvimento da então vila para cidade.

Apesar de escassas as fontes sobre a história da cidade, Santiago (1936) e Oliveira (2002), são de primordial importância neste primeiro momento da pesquisa. Ambos tentam dar suporte de como ocorreu o processo de formação da cidade desde seus primórdios. Algumas contribuições teóricas sobre as cidades são necessárias, Pesavento (2017), em *Cidades visíveis, cidades sensíveis e cidades imaginárias*, discute dois conceitos essenciais para esta pesquisa, os conceitos de cidades e o de memória. A autora aprimora observações sobre a visibilidade das cidades, seus lugares de origem, seus monumentos, documentos materiais de uma cidade de pedra que apontam de seus cidadãos.

No segundo momento deste primeiro capítulo pretendemos fazer uma contextualização da história do cinema, desde seus primórdios passando pelos irmãos Lumière, fazendo uma relação com a história do cinema no Brasil e a chegada do cinema na Paraíba. Além do mais, abordaremos como se deu a criação do Cine Íris em Nova Floresta; a escolha do nome do cinema; como os sócios proprietários se juntaram e quais as decisões para a criação e instalação do cinema na cidade. Analisaremos a lucratividade e como se adquiriam os rolos de filmes;

como era a relação do proprietário com os demais proprietários dos cinemas das cidades vizinhas; e se havia alguma legislação para se seguir e qual era o roteiro; quais filmes eram os mais assistidos e favoritos do público, e onde o Cine Íris foi instalado.

As leituras essenciais para compreendermos essa contextualização histórica do cinema, podem ser encontradas na obra de Costa, F. (2005), *O primeiro cinema, espetáculo, narração e domesticação*, que apresenta contribuições importantes acerca dos primórdios e do surgimento do cinema desde a antiguidade. “Quanto mais os historiadores se aprofundam na história do cinema, na tentativa de desenterrar o primeiro ancestral, mais eles são remetidos para trás, até os ritos e mitos dos primórdios” (COSTA, F. 2005, p.10). Qualquer marco cronológico, que os historiadores possam eleger como marco inaugural do surgimento da sétima arte será arbitrário.

Silvio Da-rin (2008) em *Espelho Partido* e Alice Dubina Trusz (2008), *Entre Lanternas Mágicas e Cinematógrafos, as origens do espetáculo cinematográfico em Porto Alegre 1861-1908*, apresentam contribuições riquíssimas sobre a manifestação da sétima arte pelo mundo, que a partir do final do século XIX, se espalha para lugares mais distantes. As fontes bibliográficas locais serão de importância para nos permitir conhecer o surgimento da sétima arte em Nova Floresta. Dantas (2022), em *A História do cinema em Nova Floresta*, nos remete aos finais dos anos de 1950 com a chegada, abertura e funcionamento do Cine Íris em Nova Floresta, se tornando um espaço de lazer, diversão e entretenimento em pleno século XX.

Pesquisar e escrever sobre a história do Cine Íris de Nova Floresta, nos levou a compreender os conceitos de história local nas perspectivas de determinados autores. Gonçalves (2017), afirma que a história local é um conhecimento histórico, que gera uma consciência das relações entre as ações dos sujeitos individuais ou coletivos em um lugar, e é medida pela sua magnitude como unidade. Por sua vez, a constituição desses lugares manifesta-se nas ações das pessoas e do mundo, ou seja, no decorrer da sua experiência histórica, que inclui o ato de nomear, ou seja, identificar e principalmente localizar o lugar onde se vive.

Segundo Bourdin (2001), o local seria um recorte eleito por todos aqueles que desejam refletir, sobre determinadas experiências específicas dos sujeitos humanos, em espaços sociais definidos, pelo conhecimento matemático das proporções, que ao estabelecer medidas e grandezas identificadas como uma unidade. Podemos considerar que o local pode estar associado a uma aldeia, a uma cidade, a um bairro, a uma instituição, a escolas, universidades, hospitais, e por vezes, a um espaço político-administrativo, como distritos, freguesias, paróquias e municipalidades.

No capítulo II da nossa dissertação, iremos apresentar no primeiro momento, como o Cine Íris influenciará e modificará o cotidiano dos cidadãos de Nova Floresta. Destacaremos qual o público consumidor que frequentava aquele espaço de lazer e diversão; quais foram as principais mudanças ocorridas na cidade e no modo de viver das pessoas; além disso, analisaremos como alguns filmes, atores e atrizes de Hollywood influenciaram o cotidiano, os hábitos, costumes e os comportamentos dos cidadãos de Nova Floresta.

Para entendermos sobre o conceito de lazer, Souza, A. (2001), em *Lazeres permitidos, prazeres proibidos: Sociedade, Cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)*, relata que os diferentes grupos sociais passaram a frequentar novos espaços em busca de entretenimento, mas também em busca de um pouco de cultura e relaxamento, haja vista que os determinados locais de lazer e diversão, são projetados contendo esses três aspectos em mente. Joffre Dumazedier (1979), em *Sociologia empírica do lazer*, nos aponta que o lazer é um fenômeno da sociedade moderna relacionado ao desenvolvimento do modo de produção capitalista, acarretando diversas mudanças na alocação e no uso do tempo.

É perceptível que em algumas sociedades os sujeitos não são e não deveriam ser, considerados meros consumidores indefesos de bens produzidos por associações de produção, mas sim produtores de bens culturais ou reorganizadores dessa produção. “Ao consumirem os produtos impostos por uma ordem econômica e dominante, os sujeitos produzem formas de comportamentos que em geral, são astuciosas, dispersas, silenciosas, e pouco claras, mas que os ajudam a fugir ou à dominação que lhes tentam impor” (SOUZA, A. 2001, p. 14).

No segundo momento do capítulo II, abordaremos como foi o impacto na economia de Nova Floresta, com a chegada da sétima arte; e como a atividade de exibição dos filmes, afetou cotidianamente o modo de vida da cidade; além disso discutiremos como as pessoas, passaram a consumir outros produtos para frequentar o cinema; destacaremos através das entrevistas como os cidadãos se comportavam no cinema; e se haviam algumas exigências para frequentar o espaço por parte do proprietário.

As leituras para compor esse segundo momento do capítulo II, teremos como base as referências dos autores locais. Fonseca (2019) em *A vida fora da tela: práticas sociais e culturais decorrentes do contato com o Cine Íris na cidade de Nova Floresta – Paraíba (1959-1989)*, e Costa, H. (2011) *Memórias e Retalhos*, apontam contribuições primordiais para compreender o impacto do cinema nas vidas das pessoas, além de discutir fatos importantes acerca do Cine Íris na cidade.

O cinema foi uma das essenciais formas de divertimento, entretenimento e lazer de Nova Floresta, além de incentivar e impulsionar o turismo e a economia local durante os mais de

trinta de anos que esteve em pleno funcionamento, além de ser o principal responsável por transformar o cotidiano, costumes e o modo de vida das pessoas de uma pequena cidade interiorana.

No terceiro e último capítulo analisaremos o espaço urbano de Nova Floresta, a partir das décadas de 1980 a 1990; iremos analisar o desenvolvimento da cidade em termos de urbanização, população, economia, educação e cultura. Além de analisar as diferentes formas de comportamentos dos moradores, com o surgimento das novas formas de lazer e entretenimento na cidade.

O aporte teórico do capítulo III, baseia-se nas contribuições primordiais dos estudos dos teóricos de Michel Pollak (1989), *Memória, Esquecimento, Silêncio* e de Pierre Nora (1983), *Entre Memória e História: A problemática dos lugares*. Esses estudos trazem importantes contribuições acerca da memória individual e coletiva, fazendo determinadas conexões com o estudo da história

Para Pollak (1989), o trabalho de enquadramento de determinadas memórias, depende principalmente do material fornecido pela história. Esse trabalho reinterpreta constantemente, o passado à luz da luta entre o presente e o futuro. Podemos considerar de fato, que o trabalho permanente de reinterpretação de um determinado passado, está incluído principalmente nos requisitos de credibilidade.

Para Nora (1983), a memória é vida, sempre transportada pelos grupos vivos no sentido de que está em perpétua evolução, aberta a dialética da memória e do esquecimento, inconscientemente consciente de suas contínuas metamorfoses, suscetível a todos os usos e manipulações, vulnerável a longos períodos de latência e de diversos ressurgimentos repentinos.

No segundo momento do capítulo III iremos analisar e explorar como foi o surgimento das novas tecnologias em Nova Floresta, como por exemplo, a televisão, o vídeo cassete e dos aparelhos de DVDs, e logo em seguida a internet; além de analisarmos como a população teve acesso e aderiu rapidamente ao uso das novas tecnologias de consumo; discutiremos como foi o impacto e as estratégias do proprietário do cinema Hamilton Marinho, com a decadência do Cine Íris, analisaremos também como foi o fechamento definitivo dos cinemas interioranos, e principalmente os motivos que levaram à decadência e posteriormente ao fechamento das portas do Cine Íris de Nova Floresta, no ano de 1989.

No último momento deste capítulo iremos explorar as memórias que os entrevistados trazem, as alegrias, emoções, sensações e tristezas ao se falar do Cine Iris. Analisaremos, através dos depoimentos saudosistas dos moradores, quais eram as classes sociais que mais

frequentavam o espaço cinematográfico de Nova Floresta; como aconteciam os flertes e os namoros no cinema, como as pessoas se comportavam e se vestiam para frequentar o cinema. Apresentaremos como base principal, as contribuições e entrevistas dos cidadãos e dos historiadores locais, que fazem parte do contexto dessa escrita.

Discutiremos o conceito de memória, remontando às memórias individuais e coletivas dos espectadores a respeito do Cine Íris. Relacionaremos à história do Cine Íris com as entrevistas, discutiremos a inclusão social e exclusão, e analisaremos as entrevistas a partir dos depoimentos dos moradores de Nova Floresta. Analisaremos a migração de alguns moradores de Nova Floresta para outras cidades, e a relocação dos cinemas em grandes cidades como João Pessoa Campina Grande e Natal. Vale ressaltar que esses acontecimentos deixaram grandes marcos e saudades na vida e principalmente na memória dos seus cidadãos.

Era neste espaço cinematográfico, que se reunia boa parte dos cidadãos, um ponto de encontro para a juventude, espaço de lazer e entretenimento para as crianças (quando o conteúdo cinematográfico permitia), homens, mulheres, idosos, ricos, pobres, intelectuais, analfabetos e etc. Tanto os ricos como os pobres iam frequentemente ao cinema, porém, o primeiro grupo de pessoas faziam com mais assiduidade, de forma quase religiosa, para os menos favorecidos financeiramente, ir ao cinema era raro, pois na maioria dos casos o valor cobrado pelos ingressos era caro impossível para a maioria deles.

Apesar de não ter sido frequentado por todos os cidadãos da cidade o Cine Íris de Nova Floresta ou cinema de Hamilton Marinho, foi desejado por muitos, causando uma grande comoção e saudosismo na memória dos cidadãos daquela pacata cidade do interior da Paraíba, que estava em processo de urbanização, desenvolvimento econômico e cultural.

## **1. Do Estrondo nasce a vila de Nova Floresta: O Desenvolvimento Local e os espaços de lazer antes da chegada do Cine Íris.**

“As cidades fascinam. Realidade muito antiga, elas se encontram na origem daquilo que estabelecemos como os indícios do florescer de uma civilização: a agricultura, a roda, a escrita, e os primeiros assentamentos urbanos”. (PESAVENTO, 2017).

As cidades sensíveis são as principais responsáveis, em dar sentido e significado principalmente ao espaço e ao tempo, que acontece na e por causa da cidade. “É neste processo que o espaço se torna um lugar, um portador de tantos significados e de memórias; começamos a pensar a cidade como uma metrópole, uma realidade urbana que, desde o seu surgimento, desencadeou uma revolução na vida, no tempo e no espaço.” (PESAVENTO, 2017, p.15).

É nessa fundamental perspectiva que criamos determinadas categorias de cidadãos e excluídos para expressar diferenças visíveis e perceptíveis no ambiente urbano, criando novas identidades baseadas em gestos, olhares e palavras qualificadoras; falamos de progresso ou atraso, distinguimos o velho e o antigo, construímos o conceito de patrimônio e agir sobre ele e protegê-lo, ou em nome da modernidade redesenhamos uma cidade para renová-la através da destruição.

A história oficial local de Nova Floresta nos diz que por volta dos anos de 1930, a pequena vila já caminhava em busca de desenvolvimento econômico e territorial. De acordo com Oliveira (2002), o sr. João Nilo Dantas (João Cazuzza), adquire vários lotes de terras e constrói sua casa no recém povoado, agricultor e benemérito, o mesmo faz a doação de lotes de terras para os outros moradores para construções de casas, contribuindo de forma importantíssima com o crescimento do povoado.

Costa, H. (2011), afirma que as pessoas que vinham fazer suas compras na Serra do Cuité, o seu pai Benedito Marinho da Costa, convidava para virem morar naquela recente localidade embalados pelo grande crescimento da então vila. Um desses moradores foi o senhor José Canuto que veio residir em Nova Floresta, juntamente com sua família e chegando ao local, comprou a propriedade denominada de sitio *gamelas* (COSTA, H. 2011. p.3). Hoje importante comunidade pertencente à zona rural do município.



Para Samuel (1990), em sua obra *História local e História oral*, a História local requer um tipo de conhecimento diferente daquele apontando no alto nível de desenvolvimento nacional, e dá o pesquisador uma ideia imediata do passado. Ele encontra a história dobrando as esquinas e descendo as ruas. Ele pode ouvir seus ecos no mercado, pode grafitar nas paredes e pode seguir seus passos nos campos. “A história local tem também a força popular tanto como uma atividade quanto como uma forma literária.” (SAMUEL, 1990, p.221). Como afirma o próprio autor, as pessoas constantemente se perguntam onde moram e como viveram seus ancestrais.

As pessoas têm aguçado o senso de herança, valorizando a iconografia, velhos contratos de aprendizagem ou cartões de dia de namorados, medalhas de bronze por frequência, cartões postais de férias, e, uma vez a curiosidade tenha sido estimulada, elas poderão ficar ansiosas por ajudar, remexendo nos velhos papéis para ver o que podem cavar, submetendo-se a questionários detalhados e oferecendo voluntariamente informações (SAMUEL, 1990, p.222).

Os memorialistas e autores locais recorrerão às reflexões acumuladas sobre as suas experiências de vida, e não é por acaso que muitas outras histórias e acontecimentos de vilas ou freguesias, foram escritos por homens e mulheres, desde clérigos e advogados, que estiveram ativamente envolvidos em determinados acontecimentos locais, até ativistas de movimentos comunitários do passado até hoje.

Vale salientar, que no decorrer da nossa escrita acerca da fundação de Nova Floresta, pode-se notar por parte dos historiadores, memorialistas e escritores locais, uma tentativa de exaltação às famílias tradicionais da época, além dos políticos, advogados, fazendeiros e comerciantes, como os principais responsáveis por fundar e dar visibilidade à cidade. Excluindo diretamente as famílias mais pobres; como o pedreiro, o agricultor, o feirante e a dona de casa, além dos homens e mulheres, que ocuparam seus espaços e construíram suas famílias com grandes sacrifícios, além de lutarem pelo crescimento e desenvolvimento do lugar.

Certeau (1998), apresenta contribuições importantes para entendermos os conceitos de lugar e espaço. Na visão do autor lugar e o espaço são as esferas nas quais as experiências de controle social e resistência se concretizam. O lugar é definido como a ordem, segundo a qual os elementos se distribuem nas relações de convivência. Aí reina a lei da apropriação, e os elementos em consideração existem lado a lado, cada um na sua posição única definida por ela. Podemos pensar em lugares como configurações instantâneas de locais e sugerir sinais

de estabilidade. O lugar representa a localização, estabilidade, configuração de localização e a ordem de alocação (seja lá o que for), elementos de uma relação de convivência.

Em síntese, podemos considerar que o espaço é o lugar praticado. Dessa forma as ruas definidas pela geometria do urbanismo são transformadas em espaço pelos pedestres. “Do mesmo modo, a leitura é o lugar da prática – o espaço da escrita construída por meio do sistema de signos um escrito (CERTEAU, 1998, p.202)”. Resumindo, o espaço para Certeau é a prática, modo de lugar ou assunto mudar de suas dotações, carreira e experiência. Por exemplo, não haverá vários espaços, mas apenas lugar fixo. O espaço pressupõe um lugar de vibrante deslocamento, ele é um "viajante de móveis" como tal, é um lugar para de fato praticar.

Santiago (1936), afirma que a partir do ano de 1935, o sr. Felinto Florentino de Azevedo doava o terreno para a construção da capela da vila em honra a São Severino Bispo, que viria ser o padroeiro do lugar. No dia 20 de outubro do referente ano é celebrada a primeira missa na pequena vila de Nova Floresta, presidida pelo Padre Luiz Santiago da Paróquia de Nossa Senhora das Mercês de Cuité. Abaixo colhemos a fotografia da primeira igreja de São Severino Bispo, que ficava localizada rua São Severino, em meados dos anos de 1940.

**Imagem 1 – Primeira Igreja Católica de Nova Floresta localizada na rua São Severino. Na calçada da igreja alguns moradores posam para a fotografia em meados de 1940**



**Fonte:** Grupo Memória Coletiva de Nova Floresta

Com a vila de Nova Floresta em grande processo de desenvolvimento urbano e econômico, o número de moradores da localidade foi aumentando com o passar dos anos. Tão logo que a partir da década de 1940, os moradores se reuniram com o intuito de reconstruir a capela de São Severino Bispo; haja vista, que a grande maioria dos moradores da vila naquela época eram praticantes do catolicismo e devotos fervorosos do santo padroeiro da localidade.

Costa, H. (2011), nos remete que por volta da década de 1940 reuniram-se adultos de ambos os sexos, além de meninos e meninas, para apanharem pedras na propriedade de Felinto Florentino. Toda a tarde Felinto Florentino tocava o sino de mão convocando os moradores da vila para saírem em busca das pedras. As pedras trazidas pela população eram levadas para a frente da igreja para serem utilizadas na reconstrução da capela. Abaixo colhemos a fotografia da rua Felinto Florentino de Azevedo, antiga rua São Severino em meados dos anos 1950.

**Imagem 2 – Rua Felinto Florentino em meados dos anos de 1950, nos primeiros anos pós emancipação política de Nova Floresta. Nota-se a igreja já reformada e a recente cidade crescendo e se modernizando.**



**Fonte:** Grupo Memória Coletiva de Nova Floresta

Essa rua principal de Nova Floresta vivenciou inúmeros momentos importantes da história da cidade. Foi através dessa rua que se deu origem ao povoado, foi ali então, que os primeiros moradores se instalaram e construíram as primeiras residências; além de ser inaugurada a primeira casa comercial da localidade *A Simpatia*, algumas bodegas, lanchonetes e sorveterias. “Perante as imagens fotográficas, experiências coletivas ou pessoais, que não se encontram em quaisquer outras modalidades de fontes, vieram à tona; o que permite pensar

não apenas na transformação do passado, mas na sua ampliação através de informações inéditas” (CABRAL FILHO, 2011, p.4).

A referida rua abrigou por muitos anos algumas atividades sociais de lazer importantes. Nesse período os Florestenses festejavam e vivenciavam momentos de sociabilidade intensos; momentos estes que pareciam ser de primordial importância para que seus moradores recuperassem as suas energias, empregadas nas determinadas atividades econômicas que ocupavam boa parte dos moradores.

Além disso a referida rua foi espaço de importantes festas da cidade, como a Festa do Padroeiro São Severino Bispo, celebrada no dia 20 de outubro, as comemorações da Emancipação Política da cidade, comemorada no dia 06 de junho, e os desfiles cívicos em alusão aos dias 7 de setembro e 15 de novembro. A partir dos anos de 1950 a cidade de Nova Floresta começou a vivenciar um tempo de muita movimentação social e foram surgindo determinados espaços de lazer que impactaram o cotidiano dos moradores.

Podemos considerar o lazer como uma das grandes inovações da sociedade contemporânea, diferentemente do descanso, o lazer é uma atividade que todos realizam em um determinado período de tempo. Um período de tempo e determinados espaços são dedicados a esta importante prática; considerando que ele é realizado de maneira distinta de acordo com as diferentes classes sociais na qual uma pessoa ou um determinado grupo de pessoas se encontram inseridos.

Para Dumazedier (2008), o lazer é um fenômeno da sociedade moderna associado ao desenvolvimento dos modos de produção, levando a mudanças na alocação e utilização do tempo. As relações sociais não são mais orientadas pela religião, pela tradição ou pelos costumes arraigados, mas pela lógica do trabalho produtivo, que gera a divisão social do trabalho e a divisão social do tempo. O trabalho tornou-se a principal atividade exercida pelos seres humanos, enquanto o tempo livre (ou seja, o tempo de lazer) foi separado do tempo de trabalho e de outras atividades obrigatórias. Nesta perspectiva conforme o autor, o lazer oferece ao indivíduo determinadas possibilidades das pessoas fugirem das cansaças físicas.

O lazer oferece ao homem as possibilidades de as pessoas libertar-se das fadigas físicas, ou nervosas que contrariam os ritmos biológicos da pessoa. Ele é poder de recuperação ou ensejo de flanação. Oferece a possibilidade de a pessoa libertar-se do tédio cotidiano que nasce das tarefas parcelares repetitivas, abrindo o universo real ou imaginário do divertimento, autorizado ou interdito pela sociedade. O lazer permite que cada indivíduo saia das rotinas e dos estereótipos impostos pelo funcionamento dos organismos de base; abre o caminho de uma livre superação de si mesmo e de uma liberação do poder criador, em contradição ou em harmonia com os valores dominantes da civilização (DUMAZEDIER, 2008, p. 96 – 97).

O autor acredita que o lazer deve ser entendido como uma série de atividades que os indivíduos realizam por vontade própria, após cumprirem com todas as atividades obrigatórias. As atividades de lazer nem sequer são obrigatórias e destinam-se a proporcionar à pessoa ativa prazer e satisfação pessoal, seja através da diversão, do descanso ou do desenvolvimento livre e desinteressado das capacidades físicas e mentais.

A partir da segunda metade do século XX foram surgindo alguns espaços de divertimento e lazer em Nova Floresta, antes da chegada do Cine Íris. Sobre a criação destes importantes espaços, Oliveira (2002), nos fala que a partir dos anos de 1950, foram fundados espaços de lazeres de grande importância na vila que marcaram profundamente o cotidiano dos Florestenses.

Em 11 de fevereiro de 1951 é fundado o Nova Floresta Clube espaço amplo, moderno, agradável e de grande estrutura para os padrões da época, que ficava localizado no centro da vila. Além disso o local foi por muitos anos palco dos tradicionais bailes de carnavais, pastoril e as famosas festas de debutantes, muito comuns na época. Vale ressaltar que o Cine Íris na década de 1960 funcionou no Nova Floresta Clube. Abaixo colhemos a fotografia do Nova Floresta Clube no ano de 1951.

**Imagem 3 – Nova Floresta Clube, no ano de 1951. Nota-se na imagem, o senhor Felinto Florentino e família e o padre José de Barros em frente ao prédio.**



**Fonte:** Grupo Memória Coletiva de Nova Floresta.

No ano de 1952 é inaugurado outro espaço de lazer importante que fez parte do cotidiano dos cidadãos de Nova Floresta. Costa, H. (2011), relata que antes do Cine Íris o sucesso em Nova Floresta foi a Muirapiranga, primeiro som na região instalado por Menésio Dantas que foi uma coisa extraordinária para época. Programas, ofertas de músicas para os casais apaixonados, aniversariantes, debutantes e as festas eram outra coisa com a chegada do aparelho de som. Dumazedier (2008), destaca que com a redução gradual da jornada de trabalho e a ênfase nas atividades de lazer entre todos os setores da sociedade, certas associações esportivas de entretenimento e culturais tornaram-se dominantes.

Nos primórdios do século XX, essas associações permaneciam em geral muito ligadas as divisões políticas e religiosas: havia os vermelhos, de um lado, e os azuis de outro. Depois com o desenvolvimento das noites dos fins de semana, das férias, do tempo livre da aposentadoria, uma massa de associações e de grupos centrados antes de tudo em espetáculos e em práticas amadoras tornaram-se preponderantes. Vimos que hoje em dia há mais membros nas sociedades esportivas do que em todos os sindicatos reunidos. Neste contexto, que tende a limitar de agora em diante o campo das batalhas políticas. Colocou-se cada vez mais o problema de um novo tipo de controle social, que chamamos de educação e que chamamos hoje de animação (DUMAZEDIER, 1994, p.159).

A partir dos finais dos anos de 1940 e início dos anos de 1950, a sétima arte já começava a dar seu ponto pé inicial na Serra do Cuité. Dantas (2022), afirma que no ano de 1948 é instalado na cidade de Cuité, o Cine Borborema pertencente ao Sr. João Córdula que ficava localizado na rua da feira onde durante os finais de semana, alguns Florestenses se deslocavam da vila com destino a Cuité, com o intuito de acompanhar as exibições no cinema da cidade. Vale salientar que nem todos os moradores da vila se deslocavam para acompanhar o cinema em Cuité pois o percurso era através de uma estrada carroçável, intransitável e de difícil acesso.

Com o passar dos anos o cinema itinerante do sr. Rafael Costa da cidade de Picuí, se encarregava de exhibir os primeiros filmes a serem projetados de fato em Nova Floresta. “O sr. Rafael Costa trazia uma pequena máquina de projeção de 8 mm, movido a manivela e sem som e parava o carro no centro da vila, o maior contato dos moradores da localidade com o chamado Cinema Mudo” (DANTAS, 2022, p.60).

Pudemos notar que o Sr. Rafael Costa foi uns dos pioneiros da sétima arte na região, inaugurando o *Cine Guarany* no ano de 1952 em Picuí, considerado umas das melhores salas de exibição do interior Paraibano da época. No documentário *O Contador de Filmes*, dirigido

pelo diretor Elinaldo Rodrigues, o cinéfilo Ivan Araújo da Costa (Ivan Cineminha) relata o pioneirismo do seu pai no cinema na região do Curimataú Paraibano e nas cidades vizinhas no Rio Grande do Norte: “com uma máquina de projeção de filmes de 16 mm, papai fazia o cinema itinerante projetando filmes em Nova Floresta –PB, Coronel Ezequiel-RN e Campo Redondo-RN.” (DANTAS, 2022, p.60).

Foi a partir do final dos anos de 1950 que a sétima arte se estabeleceu definitivamente no cotidiano dos moradores de Nova Floresta com o surgimento do Cine Íris. Vale salientar, que quando o cinema chegava numa determinada localidade trazia consigo encantamento, emoções e uma inevitável mudança de costumes e comportamentos, inspirada nas imagens que mostravam as novidades da moda e os hábitos mundo afora, evocados principalmente pelos filmes e seus artistas.

### **1.1 Os primórdios da sétima arte: O primeiro cinema e os irmãos Lumière**

Podemos pensar a trajetória de desenvolvimento da sétima arte partindo de representações em tempos pré-históricos, passando pela antiguidade e principiando nos tempos modernos especialmente nos séculos XIX e XX, quando novas descobertas nos campos da ciência e da tecnologia tornaram o cinema possível. Vale ressaltar que o cinema é em si uma importante indústria de entretenimento, diversão, arte e lazer.

Costa, F. (2005), afirma que o cinema tem sua origem na era pré-histórica do período Paleolítico, quando surgiram os primeiros registros de pinturas rupestres e pinturas rupestres planas. Assim como nossas modernas salas de cinema, as cavernas foram construídas como “ambientes escuros e fechados, acusticamente isolados, distante da interferência de qualquer tipo de iluminação solar ou sonora” (COSTA, F. 2005, p. 9). Ou seja, naturalmente escuros e fechados, reunindo condições e tempo ideais. Determinados autores acreditam, que estudos relacionados ao Paleolítico, sugerem que esses locais eram utilizados além de habitação e entretenimento, adequavam-se ao registro e a visualização de imagens.

Para Da-Rin (2008), a invenção do cinema ao longo do tempo foi uma série de experimentos, tentativas, erros e acertos decorrentes da ciência da óptica e das invenções do início do século XVII, marcando um período de grande progresso tecnológico. Baseadas em lanternas mágicas e pesquisas ópticas, as invenções vistas pelo público em determinadas feiras e exposições mundiais, marcaram uma longa história de descoberta de novas formas de fazer imagens.



Souza, L. (2016) salienta, que antes da produção de imagens em movimento, a fotografia era utilizada como expressão para imagens estáticas. Retratando inicialmente situações comuns do cotidiano das pessoas, a fotografia rapidamente passou a ser utilizada para ilustrar relatos de viagens beneficiando-se dos avanços em determinados equipamentos de produção, reprodução e exibição de imagens. “Essas imagens foram exibidas principalmente em feiras e exposições na Europa em meados do século XIX e estavam associadas ao apelo visual de representar ilusões e exibições voltadas para entender os anseios do público” (SOUZA, L. 2016, p.13).

A partir do final do século XIX surgiram os primeiros equipamentos cinematográficos inequívocos com os quais surgiram a origem, a invenção e o modo de funcionamento da produção e reprodução de imagens, bem como a estrutura da indústria cinematográfica. Podemos considerar a sétima arte como tendo percorrido um extenso caminho de mudanças, transformações, desafios, descobertas e experimentações.

Da-Rin (2008) afirma que a sétima arte teve sua origem na antiguidade paleolítica, entrou no período do Renascimento com a invenção da câmera escura. O século XVII viu o avanço dos slides e da pesquisa óptica e terminou no século XIX, entre os quais principalmente no final do período ocorreram avanços significativos em melhorias nos equipamentos de gravação e reprodução de imagens.

Podemos afirmar que a criação e reprodução da sétima arte se dá por meio de experimentos nessas áreas. Invenções científicas, elétricas e mecânicas, avanços tecnológicos, cria uma fusão de invenções que impulsionam as origens culturais e a expressão artística, bem como o trabalho científico e técnico dos investigadores do movimento. Gradualmente novas formas de linguagem e histórias foram criadas combinando com a criação cinematográfica.

Para Trusz (2008), o cinema surgiu como uma nova tecnologia de percepção, reprodução e representação, e se tornaria uma mercadoria cultural produzida e consumida em grande equivalência. Neste importante processo, se constituiu também um novo espaço de encontro social na esfera pública, o que coincidiu com a sua representação e afirmação como um novo gênero espetacular. “O cinema foi uma nova manifestação de uma predisposição de consumo que administrou o século antecedente; o cinema foi um expoente de ajustamento de determinadas descobertas científicas para fins de entretenimento.” (TRUSZ, 2008, p.21).

A grande maioria dos historiadores e pesquisadores consideram como os pioneiros da sétima arte no mundo, os irmãos Auguste e Louis Lumière. A partir do ano de 1895, em Lyon na França, os irmãos exibiram um filme de animação chamado *A chegada do trem na estação*.



O público era composto por pessoas que utilizavam instrumentos óticos e recursos relacionados à fotografia, e por isso dependiam de tais inovações modernas, logo de início o público mostrou-se surpreso e incrédulo, com a dificuldade de colocar em prática essa invenção.

Inicialmente, os próprios irmãos acreditavam que sua grande invenção seria utilizada, mais para determinadas pesquisas científicas do que para o lazer. Haja vista, que a grande maioria das imagens captadas nesse período com o maior realismo possível, seriam bastante úteis numa análise do comportamento animal da vida urbana e rural e dos fenômenos climáticos, etc.

Além dos irmãos Lumière outros nomes podem ser considerados como pioneiros da sétima arte no mundo; a exemplo do americano Thomas Edison. O ponto de partida da pesquisa de Thomas Edison relacionada à imagem foi o fonógrafo; o fonógrafo foi projetado para reproduzir som e é “como aparelho de entretenimento, à base da moeda para audição musical individual com o fone de ouvido” (DARIN, 2008, p. 23-24).

Além disso, Thomas Edison inventou o Kinetoscópio, uma máquina que funciona com moedas e com display separado para exibição de filmes. Através de diversas modificações a máquina foi adaptada para usar raios de luz para projetar filmes e reproduzir imagens em superfícies planas e coloridas.

Para Souza, L. (2016), Thomas Edison e seu assistente Willian Dickson, trabalharam internamente com auxílio de iluminação artificial no Black Maria Studio. O equipamento de filmagem da época ainda era volumoso e resistente, e as lentes não eram muito sensíveis à luz. “Devido a esta instabilidade da lente, são permitidas poderosas fontes de luz artificial para registrar as imagens mais nítidas e reproduzir lutas, danças, acrobacias, curiosidades, locais exóticos, coisas estranhas, animais ou apresentações teatrais populares, comédia, musicais e apresentações circenses.” (DARIN, 2008, p. 24).

Em contraste com a posição interior de Thomas Edison, os irmãos Lumière eram sensíveis à magia do ar livre, procurando traçar o que acontecia no cotidiano das cidades. Lumière inventou a câmara cinematográfica (uma câmara leve alimentada por uma manivela), em 1895, tornado possível mover facilmente o dispositivo de um local para outro para registrar as ações dos cidadãos europeus no seu cotidiano. Trusz relata que com o passar dos anos os filmes se tornaram muito atrativos por causa de seus conteúdos.

O cinema se tornaria mais interessante pelos conteúdos de seus produtos, os filmes, demonstrando a sua grande capacidade como meio de comunicação e

aproximação entre o grande mundo e a vida cotidiana dos espectadores que deslumbram as imagens naquelas salas de projeções. As imagens cinematográficas expressavam igualmente a aceleração e a decorrente sensação de fugacidade do tempo (TRUSZ, 2008, p.95).

Costa, F. (2005), define este momento da sétima arte como “*Primeiro Cinema*”, estendendo-se dos anos de 1894 a 1915. Esse período é caracterizado pelo fato de os primeiros filmes terem cenários não narrativos e serem “profundamente dependentes de outras formas culturais, como o teatro popular, a mídia, as histórias em quadrinhos e as palestras sobre as lanternas mágicas” (DARIN, 2008, p.29).

De acordo com Ferro (1997), as classes dominantes nas sociedades ocidentais, compreendendo o impacto do cinema na opinião pública procuraram subordiná-lo aos seus interesses políticos. No entanto, o país não está sozinho no reconhecimento do poder do cinema sobre as massas. Quando vários cineastas independentes começaram a fazer filmes que iam contra a ideologia dominante do país, viram o que Ferro chama de contra poder nas exhibições de filmes. Estes cineastas, consciente ou inconscientemente, servem uma causa, uma ideologia, quer a questão seja levantada abertamente ou não.

Segundo o próprio autor uma vez que a sétima arte se tornou uma grande tecnologia, seus pioneiros começaram a irromper na história: “Ao mesmo tempo, desde que o cinema se tornou uma arte, seus pioneiros começaram a intervir na história com filmes, documentários ou romances. Desde a sua origem, sob a aparência de representação, doutrinação e embelezamento.” (FERRO, 1997, p.13).

Conforme Souza, L. (2016), a história do cinema, os avanços nas pesquisas ópticas, as invenções de dispositivos de produção e reprodução de imagens de Thomas Edilson, dos Lumière, bem como o desenvolvimento da imagem em movimento resultaram a partir do início do século XIX, mais precisamente no ano de 1910-1913, através dos trabalhos de D.W. Griffith, numa inflexão na produção cinematográfica. Ou seja, *o cinema de atrações*, filmes que não se preocupam com a narrativa, mas apenas com a exibição, muitos com duração inferior a um minuto.

No chamado cinema de atrações cabe ressaltar que as atrações que normalmente são exibidas ao público, também contêm apresentações de espetáculos ou eventos públicos, chamados de atualidades. Seu objetivo é manter o público informado sobre as notícias, fatos e acontecimentos do dia. Nos primórdios do cinema, o termo atualidade era usado como sinônimo de documentário, um erro que não era apenas superficial, mas também obscurecia o importante papel da atualidade como dispositivo cinematográfico. “Revelar e possibilitar uma

nova percepção daquele mundo agitado, articulando-se com as notícias, os relatos e as fabulações que circulavam em outros meios de comunicação e informação. ” (DA-RIN, 2008, p. 31).

A partir desse período o cinema se livrou da lógica comercial dos filmes de atração. Com o avanço da tecnologia e o amadurecimento da linguagem cinematográfica e com os desenvolvimentos dos filmes narrativos, os cinemas começaram a se consolidar em termos de equipamentos e tecnologia de filmagem alcançando prestígio da alta sociedade no início do século XX.

Desde então surgiram diversas empresas de turismo comercial utilizando as imagens produzidas para ilustrar um outro mundo, o antigo e o novo, os transportes, a chegada da eletricidade e do turismo de massa, em paralelo com o desenvolvimento desenfreado dos grandes centros urbanos, com ênfase principalmente para países como Estados Unidos, França e Inglaterra.

A sétima arte para além do aspecto de fábrica de produtos formados de imagem e, posteriormente, de som, era também uma forma de aprendizado cultural que conseguia num único e dinâmico processo unir dança, música, teatro, ginástica, ópera arquitetura, pintura e escultura num todo harmônico que criava a ilusão de que aquele mundo existia de verdade e que podia ser copiado em qualquer parte do planeta.

Segundo Moura (2014), o cinema foi uma das mais geniais invenções do homem, a mais jovem de todas as artes nascida de uma vulgar técnica de reprodução mecânica da realidade, não poderia escapar da condição a que todas as grandes invenções humanas se submetem; a de tentar transpor os limites da humanidade. Podemos ressaltar, que o cinema trouxe inúmeros impactos que afetaram a sociedade, exercendo diversos efeitos gigantescos na transformação do cotidiano, dos comportamentos, costumes e dos modelos de vida de várias populações, espalhadas por todo o planeta.

## **1.2 A Originalidade da sétima arte no Brasil: o cinema Direto e seus percursores na Paraíba**

A sétima arte no Brasil chega quase pressurosamente, apenas seis meses depois da sua estreia na Europa, ou seja, no final do ano de 1896. O fato é que nesse período o Brasil era

muito atrasado tecnologicamente para dar suporte a tal novidade recém-chegada da Europa. Os problemas com as exibições eram inalteráveis diante disso a grande maioria dos brasileiros passaram a se animarem com as novas imagens trazidas do moderno, que apareciam para se firmar como uma grande novidade às vésperas do século XX.

Moura (2014), afirma que nesse período o Brasil se encontrava em situação de incrível retardamento tecnológico, econômico e político, estávamos ainda arraigados a um sistema escravocrata e um regime político monárquico, só abolidos em 1889 respectivamente com a Proclamação da República. O país era essencialmente agrário e as maiorias das cidades ainda pouco desenvolvidas, o fato é que o Brasil era ainda muito vagaroso tecnologicamente para padecer a recém novidade chegada da Europa.

A primeira grande exibição da sétima arte no Brasil foi realizada no mês de julho de 1896 no denominado *Cinema Paris*, no espaço convertido hoje no Teatro Glauber Rocha, no Rio de Janeiro. A demonstração utilizando uma máquina chamada *Omniographo*, aumentou o mesmo modelo europeu mostrando ao grande público brasileiro, diversas imagens da vida cotidiana e paisagens exuberantes em movimentos considerados simples.

Moura (2014), em 1897 o imigrante italiano Paschoal Segreto construiu a primeira sala de cinema do Rio de Janeiro, então capital do Brasil. Um dos primeiros filmes a ser lançado em terras cariocas foi produzido por Afonso Segreto, que rodou o filme na Baía de Guanabara. No mesmo ano surgiram outros aparelhos que eram chamados de *Animatographo*, *Vidamotographo*, *Biographo*, *Vitascopio* ou mesmo *Cinematographo*. Essa última denominação se iguala mais com a que temos hoje para o cinema, é provavelmente dela que tem ascendência o termo.

Estes aparelhos são apresentados primeiramente na então capital Rio de Janeiro, logo em seguida Petrópolis, São Paulo e em outras cidades brasileiras, consideradas maiores e importantes. Na região Nordeste não se sabe com precisão, quando essa grande novidade do cinema se instaura de fato. No início do século XX, a grande novidade da chamada sétima arte, desembarca no Recife, e assim como outras cidades as projeções ocorriam em lugares improvisados.

No ano de 1898 durante as comemorações da unificação da Itália, os filmes foram exibidos continuamente em São Paulo. “Curiosamente, toda a atividade cinematográfica que aconteceu no Brasil (especialmente no Rio de Janeiro) nesse período, foi realizada por diversos imigrantes principalmente os imigrantes italianos” (MOURA, 2014, p 72).

Conforme Dantas (2022), a evolução da sétima arte ultrapassou o imaginado por seus percursos, e quebrou diferentes barreiras que atrapalhavam sua ascendência. Haja vista, que

em poucos anos já estava consolidando-se nos diversos continentes no mundo, e no Brasil chegava aos albores do século XX, para se estabelecer em definitivo a partir da metade deste século. Além do fascínio das telas e dos movimentos do chamado “Cinema Mudo”, havia influência nos costumes, com a clara inclinação para a moda europeia da França, Inglaterra e para a música, que era empregada em conformidade com o desenrolar da película e da história, ali projetada na tela das salas escuras.

Nas décadas de 1910 a 1920, o Romantismo se desdobrava na tela muda acompanhado de música de um pianista solitário ou de uma pequena orquestra, composta principalmente por piano, violino e raramente percussão, além de imagens na tela, a sétima arte também apresentava diversas histórias hilariantes no Brasil, durante as exhibições dos filmes, que foram de grande importância para a sua divulgação.

Ramos (2005), afirma que os primeiros filmes brasileiros da década de 1910 até a década de 1930 refletiram a necessidade de nos diferenciarmos dos filmes estrangeiros, e principalmente buscarmos algo próprio, ou de copiarmos a linguagem dos filmes estrangeiros, tentando traduzi-los o mais próximo do nosso tema (campo – estilo brasileiro). “É por isso que as características rurais ainda dominam embora que existam algumas tentativas isoladas de retratar diferentes temas urbanos. “Quando os temas ligados às cidades são tratados, o principal objetivo é exaltar a sua organização e beleza como índice de civilidade” (RAMOS, 2005, p.02).

A partir da década de 1950 considerada a época de ouro do cinema brasileiro, com o surgimento das primeiras produtoras cinematográficas brasileiras, vários filmes alcançaram fama nacional e internacional. Podemos destacar o filme, *O Cangaceiro*, dirigido por Lima Barreto, filme esse que trouxe notoriedade ao cinema brasileiro com forte ênfase nas perspectivas regionais e ganhou o Festival Internacional de Cinema de Cannes de 1953, como melhor filme de aventura e melhor trilha sonora *Mulher Rendeira* (Domínio Público - Zé do Norte). O sucesso em Cannes fez com que o filme fosse vendido para mais de 80 países e vendido para a Columbia Pictures, somente na França, O filme *O Cangaceiro* passou cinco anos em ascensão.

Outro filme de bastante visibilidade foi *O Pagador de Promessa* (1962), sendo este considerado o carro chefe e impulsionador da sétima arte em nosso país. Filme de direção do Cineasta Anselmo Duarte, a filmografia foi agraciada com a premiação *Palma de Ouro do Festival de Cannes* e indicado para o Oscar. A partir daí o filme foi motivo e incentivo, para que pudessem surgir novos trabalhos cinematográficos em terras brasileiras.

Nas telas brasileiras as grandes comédias musicais e as famosas chanchadas, eternizaram a grande atriz Brasileira e cantora Carmem Miranda, além dos comediantes Otelo

e Oscarito. “Fora delas, o Brasil já tinha o interesse de criar uma Hollywood tupiniquim, com filmes como *ALÔ, ALÔ, CARNAVAL*: que foi de grande sucesso mundial, de direção de Adhemar Gonzaga, e produzido no ano de 1936.” (DANTAS, 2022, p.45).

Para Ramos (2005), ao longo do caminho pelas linhas gerais deste panorama, pode-se inferir que a representação da temática rural e urbana, no cinema brasileiro é acompanhada por diversas reflexões sociológicas, políticas e ideológicas, de uma determinada época para outra dos cineastas. As percepções sobre seu ofício e a maneira como viam a essência do Brasil mudaram.

Ao longo do século XX foram surgindo no Brasil alguns núcleos regionais de produção cinematográfica, por exemplo nas cidades de Taubaté-SP, Belo Horizonte – MG, Pelotas – RS, Campinas-SP, Porto Alegre- RS, Cataguases –MG e Recife – PE. Ao longo década de 1920, e até meados de 1933, identificar-se uma enorme produção cinematográfica, que pode ser observada em diversas partes do Brasil, e não apenas nos principais centros urbanos. “Apesar da grande enxurrada de filmes hollywoodianos que inundava o mercado brasileiro apontavam uma resistência ainda que precária, e sem estrutura econômica, técnica e artística do cinema nacional” (MOURA, 2014, p.75).

A partir da década de 1950 ano do lançamento do sistema televisivo brasileiro, surge no país o “Documentário Direto”, com o objetivo de participação social e principalmente política em larga escala diante de determinados temas discutidos, devido ao apelo social compromete-se aos determinados entrevistados, principalmente às suas histórias, fatos e depoimentos.

Conforme afirmou Souza, L. (2016), o cinema direto utiliza uma linguagem mais próxima do personagem, auxiliando na compreensão da vida do informante. Equipamentos avançados, simples de operar, leves, compactos e flexíveis, permitem transportar enquadramentos montados no ombro e tomadas ousadas, afetando assim a forma narrativa da composição da cena. “Direto é baseado nas palavras de pessoas comuns que até então não tinham voz reconhecida no cinema” (SOUZA, L. 2016. p. 41).

No Brasil o cinema direto foi influenciado por grandes centros de produções cinematográficas, como por exemplo, Estados Unidos, Canadá e França. Países que foram importantes referências não apenas no campo cinematográfico, mas principalmente em outros campos como na literatura, nas artes plásticas, pintura, música, dança, drama teatro e arquitetura.

Da-Rin (2008), ressalta que mesmo com essas influências internacionais a produção do documentário direto no Brasil, ainda possui diversas características únicas, além de abordagens

centradas nas questões sociais, políticas e culturais do povo brasileiro, no estilo de vida simples das classes sociais desfavorecidas, e principalmente das pessoas comuns e suas tradições.

Nesse período as produções brasileiras já anunciavam um estilo próprio feito num país tropical, com muita luz, com cultura única e um estilo cinematográfico diferenciado, com foco principalmente nas tradições populares. Nesse sentido, dois documentários podem ser considerados os precursores, da produção do documentário direto no Brasil, no final dos anos de 1959 e início da década de 1960, como por exemplo, *Arraial do Cabo*, de Mário Carneiro e *Aruanda* dirigido pelo paraibano Linduarte Noronha. Enquanto o documentário direto, teve sucesso inicial nos países desenvolvidos, Arraial do Cabo e Aruanda não mantiveram diálogo com as novas linguagens dos países centrais.

Na Paraíba, o documentário direto surgiu na segunda metade da década de 1970, mais especificamente no ano de 1979, com o documentário de José Umbelino e Romero Azevedo *O que eu conto do sertão é isso*, numa abordagem direta na estilística inaugurada nos anos de 1960. O documentário apresenta o método direto do estado, que pela primeira vez utilizou o som sincronizado a câmera.

Para Moura (2014), a sétima arte vai se alicerçar definitivamente no século XX como uma grande novidade e principalmente como um espaço de sociabilidade, entretenimento e lazer no Brasil. Haja vista, que as famosas salas de projeções que foram criadas, lotavam diariamente seus espaços e a grande maioria das pessoas ficavam enfurecidas e curiosas, e arrumavam-se para frequentá-las como se fazia para ir ao teatro ou uma festa.

Três anos após a primeira exibição dos irmãos Lumière em Paris, a sétima arte virou sucesso na capital Paraibana. A partir do ano de 1898 foram exibidos os primeiros filmes vinculadas a Festa de Nossa Senhora das Neves, padroeira da cidade, que é comemorada todos os anos no dia 05 de agosto. Nessa época um dentista italiano radicado na Paraíba, fez suas primeiras exibições cinematográficas em uma das casas do centro da Paraíba do Norte, como afirma Leal.

Numa de suas casas, já na esquina com a rua Peregrino de Carvalho, um dentista italiano, Nicola Maria Parente, fez, pela primeira vez na Paraíba, exibições cinematográficas. A festa de Nossa Senhora das Neves, neste final do século, teve com o aparecimento do cinema, novos motivos para até a chegada da nova festa, em 1898, sair do seu lugar comum (LEAL, 1989. p.15).

De acordo com Souza, L. (2016), as salas de cinema surgiram na década de 1910, para exibir filmes para a elite social e grupos desfavorecidos, durante esta década as salas de cinema estavam localizadas nos centros das cidades e bairros e populares. Na década de 1950, os

chamados cines clubes reuniam gerações para assistir e discutir filmes. A cultura cinéfila era formada por jovens e adultos orientados pelos os padres vindos da Europa. Vale salientar, que os cines clubes eram locais de encontro para a produção de filmes. Sobre esses locais de encontros, denominados de cines clubes, Leal relata.

Os cines clubes eram a continuação das atividades do Centro Dom Vital e principalmente, a JUC, isto é, Juventude Universitária Católica, apoiados na estrutura administrativa, de dinamização de Organização das voluntárias, vivendo, então, seus maiores dias, pela presença, no seu comando, de Dona Alice de Almeida, esposa do Governador José Américo de Almeida (LEAL, 1989, p.65).

Podemos considerar que o pioneiro e principal responsável pela promoção da produção cinematográfica na Paraíba, foi o fotógrafo Walfredo Rodrigues, que documentou os acontecimentos da região através de suas filmagens e trabalhos fotográficos. Ou seja, manifestações populares, acontecimentos políticos, demografia social e crescimento populacional das principais cidades do interior Paraibano.

Souza, L. (2016) ressalta que a partir do ano do ano 1929, Rodriguez realizou diversos filmes. Entre eles, podemos destacar o filme *sob o céu nordestino*, apresentando um estilo documental expositivo. O filme retrata a riqueza cultural e social da Paraíba, sob uma perspectiva jornalística, em resposta ao preconceito existente contra o sul e sudeste em relação a região Nordeste.

A partir dos meados do século XX, os famosos ciclos regionais chegam de fato a região Nordeste do país. É nesse período que o cinema chega com um atraso de mais de trinta anos a todos os recantos do Brasil, alguns com a mínima estrutura e condição para recebê-lo, como é o caso da pequena cidade de Nova Floresta, no interior da Paraíba. Vale ressaltar que a população local recebeu o cinema com grande novidade e estranheza, e vislumbrou-se com o estranho aparelho que exibia filmes e projetava diversas imagens.

### **1.3 Da Casa de Farinha ao Cine Íris**

A partir da segunda metade do século XX percebe-se uma grande expansão da sétima arte no país. Esse aceleramento foi visível em algumas regiões do Brasil, e não apenas nos grandes centros. Foi nesse período que a novidade que já tinha feito história se espalharia e



tornaria um importante espaço de entretenimento, lazer e convívio em outras partes do país, até mesmo no Curimataú da Paraíba, como é o caso da pacata cidade de Nova Floresta.

O Cine Íris surge através dos amigos Hamilton Marinho da Costa e Manoel Belo (cinéfilos), no final dos anos cinquenta. Ambos, tiveram a brilhante ideia de comprar uma máquina de projeção 16 milímetros, e trazer para exibir filmes na cidade. Na época o cinema só funcionava nas cidades vizinhas de Picuí (Cine Guarani) e Cuité (Cine Altas). Os moradores de Nova Floresta que quisessem ter acesso à grande novidade da sétima arte, tinham que se deslocarem para ambas as cidades. Naquela época a locomobilidade era muito difícil, o acesso era feito através de estradas de barro, e também não tinha tanta disponibilidade de transportes para as pessoas se locomoverem de uma cidade para outra. Havendo essa necessidade, o sonho dos dois amigos foi posto em prática, como nos relata através de suas memórias, o proprietário do Cine Íris, Hamilton Marinho da Costa.

A criação do Cine Íris foi uma coisa sem programa, essa foi aleatoriamente, surgiu quando eu fui nomeado agente fiscal e estava na frente da minha casa, Manoel Belo que gostava muito do cinema, e na época não tinha dinheiro e sabendo que eu gostava também de cinema, eu ia passando e me chamou para comprar uma máquina de 16 milímetros para a gente instalar um cinema em Nova Floresta; aceitei e entramos como sócios e compramos uma máquina na cidade de Campina Grande, trabalhamos juntos por muito tempo; não fomos pioneiros, porque tinha os cinemas de Picuí e Cuité, de Jovino Pereira, que depois se juntou, movimentando o cinema das duas cidades (COSTA, 2019).<sup>1</sup>

As primeiras sessões do Cine Íris em Nova Floresta foram realizadas em um armazém sem estrutura física, pequeno e improvisado, que ficava localizado no centro da cidade. Vale salientar que para assistir os filmes, os fregueses se acomodavam pelo o chão do espaço, ou nos seus próprios bancos e tamboretas que traziam de suas residências. “Depois, já providenciando a aquisição de alguns bancos, os filmes passaram a ser exibidos no Nova Floresta Clube.” (COSTA, H. 2011).

A partir de 1960 com o cinema em processo de ascensão na cidade, o Sr. Benedito Marinho (pai de Hamilton), forneceu o espaço de um antigo armazém no qual funcionou por muitos anos uma casa de farinha, que foi desativada devido ao declínio da cultura da mandioca e o advento da cultura sisaleira. Todo espaço da antiga casa de farinha foi reformado e transformado no prédio no qual viria ser o espaço do Cine Íris.

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida por COSTA, Hamilton Marinho da. Entrevista I. (09.2019). Entrevistador: Moisés da Silva Azevedo. Cuité-PB, 2019. Arquivo mp3.

Valer ressaltar, que Hamilton Marinho vinha de uma família bastante tradicional e política da cidade, filho de Leopoldina Marinho da Costa e Benedito Marinho da Costa; produtor rural e um dos pioneiros da cultura sisaleira na região do Curimataú e Seridó Paraibano. Benedito Marinho, participou ativamente da política local, sendo um dos representantes de Nova Floresta na Câmara de vereadores de Cuité, onde seria eleito pela UDN (União Democrática Nacional) em 1947.

No ano de 1955 foi reeleito vereador também pela UDN, além de participar ativamente no processo de emancipação política de Nova Floresta, que ocorreria no dia 30 de abril de 1959, e tornando-se o primeiro prefeito constitucional eleito do município, no dia 02 de agosto de 1959.

No ano de 1965 o Cine Íris é reinaugurado num novo espaço, amplo e confortável, bem localizado e adaptado, seguindo os modelos dos cinemas europeus. Com o aumento do fluxo de pessoas o proprietário faz aquisição de uma casa vizinha ao cinema para abrigar as bicicletas dos espectadores. O sr. Wanderley Azevedo relata a cerca desse momento de ampliação do cinema.

Lembro que eu tinha uma bicicleta Monark do ano de 1973 e saía nela, lá do sítio Boi Morto, para assistir os filmes no Cine Íris. Pois bem, o bicicletário foi excelente para aqueles que vinham de bicicleta dos sítios. Certa vez, eu e o amigo Zé Selenquém contamos aproximadamente 53 bicicletas antes do início das projeções (DANTAS, p. 87, 2022).

Neste período o cinema de Nova Floresta começava a ganhar bastante notoriedade e destaque como uma grande opção de lazer, diversão e entretenimento, na região do Curimataú e Seridó Paraibano, como também na região Trairi do vizinho Estado do Rio Grande do Norte. Abaixo colhemos uma fotografia da rua onde ficava localizado o prédio do Cine Íris.

**Imagem 4: Rua Benedito Marinho, na década de 1960, onde ficava localizado o Cine Íris. Nota-se o prédio do Cine Íris no lado direito, o prédio dos Correios e mais à frente a feira central da cidade**



**Fonte:** Grupo Memória Coletiva de Nova Floresta.

As sessões cinematográficas no Cine Íris aconteciam normalmente aos sábados, domingos e aos feriados. Durante esses dias a população se reunia para acompanhar as novidades que a sétima arte proporcionava. Observamos a seguir, os relatos do proprietário Hamilton Marinho da Costa, que recorda com muita satisfação e saudosismo, como foi o processo de escolha do nome que viria a ser denominado de Cine Íris.

Me lembro, quando instalei o cinema, ficou aquela história de colocar um nome, houve sugestão de colocar o nome de cine guarani e outras sugestões de nomes, mas depois a gente ficou olhando o problema do cartaz, e um nome muito comprido e difícil, ficava extenso demais para chamar atenção do público, e foi meu irmão e Nino Belo, irmão de Manoel Belo (meu sócio), achou que esse nome Iris seria ideal para chamar atenção, e deu vida ao cinema (COSTA, 2019).<sup>2</sup>

Conforme salientou Dantas (2022), com a aquisição da nova máquina de projeção de 36 milímetros para os filmes em Eastman Collor (filmes a cores), Hamilton passou a contar com a ajuda de Zé de Benedito, que fez e adaptou os carreteis grandes para que não ficassem mudando os rolos e o filme não fosse interrompido. Com a mudança do projetor de 16 milímetros para 36 milímetros, levou um período para se adequar ao manuseio do novo projetor, como aborda Hamilton Marinho da Costa.

A mudança do projetor de 16 m/m, para 36 m/m foi radical: no maquinário e no manuseio com os filmes. Comprei um projetor de 36 m/m, usado, e Zé de Benedito fez a montagem. Fui buscar um técnico em Campina Grande, já éramos amigos, e levou-se um dia e uma noite, com Zé acompanhando todos

---

<sup>2</sup> Entrevista concedida por COSTA, Hamilton Marinho da. Entrevista I. (09.2019). Entrevistador: Moisés da Silva Azevedo. Cuité, 2019. Arquivo mp3

os detalhes. O cinema, é claro, só funcionava graças ao seu talento, suas alterações para melhor (COSTA, H. 2011, p.62).

Por muito tempo a sétima arte se mostrou de fato como um dos principais difusores de informações do século XX. Haja vista, que os espectadores podiam acompanhar nas telas do cinema as diversas informações trazidas em tempo real, e ter principalmente um resumo bastante atualizado das principais notícias que aconteciam no Brasil e no mundo.

Vale ressaltar, que nesse período o rádio e a televisão eram considerados artigos de luxos, e praticamente a grande maioria dos moradores da localidade, não tinha condições financeiras para adquirir esses meios de comunicação, pois os moradores dependiam praticamente de uma pequena renda, baseada na cultura de subsistência para sustentar suas famílias. Portanto nesse período o Cine Íris se tornou por muito tempo o grande percursor das notícias em Nova Floresta.

Após um curto período a parceria dos amigos cinéfilo chegava definitivamente ao fim, e a partir desse período em diante, o sr. Hamilton Marinho se torna o único possuidor definitivo do Cine Íris. Abaixo colhemos uma fotografia da família Marinho no início dos anos sessenta, defronte com o prédio do Cine íris que ficava localizado na rua Benedito Marinho, S/N, no centro de Nova Floresta.

**Imagem 5: Hamilton Marinho (proprietário do cine íris), sua esposa Elcy e Leopoldina Marinho, defronte ao prédio do cine íris em pleno século XX**



**Fonte:** Arquivo pessoal de Hamilton Marinho da Costa

De acordo com Souza, A. (2001), o direito de divertir-se faz parte constantemente da busca plena pela felicidade humana, e essa felicidade é tão importante quanto ao direito do indivíduo de ir ao trabalho. Os homens para viverem felizes, necessitam principalmente do seu momento de lazer, diversão e felicidade.

O direito de divertir-se é tão importante quanto ao direito ao trabalho, a alimentação ou à habitação, pois entendemos que os homens não são apenas objetos de trabalho ou produção e reprodução da força de trabalho, mas que o ato de se divertir, sem maiores constrangimentos, seja de ordem financeira ou moral, também faz parte da grande busca pela felicidade humana (SOUZA, A. 2001, p.2).

O Cine Íris foi uma das mais importantes formas de entretenimento, socialização e lazer de Nova Floresta em pleno século XX, atraindo um grande número de espectadores durante seus mais de trinta anos que esteve em pleno funcionamento. Podemos considerar de fato que a sétima arte na atualidade, é uma prática constantemente diária, que faz parte diretamente das diversas opções de lazer, diversão e entretenimento urbano, desde os seus primórdios no final do século XIX.

#### **1.4 O Avanço e o Progresso do Cine Íris de Nova Floresta.**

O cinema surgiu como parte da cultura do consumo e do espetáculo emergentes no contexto da indústria capitalista. Foi durante o século XX, que a grande novidade da sétima arte se tornou parte permanente de uma cultura emergente, adaptando-se principalmente a ela e formando-a numa interdependência contínua, que continua até os dias atuais em todo o planeta.

Constatar-se, que na segunda metade do século XX o Cine Íris passou definitivamente a ser um programa rentável, ou seja, com um grande rendimento satisfatório para a família Marinho, se tornando uma empresa familiar, com fins lucrativos, com intuito principalmente de obter lucros financeiros em suas atividades. Nesse período as exhibições dos filmes, atraíam um grande público para aquele espaço cinematográfico.

Podemos considerar que acima de tudo, o proprietário do Cine Íris Hamilton Marinho era um empresário, de espírito empreendedor e obviamente esperava obter um retorno satisfatório do seu investimento, e a atividade de exibição de filmes para ele, era antes de tudo

um meio de conseguir ganhar dinheiro, mas do que a realização de um sonho pessoal, como analisavam muitos dos proprietários de cinema do período analisado.

Para Samuel (1990), a história local não se escreve por si mesma, mas, como qualquer outro tipo de um projeto histórico, depende da natureza da evidência e do modo como é lida. Tudo pode variar constantemente, desde a escolha do tema até o conteúdo dos parágrafos individuais. Toda a forma de trabalho pode ser determinada antes pela doação de um método particular, ou a derivação da estrutura social.

De acordo com Dantas (2022), a divulgação dos filmes do Cine Íris começou com a colocação dos cartazes dos filmes que seriam exibidos, defronte ao prédio do cinema; posteriormente além do cartaz, se pintavam em telas os títulos dos filmes, além das horas de projeções e a censura para os assistentes, ou seja, nesse período eram espalhadas as telas dos filmes em pontos estratégicos da cidade. Deste modo, os moradores conseguiam ter acesso aos filmes que seriam exibidos a noite no cinema. Abaixo colhemos a fotografia do cartaz do filme *Detetive Mixuruca* defronte ao prédio do Cine Íris.

**Imagem 6:** Exibição do cartaz do filme *Detetive Mixuruca* no início dos anos de 1970. Nota-se na fotografia alguns dos moradores da cidade defronte ao prédio do Cine Íris.



**Fonte:** Arquivo pessoal de Hamilton Marinho da Costa

As fitas cinematográficas do Cine Íris vinham diretamente do Recife, que na época era o polo regional responsável pelo abastecimento e distribuição de fitas para todos os cinemas da região Nordeste. Além de cartazes de filmes havia propagandas em alto-falantes nas ruas



da cidade anunciando os filmes e os horários de exibição. “Hamilton Marinho modernizou um carro de sua propriedade com equipamento de áudio com microfones e alto-falantes (o famoso Boca de Ferro) e saiu anunciando os filmes na cidade” (DANTAS, 2022, p. 62). Abaixo colhemos a fotografia do equipamento de som utilizado por Hamilton e sua família, nas divulgações dos filmes e da programação do cinema.

**Imagem 7 – Fotografia do alto falante que fazia as divulgações do Cine Íris. Nota-se a família Marinho (Em pé: Elcy e Ramilton. Sentados: Railton e Leopoldina), defronte o veículo variant 2741 em meados dos anos de 1970.**



**Fonte:** Arquivo pessoal de Hamilton Marinho da Costa

O Cine Íris de propriedade de Hamilton Marinho, começou suas respectivas atividades na cidade de Nova Floresta no final da década de 1950, mesmo ano de inauguração da TV Tupi no Brasil, e a partir da década de 1960 podemos perceber a visão de empreendedor do proprietário, abrindo uma filial do Cine Íris na cidade vizinha Jaçanã – RN. Na década de 1970, Hamilton Marinho tornou-se acionista do cinema da cidade de Cuité, o famoso *Cine Altas*, em parceria com o Senhor Jovino Pereira da Costa.

Dantas (2022), inicialmente, o cinema da cidade de Jaçanã começou a funcionar no armazém de propriedade do comerciante Manoel Marques, num prédio vizinho a sua bodega, na rua principal. Naquele espaço não existiam cadeiras nem bancos, e cada espectador teria que levar os seus tamboretos, bancos e assentos de suas residências, para acompanhar as sessões cinematográficas.

Em meados da década de 1960 Hamilton Marinho alugou um pequeno quarto situado na avenida Francisco de Paula, principal artéria urbana que liga as cidades de Jaçanã- RN e Nova Floresta – PB, aparelhando o prédio com bancos de madeiras e providenciado a inclinação do piso final da sala que como consequência natural, deu mais conforto aos espectadores. Esta mudança ocorreu ainda no início das construções de casas da referida avenida.

Vale ressaltar, que tanto no Cine Íris de Nova Floresta e sua filial em Jaçanã, os filmes ali exibidos eram predominantemente os famosos faroestes americanos e chanchadas brasileiras e mexicanas. As chanchadas é um gênero cinematográfico que atingiu seu apogeu entre as décadas de 1930/1950. Este gênero cinematográfico inclui comédias musicais, mixadas com enredos de filmes policiais e de ficção científica. Os atores desses velhos filmes eram; Oscarito, Ankito, Grande Otelo, Zé Trindade, Mazzaropi e Cantinflas, sendo que este último era considerado um famoso ator mexicano.

Os filmes com Tarzan eram um espetáculo à parte e faziam também um grande sucesso naquela época. Porém, o que mais fascinavam os cinéfilos daquela época, eram os velhos e famosos seriados rodados antes de cada filme. O início da venda dos ingressos era a partir das 19h00 e as sessões só começavam às 20h30. Os filmes de maiores frequências foram: A paixão de Cristo, O Ébrio, com Vicente Celestino; Coração de Luto, com o cantor Teixeirinha e tantos outros filmes que foram sucessos na época. Sobre esse período o popular Edmundo Eugênio relata.

Os filmes eram rodados aos sábados e logo pela manhã, um funcionário do cinema de seu Hamilton vinha deixar o cartaz do filme, daquele dia, para conhecimento da população. Os filmes eram acondicionados em rolos (Geralmente três rolos para cada filme e mais um do seriado semanal). E aqui vai outra curiosidade. O mesmo filme e constantes dos mesmos rolos passavam, simultaneamente, em dois cinemas de cidades diferentes. Era comum iniciar um filme no cinema da cidade de Nova Floresta –PB, para depois começar o Cine Íris de Jaçanã – RN. Na medida que terminava um rolo em Nova Floresta, o funcionário de Hamilton corria velozmente de bicicleta para Jaçanã levando a fita (DANTAS, 2022, p.95).

Para Dantas (2022), outro fato interessante é que naquele período a grande maioria das fitas dos cinemas quebravam frequentemente, obrigando os operadores a modifica-las constantemente, sob os veementes protestos do público presente. A fragilidade daquelas fitas, eram consequência natural que isso acontecia pelo excesso e repetitivo uso dessas fitas nos cinemas interioranos do Brasil.



Podemos afirmar que o Cine Íris teve um impacto profundo na vida de muitas pessoas que o assistiram. Por mais de trinta anos o cinema foi o centro cultural de uma pequena comunidade trazendo diversas apresentações culturais, musicais, magia, hipnose, teatro, artistas da moda e filmes que espalharam e refletiram gostos, desejos, comportamentos, identidades e consumo, no mundo banhado pela nova ética de um capital, que se globalizava e destruía ou interagía com culturas, valores, éticas e crenças locais.

O Cine Íris fez parte do cotidiano dos moradores de Nova Floresta, dos seus relacionamentos que aconteciam em frente à tela, esteve presente nos laços de amizades, que deixaram marcas nas memórias de acontecimentos e tempos anteriores, como cenas de um filme favorito ainda recordadas nas memórias dos seus cidadãos. É como se o antigo prefixo musical *O MILIONÁRIO*, abrisse uma porta para um passado moderno que parece longínquo e profundamente alterado, mas que sempre desperta algumas lágrimas, alguns sorrisos, encantamentos e diferentes memórias, que são contadas constantemente por seus antigos frequentadores.

## **2. O Cine Íris e o cotidiano dos Florestenses: mudanças de hábitos, costumes e comportamentos dos Florestenses, na segunda metade do século XX**

A partir da década de 1960 o cinema se torna uma prática bastante popular nas grandes e pequenas cidades interioranas do Brasil, afetando principalmente o cotidiano das cidades e de seus moradores. Nesse período o hábito de ir ao cinema não era ainda uma prática tão comum em Nova Floresta, mas a novidade era ainda um venerável acontecimento em tanto para os moradores daquela recém emancipada cidade, como também para aquelas pessoas que vinham de sítios próximos e das cidades circunvizinhas.

Pesavento (2017), argumenta que as cidades eram onde as coisas sempre aconteciam, seja pelo o desenvolvimento dessas determinadas forças capitalistas ou fosse pela expansão dos mercados de trabalho nos maiores centros urbanos, para onde afluíam os egressos do regime escravista, ou ainda por um processo mais amplo, de modernização e de redefinição das relações entre o campo e a cidade. De acordo com esta posição as cidades pareciam ser em determinados momentos os principais locais de acumulação de capital e centros de transformação capitalista mundial.

A cidade era vista a partir de suas determinadas dimensões espaciais, mas também por meios de processos socioeconômicos precisos; nelas eram onde ocorriam o processo de produção do capital, onde surgiam as diversas relações capitalistas e, em virtudes de escolhas teóricas, as classes sociais se enfrentam. Há também, apreço mútuo e o processo contínuo de dominação e subordinação. “A cidade é, portanto, o contexto desse importante processo em que a renovação de determinadas esferas nacionais e das formas de ação política também ocorreram nos movimentos sociais e urbanos (PESAVENTO, 2017, p. 13).

Nessa perspectiva, percebemos que as cidades são antes de tudo a materialidade construída pelo homem e principalmente por suas determinadas ações perante a natureza. Nesse sentido, a cidade é a outra parte da natureza, algo explicitamente criado pelo homem como obra ou artefato seu. É através dessa materialidade das formas urbanas que encontramos a sua representação icônica e priorizada, seja através da verticalidade dos determinados edifícios ou através dos contornos ou dos espaços construídos, ou seja através das redes de artérias e estradas que se cruzam numa determinada planta ou mapa.

As cidades também são consideradas sociais envolvendo diferentes atores, determinadas relações sociais, pessoas, grupos, classes, práticas interativas e de oposição, rituais e encontros, comportamentos, costumes e hábitos. Marcas todas elas documentando ações sociais que

dominam e transformam um espaço natural ao longo do seu tempo. Assim as cidades são consideradas definitivamente sensíveis, além de serem um fenômeno bastante cultural e urbano, ou seja, elas estão integradas a diversos princípios próprios que dão sentido ao mundo.

Segundo Pesavento (2017), as cidades são de fato objetos da produção imagética e principalmente discursiva, que se deslocam e representam a materialidade e a sociabilidade. Assim a cidade é, portanto, um importante fenômeno que se revela constantemente, seja através da percepção de diversas emoções e sentimentos, ou seja através da expressão de utopias, esperanças e de diferentes desejos dados pela a vida urbana.

Para Silva (1999), é nas cidades na fase de ascensão da burguesia comercial que novos códigos de condutas e comportamentos foram inscritos nos indivíduos, impondo novas ideias de civilização, progresso e qualidade de vida. Organização, limpeza, estabilidade e conforto, são as garantias oferecidas por um estado progressista, apenas para aqueles que elege como merecedores dessas garantias.

Entre os anos de 1959 a 1989 os moradores da cidade de Nova Floresta, frequentaram constantemente o espaço do Cine Íris em busca principalmente de lazer, diversão e entretenimento. Além disso, os cidadãos iam ao cinema em busca de uma certa formação cultural e de relaxamento, pois os diferentes lugares preparados para o lazer, são pensados definitivamente levando em consideração estes três aspectos.

Souza, A. (2001), afirma que a partir da década de 1950 o lazer como processo de planejamento e adaptação dos indivíduos aos espaços de diversão, passou a ser estudado nas determinadas sociedades industrializadas, sejam elas capitalistas ou socialistas. Para o autor, o lazer seria um conceito mais geral, porém mais amplo, elucidando múltiplos significados, enquanto que a diversão será um de seus principais atributos, ao qual se somará ao descanso, e principalmente a formação da personalidade do indivíduo.

Dumazedier (1994), caracteriza o lazer como a remissão voluntária de um homem a sua ocupação com a finalidade de descanso, diversão, recreação ou entretenimento, após livrar-se de suas obrigações diárias profissionais, familiares, sócio espirituais e sócios políticas. Dessa forma, podemos considerar que a ida ao cinema está associada principalmente à interação social do indivíduo, pois constitui uma atividade de vida pública. O próprio autor afirma que o lazer tem como características principais a liberdade, diversão e a individualidade, e tem como função principal, o descanso, a diversão e principalmente o desenvolvimento pessoal do indivíduo.

O divertimento tem como objetivo principal, fazer com que o indivíduo se esqueça da sua vida monótona e cansativa no trabalho, e da demais atividades obrigatórias, que são realizadas durante o decorrer do seu cotidiano. O

desenvolvimento tem como principal objetivo aprimorar os diversos conhecimentos, a integração com a comunidade e a prática de uma cultura mais livre, leve, espontânea e principalmente desinteressada (DUMAZADIER, p.100, 1994).

O conceito de lazer, proposto por Dumazadier (1994), pressupõe uma prática que está ao alcance de todos os indivíduos, e que eles podem praticar de forma igualitária independentemente da sua classe social. Ao afirmar isso, identifica-se outro aspecto funcionalista em seu conceito de lazer, a saber, sua compreensão como um processo de desenvolvimento de justiça e igualdade que afeta principalmente a sociedade como um todo, e cujo objetivo principal é gerar diversas relações sociais afetivas, entre os indivíduos de diferentes classes sociais.

O Cine Íris foi uma das principais formas de entretenimento, diversão e lazer da cidade, atraindo um grande número de espectadores durante o período que esteve em funcionamento. Aquele espaço cinematográfico foi o principal responsável por diversas mudanças repentinas no cotidiano, costumes e hábitos dos cidadãos de Nova Floresta, no período em que a sétima arte exercia seu forte poder de fixação e encantamento nas pessoas naquela recém-formada sociedade.

Além disso, o Cine Íris não se restringia apenas a exibição de filmes, por muitos anos aquele espaço cinematográfico foi um importante impulsionador da economia local, tornando-se um grande espaço de encontros, lazer e sociabilidades dos moradores. Além do mais, o cinema de Nova Floresta pode ser considerado como um grande centro difusor de cultura, informação e arte em pleno século XX.

## **2.1. As projeções que embalarão o público consumidor do Cine Íris**

A partir da década de 1960 o cinema mundial embora continuasse a produzir diversos e grandes musicais, faroestes clássicos e filmes épicos, especialmente em Hollywood, mudou para determinadas formas de narrativas, transgressões temáticas realistas e principalmente uma linguagem inovadora.

Na onda de reflexão sobre moralidade, cotidiano, costumes, sociedade de classes e personalidade, muitos filmes romperam diversas barreiras culturais e tradicionais, e correram riscos com determinados temas polêmicos e técnicas revolucionárias, principalmente com a

chegada das projeções nas pequenas cidades interioranas do Brasil. Podemos afirmar que cenários mais sérios e tabu foram desenvolvidos, havia sempre nesse contexto uma grande abertura para diversas abordagens realistas.

No Cine Íris se destacaram projeções de maiores audiências, que embalaram o público durante os mais de trinta anos que o cinema esteve em funcionamento. Entre essas produções podemos destacar os variados filmes nacionais, os de conteúdo de época, os filmes de romances que emocionavam e apaixonavam os casais e o público presente, além das comédias clássicas com os eternos Trapalhões e o caipira Mazzaropi, e principalmente os grandes filmes de produções norte-americanas.

Sobre a película do filme *A Paixão de Cristo*, era considerada a sessão de maior audiência do cinema, a película era exibida inúmeras vezes no período da quaresma e na semana santa, normalmente acontecia duas sessões por noite, e a exibição gerava uma grande comoção no público presente do Cine Íris. Os ingressos para entrar no cinema, eram adquiridos na bilheteria na entrada do Cine Íris com a irmã do proprietário Hiram Marinho (Baru), como nos relata o frequentador Kydelmir Dantas.

Lembro que no ano de 1969/1970, pagávamos 10 centavos de um cruzeiro para entrar no cinema e assistir os filmes. No final de semana o cartaz era exposto no meio da rua anunciando os filmes que iam ser exibidos a noite. No início, eram exibidos só os domingos e reprises nas segundas feiras e todos corriam para o cinema, para prestigiar aquela grande novidade (DANTAS, 2021).<sup>3</sup>

Os filmes *Dio Come ti amo*, *Bang-Bang* (todos do gênero faroeste), *O Ébrio*, *O dólar furado*, *Dona Flor e seus dois maridos*, *Teixerinha (Coração de luto)*, *Sansão e Dalila*, *Mazzaropi* e *Bruce Lee* (artes marciais), são algumas das películas citadas durante as entrevistas realizadas. Essas produções, trouxeram sentimentos diferentes aos espectadores que frequentaram o Cine Íris, algumas pessoas derramaram lágrimas e comoção, enquanto outros, causaram delírios sensuais, outros o desejo de ser o herói que salva a menina, ou mesmo de estar na posição da menina salva pelo o grande herói e vivenciar isso, um sentimento de amor forte e impossível.

Alberti (2005), a História oral nos permite-nos registrar determinados testemunhos, histórias, fatos, e conhecer a própria história, ampliando assim as possibilidades de interpretação do passado. Hoje a história oral é uma forma interessante de compreender e

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida por DANTAS, Kydelmir. Face book (07.2021), Nova Floresta-PB

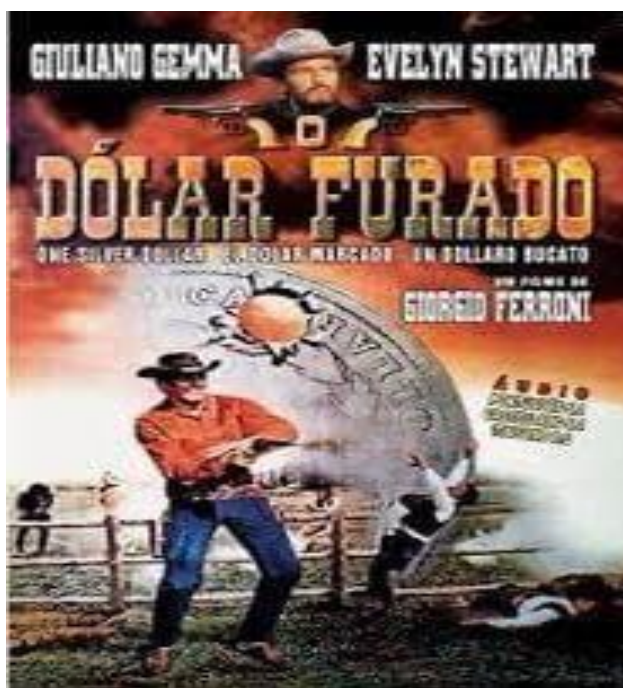
registrar as múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido aos estilos de vida das pessoas, e principalmente às escolhas dos diferentes grupos sociais em todos os níveis da sociedade.

Conforme Dantas (2022), outros filmes que fizeram sucesso e foram assistidos com grande frequência no Cine Íris, foram *Ben-Hur* (1959); *Maciste na corte do Grande Kan* (1964), *Jeca Tatu*, com o humorista Mazzaropi (1960); *Hércules, Sansão e Ulisses*, com Kirk Morris, Richard Lyloyd, Enzo Gerusico e Liana Orfei (1963), *Django* (1966), *Luzes da Ribalta, Tempos Modernos, Os Boinas Verde* com John Wayne; *Detetive Mixuruca*, com Jerry Lewis (1962); e vários filmes de comédias. “Em meados dos anos de 1980 vieram os grandes e famosos filmes de lutas, os ditos Kung-Fu e o polêmico gênero de pornochanchada que foram um sucesso total no cinema de Nova Floresta.” (DANTAS, 2022, p.72).

Para Moura (2014), os filmes vistos e exibidos nas salas de exibições durante as décadas de 1960 e 1970 no Brasil, variaram muito em diferentes gêneros e gostos. Essas grandes produções cinematográficas de Hollywood, consolidou-se como uma grande indústria global, exportando as suas diversas produções e marcas para todos os cantos e recantos do mundo, criando e sustentando seus diversos astros e estrelas.

Podemos considerar o faroeste um gênero essencialmente norte americano que virou uma febre nos cinemas brasileiros, inclusive no Cine Íris. Vale salientar, que os faroestes de produções italianas como os filmes *Dólar furado* (1965) e *Django* (1966), também embalaram os cinemas brasileiros, inclusive os frequentadores do Cine Íris que não perdiam nenhuma exibição. Abaixo colhemos a fotografia do filme *O Dólar furado* que foi sucesso total de público e exibido frequentemente no Cine Íris no final da década de 1960.

**Imagem 8: Cartaz do filme do gênero faroeste, O Dólar Furado do ano de 1965, dirigido por Giorgio Ferroni com Giuliano Gemma, Ida Galli**



Fonte: Arquivo pessoal de Kydelmir Dantas

Os faroestes tanto italianos quanto americanos ofereciam aos exibidores a possibilidade de lotar as salas de cinema, justamente porque seus enredos despertavam a identificação do público com o personagem, além de conceitos como o senso de justiça e a imagem do herói lutando por uma causa ainda que definissem um papel para isso; jovem proscrito, mas ao mesmo tempo totalmente aceito, admirado e amado pela sociedade a que defendeu com muita coragem e audácia.

Pudemos perceber no depoimento do espectador do Cine Íris, Audivam Azevedo, fã de carteirinha do filme *Zorro* de grande produção norte-americana, o desejo sentido tanto pelo depoente tanto por um grande número de jovens Florestenses, que vivenciaram aquela época no Cine Íris.

Minhas lembranças principais do Cine Íris são de que gostava de assistir os filmes ali abaixo do mezanino, nas cadeiras direita ou à esquerda de quem entrava pela porta principal. E dos filmes que me marcaram, foram todos os filmes de faroeste, que me são relevantes, principalmente do personagem zorro, o que tinha como companheiro de lutas o índio Tonto; eu era tão fã que papai indo a Campina Grande me trouxe uma caixa de brinquedo que na capa tinha o Zorro, e dentro um revólver, com coldre, cinto e espoletas, eu saía dando tiros para todo lado e assustando os amigos dali do entorno da nossa casa (DANTAS, p.79, 2022).

Nota-se que o depoente enfatiza o desejo de transcender os limites da realidade de se colocar na posição do personagem “zorro” ou “herói” do filme, pelo motivo de que a visibilidade dada a esse personagem contribuiria para seu desejo de se tornar o personagem principal da ficção, que utilizava a arma em forma de acrobacias e esculpia a inicial “Z” em seus inimigos derrotados durante as batalhas.

Para Turner (1997), nos famosos filmes de faroestes os grandes heróis podiam ser vistos como pertencentes à uma sociedade externa, tendo principalmente uma forte conexão com a natureza selvagem e sendo fortes, embora ainda não sejam fortes o suficiente para definir completamente suas vidas. Eles representavam de fato uma grande crítica à sociedade que agora é colocada no lado ruim de uma determinada oposição.

Dantas (2022), os filmes nacionais conhecidos como chanchadas obtiveram sucesso de bilheteria no Cine Íris. Se destacaram as comédias românticas e as comédias musicais, estreladas pelos os atores Zé trindade, Ankito, Oscarito, Adelaida, Chiozzo, Costinha, Renata Fronzi, Dercy Gonçalves, Carmen e Aurora Miranda, Mazzaropi, Grande Otelo, Ronald Golias, Os Trapalhões e tantos outros artistas de renomes que posteriormente tornaram-se os mais vistos nas televisões brasileiras.

Sai de Baixo lançado no ano de 1956 foi o maior sucesso de assistência do Cine Íris. Além da casa cheia naquela noite nas exibições pagas ao público local em comemoração ao dia do estudante do ano de 1967, houve também naquela semana quatro exibições especiais para os alunos do Grupo Escolar Deputado José Pereira da Costa, com as pessoas sentadas no chão, próximo ao palco.

Nesse período no Cine Íris observamos as exibições dos famosos filmes proibidos tipicamente brasileiros, do gênero pornochanchada, que fez um enorme sucesso de público a partir década de 1970, repercutindo na sociedade brasileira e principalmente gerando polêmica na pacata e conservadora Nova Floresta. Vale ressaltar que naquela época em Nova Floresta, a sociedade estimulava valores e comportamentos tradicionais, enraizados desde sempre em práticas conservadores entre as famílias, e esses filmes modificavam a rotina do cinema e de seus frequentadores para que pudessem ser exibidos.

No Cine Íris acontecia uma sessão desses filmes proibido durante uma vez no mês e homens e mulheres com idade adequada assistiam, os menores de 18 anos eram proibidos de entrar devido à censura imposta pelo regime militar, e por esse motivo as moças e os rapazes tentavam contornar a fiscalização estrita imposta pelo proprietário do cinema. A dona de casa Gorette Araújo, nos relata acerca da exibição desses filmes impróprios para menores de 18 anos no cinema local.



No dia do filme de sexo não entrava os de menores não, só era os mais velhos que entravam, como Basto da barraca e outros. Hamilton não deixava não por causa da idade. Os filmes de sexo lotavam o cinema, os que não conseguia assistir ficavam observando pelas brechas das janelas. O filme de sexo era uma vez no mês e ele não deixava entrar os de menores por causa da faixa de idade, e a censura da época (ARAÚJO, 2024).<sup>4</sup>

Para a grande maioria das moças de famílias de Nova Floresta daquela época este tipo de filme era ainda mais desafiador, muitas moças foram proibidas pelos seus pais de frequentar o cinema no dia da exibição. Nessa época a cidade era muito pequena e todos se conheciam e uma moça de família nessa sessão não se enquadrava bem para a sociedade, pois Nova Floresta nesse período era uma cidade com costumes tradicionais e conservadores. Abaixo colhemos a fotografia de um desses filmes impróprios que eram exibidos no Cine Íris.

**Imagem 9 – Fotografia do filme do *O Marido Virgem*, filme brasileiro do gênero pornochanchada, dirigido por Saul Lachtermarcher e lançado no ano de 1974. Nota-se o filme em exposição defronte com o prédio do Cine Íris em meados da década de 1970.**



**Fonte:** Arquivo pessoal de Hamilton Marinho da Costa.

O filme *O Marido Virgem* de 1974, tratava de um casal de namorados apaixonados Joel e Márcia. No decorrer da história ele tenta fazer sexo com ela antes do casamento mas ela se recusa. Ela que ser casar de véu e grinalda na igreja e finalmente se casam e na hora da lua de mel ele fica impotente. O conteúdo do filme causou polêmica na sociedade Florestense pois

---

<sup>4</sup> Entrevista Concedida por ARAÚJO, Maria Goretti de. Entrevista (03.2024). Entrevistador: Moisés da Silva Azevedo. Nova Floresta-PB.

para as pessoas o filme incentivava o sexo antes do casamento prática essa banalizada numa sociedade tradicional e conservadora que preservavam os bons costumes de uma sociedade.

Além dos filmes de faroestes e das pornochanchadas são lembrados pelos espectadores os filmes nacionais de Teixeira e Mazzaropi. Os referidos filmes atraíram muitas pessoas ao Cine Íris atraídas pela fama dos protagonistas e pela identificação com suas histórias trágicas e cômicas. Vale ressaltar que devido ao apelo cultural desses atores no imaginário brasileiro, a imagem do matuto, humilde, sofredor, mas ao mesmo tempo inteligente e otimista, o público passou a se apegar a esses personagens não só localmente, mas também nacionalmente. Abaixo colhemos a fotografia do filme *Coração de Luto* do ator brasileiro Teixeira com participação de sua esposa Mary Terezinha.

**Imagem 10: Cartaz do filme *Coração de Luto* do ator Teixeira e sua esposa Mary Terezinha, lançado no de 1967, que foi uns dos campeões de bilheteria no Cine Íris.**



**Fonte:** Arquivo pessoal de Kydelmir Dantas.

Moura (2014) ressaltou que a dramatização do cantor e ator Teixeira rendeu muito dinheiro aos pequenos empresários do setor cinematográfico. Na região Sul do país, seus filmes foram vistos por mais de 1,5 milhão de espectadores onde o regionalismo levou sua fama ao extremo. Os filmes eram produzidos por distribuidores e exibidores locais, e

mantinham sempre a garantia de sua produção dado que a legislação nacional exige que 25% das exibições de filmes sejam de filmes nacionais.

Em Nova Floresta a exibição dos filmes de Teixeira rendeu um lucro financeiro bastante lucrativo e positivo para o proprietário do Cine Íris. Mesmo o cinema local se tratando de um espaço onde as elites se concentravam, as camadas populares da localidade encontravam um jeito de frequentar aquele espaço em busca principalmente de lazer e prazer. “As atividades de lazer são hedônicas quando os indivíduos se envolvem nelas apenas para satisfazer o prazer e as necessidades pessoais, sem interferir em atividades que não são relacionadas ao prazer.” (DUMAZADIER, 1994, p.214).

A espectadora do Cine Íris Socorro Guedes relata a respeito das exibições do referido filme no cinema no qual as camadas populares saiam de suas residências em busca de lazer, prazer e divertimento, mesmo com o trabalho árduo e poucas condições financeiras, haja vista que a grande maioria dos moradores de Nova Floresta sobreviviam da agricultura, da plantação e extração do sisal.

Lembro muito do impacto que foi o filme Coração de luto, com Teixeira. Era uma coisa absurda! Nas noites em que o filme ia passar no cinema, nós morávamos no sítio, as pessoas começavam a ir para a cidade já a tarde, a pé e de bicicleta. Paravam lá em casa, que papai tinha uma bodeguinha, e perguntavam se a gente não ia assistir. Tinha bicicleta que passava com três pessoas. Depois também lembro de ter assistido outro filme, com Mary Terezinha, Teixeira a 7 provas (DANTAS, p. 86, 2022).

O filme coração de luto do ator e compositor gaúcho Teixeira com sua esposa Mary Terezinha foi um dos mais assistidos pelo público do Cine Íris. Filme brasileiro do gênero drama, a filmografia foi lançada no Brasil no ano de 1967 e era baseada na música coração de luto, fazendo uma relação com a história do ator Teixeira e de sua família, que até os dias atuais se faz presente nos depoimentos das pessoas.

O cinema é também um lugar privilegiado e quase o único, onde as pessoas podem se informar alguns filmes eram acompanhados de suplementos que traziam as principais notícias nacionais e mundiais. O canal 100 era uns desses suplementos uma espécie de jornal e documentário com diversas notícias, principalmente do futebol no Brasil, acompanhadas por músicas nacionais. Eram feitos além de comentários sobre os melhores momentos dos jogos de futebol, matérias sobre os demais assuntos do Brasil e do mundo que eram exibidos antes de cada filme.

Apesar de seu caráter essencialmente esportivo o conteúdo do canal 100 revistado, influenciado e modificado pela ditadura militar, e representava também uma forma de desviar a atenção das pessoas para diversos assuntos patrióticos, que enaltescessem o nome da nação, nada melhor que o futebol para desempenhar este papel, haja vista, que os brasileiros são fanáticos por essa prática esportiva.

Fonseca (2016) informou ainda que além dos suplementos muitas das vezes eram enviados discos ao Cine Íris com as campanhas promovidas pelo governo militar, tais como os jingles, “*Ninguém segura este país*”, *Sugismundo*, *Campanha do Mobral*, etc., mas, na maioria das vezes, estes discos não eram veiculados nos serviços de transmissão de filmes e acabavam virando brincadeira e principalmente brinquedos para os filhos de Hamilton Marinho que os lançavam imitando disco-voadores.

Hoje com o mundo cada vez mais globalizado e com enormes avanços nos transportes e comunicações que permitem acompanhar as notícias em tempo real ou obtê-las rapidamente, seja através da televisão ou da internet, é difícil imaginar a quão difícil era o acesso à informação naquela época de 1960 pois o rádio pegava muito mal, e poucas pessoas tinham acesso à televisão, que ainda sofria com uma programação bastante limitada. Naquela época poucas pessoas de Nova Floresta sabiam ler os jornais impressos que muitas vezes demoravam a chegar.

Embora que, o Cine Íris tenha sido um espaço de lazer aberto ao público nem todos os moradores da cidade tinham condições financeiras de frequentar o espaço em virtude que a grande maioria vivia da agricultura de subsistência, e principalmente da atividade econômica baseada na plantação do sisal. Vale ressaltar, que as camadas mais pobres se sentiam constrangidas de se reunir com as pessoas de maior poder aquisitivo que frequentavam assiduamente o cinema local. Uma das frequentadoras do Cine Íris que relata com detalhes sobre esse período é a professora Darlene Araújo, e ao lembrar dessas situações percebe-se que havia espaços delimitados e previamente selecionados pelos diferentes grupos sociais da localidade.

A questão da população em si, eram as pessoas que tinham poder aquisitivo maior, que tinham condições financeiras de pagar; era a grande realidade. Muitas pessoas não tinham dinheiro para pagar o ingresso, mas assim o cinema era aberto para todos. Obviamente que tinham sempre aquele grupo de pessoas que frequentavam assiduamente e ficavam nos seus lugares; mais seletivo. Era um espaço sem distinção, mas nem todos tinham dinheiro para entrar. As pessoas da parte periférica de Nova Floresta que frequentavam o cinema, eram um número bastante reduzido (ARAÚJO, 2023).<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida por ARAÚJO, Darlene. Entrevista (10, 2023). Entrevistador: Moisés da Silva Azevedo.

Relativamente a este período e às suas percepções colhemos o depoimento do Sr. Sebastião Pereira ou popularmente conhecido, como Basto da barraca, agricultor, comerciante e um dos frequentadores assíduos do Cine Íris, que nessa época frequentava o cinema de Nova Floresta cotidianamente e testemunhava as atividades corriqueiras das pessoas que ficavam hipnotizadas por aquele espaço cinematográfico.

Não tinha discriminação com ninguém, só com as crianças e quando eram os filmes de sexo, porque naquele tempo tinha a chamada censura. Hamilton dizia logo a censura dos filmes. Os cartazes já vinham com a censura dos filmes. Mas é o seguinte só entrava no cinema quem tivesse dinheiro, o ingresso era baratinho e nem todo mundo tinha dinheiro. Tinha muitas crianças na frente sem poder entrar, e Hamilton não deixava, Hamilton era seguro; sempre quem ficava na entrada do cinema era Dona Elcy. Eu dizia, Dona Elcy, tem cinco, oito, dez crianças lá fora, vamos fazer um acordo aqui por os baixinhos poder entrar; e a gente fazia esse acordo, a molecada entrava sem perder tempo. Hamilton era mais duro, Dona Elcy mais decente (PEREIRA, 2023).<sup>6</sup>

É importante ressaltar que é comum que indivíduos das camadas populares aproveitem a cultura difundida e imposta pelas elites. Até certo ponto, a diferença entre as imagens criadas pelas elites culturais e a promulgação ou utilização dos espaços e normas que as regem pelas camadas populares, é inteiramente compreensível a partir da perspectiva da produção secundária dos objetos culturais. Somente reconhecendo que as massas também são capazes de produzir determinadas práticas e diversos significados para uma realidade vivenciada principalmente pela sociedade como um todo.

Certeau (2008), destaca que a produção cultural dos mais fracos e o deslocamento do poder dos mais forte, são importantes porque explicam principalmente parte da incompreensão da mesma produção em alguns sistemas atuais.

Produtores desconhecidos, consumidores produzem através de suas práticas vitais formando frases imprevisíveis, traços parcialmente ilegíveis, e atraem a astúcia de outros interesses e de desejos que não são desenvolvidos nem determinados pelos sistemas que desenvolvem. Os fracos devem constantemente recorrer a poderes que lhe são estranhos. Teve sucesso no momento certo e combinou com elementos heterogêneos mas sua síntese intelectual não foi na forma de discurso, mas na própria decisão na ação e no aproveitamento da oportunidade.

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida por PEREIRA, Sebastião. Entrevista (12, 2023). Entrevistador: Moisés da Silva Azevedo. Nova Floresta-PB.

## 2.2. As alterações no cotidiano, costumes e no modo de vida dos Florestenses

O cinema se tornou um importante transmissor da hegemonia cultural do Ocidente em especial norte americana, que vai ter como principal vetor o cinema norte-americano pois é o único que contará com uma distribuição global adequada e consistente de várias destas condutas, muitas vezes na vanguarda deste novo espírito empreendedor que se firmava no mercado e no mundo. Vale ressaltar que a internacionalização foi uma grande abertura das fronteiras geográficas de cada sociedade para absorver bens materiais e simbólicos de outras sociedades.

Fonseca (2016), afirma que a grande indústria cinematográfica parece estar ligada ao grande capital globalizado e incorpora nos seus produtos uma nova ética do mercado e os seus principais símbolos de consumo. Os símbolos transmitidos através do cinema são percebidos tanto de forma voluntária quanto inconscientemente alcançando subconscientemente a mente inconsciente do seu receptor, mas são principalmente capazes de mudar determinadas crenças, costumes, atitudes e vários comportamentos.

A partir da década de 1960 a sétima arte se tornou-se um primordial alicerce para uma nova prática cultural e envolvente para homens e mulheres, agitando a vida social noturna de Nova Floresta. Naquela época na maioria das cidades do Brasil os costumes patriarcais e conservadores dos proprietários de terras eram dominantes, e os padrões de comportamento das pessoas eram enraizados e ruralizados.

Falar do hábito de ir ao Cine Íris de Nova Floresta é falar das muitas emoções vivenciadas naquele espaço cinematográfico, antes do início da sessão, do espaço, da sala escura, dos gritos, medos, assobios, das paqueras, das conversas jogadas fora, dos encontros amorosos pegados no flagra que ali aconteciam, dos sacos de pipocas, dos chicletes que depois de muito mascarados eram colocados nos bancos e na cabeça do amigo da frente, da trilha sonora na difusora do cinema e de alguém gritando: “Hamilton, Basto da barraca chegou! Pode começar o filme.”.

Além de falar sobre essas sensações e representações ocorridas durante a exibição em si, é preciso também compreender como foram marcados os valores, símbolos e signos do Cine Íris entre os anos de 1959 a 1989. Podemos afirmar que a partir da década de 60, os filmes começam a influenciar no cotidiano dos moradores de Nova Floresta, alterando principalmente seus comportamentos, hábitos e costumes. “Estas mudanças vinham embaladas em produtos, imagens e marcas que aos poucos chegavam na forma de eletrodomésticos, produtos,

mobiliários, roupas, cigarros, carros e principalmente produtos de beleza” (FONSECA, 2016, p.6).

Souza, A. (2001), acredita que a principal função da publicidade é aumentar o número de fãs de um artista, ou desacreditar a imagem de outros, que não cumprem as regras do star system. Nessa época inúmeros artigos, foram publicados em revistas profissionais sobre casamentos desfeitos, sobre as diversas perseguições de mulheres contra colegas casados, inúmeras infidelidades conjugais, e até mesmo outros comportamentos morais e condutas das famosas estrelas de Hollywood.

O star system foi um processo de criação e reprodução da imagem fixa dos artistas de Hollywood. O mesmo atingiu seu auge entre as décadas de 1940 e 1960, quando os atores e atrizes, se transformaram em estrelas, tornando-se um canal para valorizar e difundir os signos criados pela a indústria cinematográfica. “O star system produzia, mantinha, mas as vezes, derrubava a famosas estrelas de Hollywood.” (SOUZA, A. 2001, p. 256).

Diferentes normas e comportamentos publicitários em relação a vida privada das estrelas de Hollywood, influenciaram e refletiram no cotidiano dos fãs dos atores norte-americanos. Um exemplo é o divórcio, sancionado que nas diversas polêmicas do final da década de 1970, abriu e flexibilizou todo o tipo de relações familiares, adaptando-as aos novos pressupostos do mercado cinematográfico e de forma mais explícita, através dos diferentes meios de comunicação.

Assim podemos considerar que o cinema cria, constrói e também destrói padrões, além de criar, constantemente novos ideais de beleza, de felicidade e sedução; impondo sutilmente nas pessoas que o acompanha, as modas, os cortes de cabelo, os produtos de belezas; como as maquiagens, os vestuários, e principalmente ressignificando e mudando as crenças e os comportamentos de quem o cercam. Um dos espectadores do Cine Íris, o Ramilton Marinho relata sobre essas alterações de comportamentos dos Florestenses, no período em que o Cine Íris esteve em pleno funcionamento.

E vieram os grandes astros com seus cabelos tratados á gomalina e as deusas com lábios carmim nos ensinando novas formas de vestir, de andar e de falar decentemente, juras inéditas de amor eterno, e impensáveis motivos para sofrer ou ser feliz, e até os japoneses dos filmes de Karatê, com aqueles saltos soltos de mais de três metros, incentivavam a nossa imaginação até que acabássemos arrependidos, com o braço na tipoia (DANTAS, p.27, 2022).

A melhoria da imagem dos artistas Hollywoodianos, estabeleceu diferentes padrões de beleza, focando em características de perfeição, suavidade e sensualidade. Por isso, meninas e

meninos de Nova Floresta nas décadas de 1960,1970 e 1980, usavam sempre que possível os produtos promovidos por suas estrelas favoritas. As estrelas revelam-se e ao público, convidando-os a participar num banquete de beleza que todos podem desfrutar. “Assim nesse sistema de convencimento, os espectadores não estariam apenas sendo ludibriados, mas convidados a fazer parte de um mundo de beleza e encantamento” (SOUZA, A. 2001, p.257).

Muitos acessórios passaram a fazer parte e influenciar no estilo de vida e modo de se vestir dos Florestenses, a maioria principalmente por influência da sétima arte. Podemos destacar as famosas calças bocas de sino e os famosos pentes, produtos esses utilizados pelas famosas estrelas de Hollywood, desde o ator John Hudson até o ator John Travolta, passando pela estrela Elvis Presley, além de muitos outros atores americanos preocupados com a aparência e a feitura do topete.

Os pentes foi uns dos principais acessórios que mais passaram a ser usados ostensivamente pelos rapazes de Nova Floresta, que sempre os carregavam nos bolsos de trás de suas calças boca de sino, juntamente com pequenos espelhos arredondados e coloridos onde ambos saíam passeando diariamente na calçada do Cine Íris e nas cidades circunvizinhas com o intuito de chamar atenção das moças Florestenses, um estilo até então desconhecido na época.

Dentre esses acessórios a famosa brilhantina foi muito utilizada nesse período pelos Florestenses, principalmente as décadas de 1960 e 1970. A brilhantina era um produto tipo gel de fixação, que tinha como principal função deixar os cabelos sedosos e cheirosos, e era utilizado especialmente para modelar os cabelos das moças e rapazes, o acessório foi muito comum principalmente entre os grandes astros e estrelas do rock, e dos muitos atores de filmes do meio norte americano que fazia a utilização fazendo topetes e deixando os cabelos mais brilhosos para chamar atenção do público.

O cigarro também foi outro produto bastante utilizado pelos astros e estrelas dos filmes de Hollywood. A própria marca Hollywood era a marca de um cigarro que significava sucesso na época, além de significar que o indivíduo apresentava um bom gosto e principalmente que estava acompanhando a modernidade. Abaixo colhemos a fotografia de um grupo de rapazes de Nova Floresta na década de 1970, utilizando trajes, produtos e acessórios da moda americana, podemos observar alguns rapazes com bigodes e costeletas finas, todos influenciados pelos astros americanos de Hollywood.

**Imagem 11 – Fotografia dos moradores de Nova Floresta, em meados dos anos de 1960, na praça central da cidade de Cuité. A distância entre as cidades é de apenas 7 Km, nela podemos perceber, os homens com cabelos em formas de topetes, pentes e cigarros nas mãos, todos influenciados pela a sétima arte.**





**Fonte:** Grupo Memória Coletiva de Nova Floresta.

A melhoria da imagem dos astros e das estrelas do cinema estabeleceu diferentes padrões de gostos e comportamentos estéticos na população, focando principalmente na perfeição, suavidade e características sensuais dos indivíduos. Assim, nas décadas de 1950 a 1980, rapazes e moças da sociedade de Nova Floresta, exibiam sempre que fosse possível, diversos produtos e acessórios diferenciados, influenciados e promovidos por suas estrelas americanas favoritas.

As estrelas do cinema são usadas e podem ser usados como padrões pelos quais as pessoas tentam se identificar através de pequenas imitações de roupas, cabelos, gestos, ideias de beleza e como também felicidade. Nos filmes muitas vezes você podia ver passagens e comerciais onde os cosméticos, penteados, decorações e roupas eram usados para mudar os corpos femininos e masculinos de várias maneiras.

Os cenários de cinema e as casas dos artistas e atrizes de Hollywood influenciavam o dia a dia dos espectadores dos mais simples aos mais ricos. A arquitetura das casas, a disposição das cozinhas, salas e quartos, passaram a ser inspiradas nos ideais representados no cinema. É claro que esses protótipos ou modelos não atingiram todas as classes sociais da mesma forma, mas alguns espectadores com poder aquisitivo maior alinhados ao mundo do cinema e das publicações, começaram a decorar suas casas tendo como ponto de partida os letreiros vistos nas revistas e televisão.

Estes símbolos e produtos decorativos e chamativos ajudaram a criar um grande poder de desejo mesmo entre a população em geral. A grande maioria das moças de Nova Floresta dos anos 50, 60 e 70, começaram a usar diversos acessórios semelhantes aos de suas atrizes favoritas de Hollywood.

Vale ressaltar que cada uma delas por mais pobre que fossem queria se adequar os padrões da época, ou seja da modernidade, mesmo que fosse um simples penteado, ou se vestisse com um simples vestido, queriam se vestir como uma estrela de Hollywood para chamar atenção da sociedade e principalmente dos rapazes da cidade. Abaixo colhemos a fotografia de algumas moças de Nova Floresta com roupas e acessórios influenciadas pela a moda norte-americana.

**Imagem 12 – Fotografia de Matilde Azevedo e Lourdes Belo, no final da década de 1950 em Nova Floresta. Nota-se as mulheres utilizando roupas, acessórios e penteados que faziam referência a moda americana, influenciadas pelas as atrizes e estrelas de Hollywood.**



**Fonte:** Grupo memória coletiva de Nova Floresta.

As moças mais abastadas de Nova Floresta, usavam gargantilhas, penteados armados com laquê e gel fixador, alguns colares de pérolas (quase todas réplicas), vestidos charmosos, sem mangas e leves, luvas nas mãos, bolsinhas pequenas, além de diademas e tiaras, que modelavam suas aparências.

Todos esses acessórios faziam referência a moda americana onde as moças queriam se parecer com suas atrizes e estrelas de Hollywood. Essas roupas e acessórios eram constantemente utilizadas pelas moças nas festas de formaturas, bailes de debutantes ou

concursos de miss simpatia, eventos bastante comuns que eram realizados no espaço Nova Floresta Clube.

Os rapazes de famílias de poder aquisitivo maior podiam imitar o uso dos óculos escuros, das jaquetas escuras, principalmente as jaquetas de couro, escapando ao terno preto e a gravata, além das famosas motocicletas (ou motores), que era bastante popular entre os astros e estrelas de Hollywood nos filmes. Abaixo colhemos a fotografia do Sr. Hamilton Marinho proprietário do Cine Íris, com trajes e acessórios que faziam reverência aos astros americanos.

**Imagem 13 – Fotografia do Sr. Hamilton Marinho em meados dos anos de 1960, defronte com o prédio do Cine Atlas de Cuité. Nota-se o proprietário do Cine Íris, com um cigarro, óculos escuros e cabelos em forma de topete, sentado na sua moto modelo Cafe Racers.**



**Fonte:** Grupo Memória Coletiva de Nova Floresta.

Não há nada mais emocionante e excitante do que usar seu próprio corpo para se tornar ou parecer com os astros e estrelas dos seus sonhos. Dos espectadores mais abastados aos mais pobres de Nova Floresta, a grande maioria ficou comovida com a profunda impressão que a sétima arte trouxe para seu cotidiano. “Entre as pessoas comuns estabelecia-se um novo reino de gestos que incidia nas maneiras de vestir, nas atitudes assumidas em relação ao par amoroso, nos ideais de beleza, saúde e felicidade”. (SOUZA, A. 2001, p.264).

Para Moura (2014), os cinemas se popularizaram no mundo atraindo as determinadas massas e sobretudo, os jovens, que ocuparam as salas de exibição e transformaram gradativamente os usos e práticas desse espaço de social urbano. “Frequentar um cinema significava também respirar o mesmo ar de glamour, beleza e sofisticação que as atrizes e os

astros exalavam, modificar as visões acerca do cotidiano em prol das modas que o cinema ditava” (MOURA, 2014, 80).

Conforme Fonseca (2016), o famoso mercado musical, associado ao cenário da dança, encontrou eco e repercussão nos cinemas, desde os antigos musicais da década de 1950, até a dance music dos anos 1970. Na época em Nova Floresta foram criadas pequenas e improvisadas danceterias enfeitadas de cordas de sisal e luzes coloridas, recriando o clima febril e de sucesso da época, que implicava em novas formas de condutas, costumes e comportamentos dos moradores.

As atrizes e personagens femininas dos famosos filmes norte-americanos, apresentavam uma personalidade mais forte e independente, em oposição à imagem de mulher imposta principalmente pelo patriarcado, obedecendo mansamente aos pais, maridos e aos princípios e normas familiares.

Essa investida trouxe mudanças profundas e repentinas, nas condutas e no comportamento das mulheres, que ganharam mais independência familiar e gerenciamento individual do seu corpo e prazeres na esteira da pílula anticoncepcional, e principalmente das mudanças no próprio mercado de trabalho (FONSECA, p. 670, 2016).

A maior preocupação da grande maioria das famílias Florestenses, era de que o cinema trouxesse um impacto bastante negativo para as suas filhas. Uma menina solteira na época, não podia ir ao cinema sozinha, e mesmo que tenha conseguido emancipação civilmente ou seja, maior de vinte e um anos, a sociedade local não aceitava de jeito nenhum que ela saísse desacompanhada pois se tratava de uma vadia e mal caráter.

As moças de Nova Floresta iam para o Cine Íris em pequenos grupos se bebessem ou fumassem em grupo ficavam faladas, sofrendo as sanções tanto dos seus familiares e grupo de convívio como dos letrados da cidade. Até o final da década de 1960, as moças de famílias eram supervalorizadas, o que era típico e dominante da sociedade enraizada e patriarcal da época.

Silva (1999), aborda que as diversas estratégias de sedução das mulheres que frequentavam os espaços cinematográficos, revelaram códigos de diferentes flertes e de namoros mais livres e leves de uma cultura hegemônica e patriarcal. As mulheres teriam de fato facilitado o processo de sedução e desejos, sempre adotando suas novas estratégias para conquistar seus futuros pretendentes. “A libido de jovens idealistas e desejosos, proliferou com tanta intensidade que fez pulsar veias arcaicas, disseminando sonhos e projetos

apaixonantes e libertadores de homens e mulheres presos de um projeto civilizatório e arcaico” (SILVA, 1999, p.96).

Naquela época, quando surgia clima para os flertes ou namoros, os encontros já não só se restringiam às paredes das casas dos seus pais, uma vez que estes encontros se realizavam com bastante frequência nesse cenário encantado e fascinante, estimulando novas pulsações e trocas de relacionamentos com mais intimidade, quentes, sadios e desejosos, portanto mais livres dos olhares arcaicos e julgadores da sociedade e disciplinantes dos pais e do ambiente familiar.

As atrizes norte-americanas estavam na vanguarda destes diversos comportamentos emergentes, mostrando-se mais independentes e livres dos laços sociais que há muito tempo as prendiam a velhos mandamentos e regras. Elas propagavam uma nova ética e principalmente uma nova sexualidade, imposta nas mulheres da época que seguia seus preceitos e desejos biológicos, ao invés de serem definidas pela ética judaico-cristã da restrição, sofrimento e virgindade.

Para Souza, A. (2001), as pessoas retiravam da sétima arte mais do que um gesto de amor e um ideal estético, os indivíduos aprendiam a criar a si mesmas, construindo sempre uma imagem semelhante projetada por Hollywood, para que pudessem viver pelo menos por alguns momentos fora do seu cotidiano. Como o próprio autor afirma, o cinema é a capacidade do indivíduo de projetar e produzir seu próprio filme.

Estas mudanças cada vez mais frequentes na cidade produziram diversas readaptações nas práticas cotidianas de Nova Floresta e de seus cidadãos, marcando um grande conflito entre as determinadas gerações, mostrando o conflito entre o que é proposto pela modernidade, o novo, mais universal e independente, e as raízes fortemente enraizadas patriarcais, localizadas e constituídas por relacionamentos hierárquicos claro, que estava presente naquela pacata cidade do interior paraibano em pleno século XX.

Para se adaptarem à vida urbana homens e mulheres que vivenciaram o período de transição do rural para o urbano, tiveram que apreender novos modos de vida, compreender o mecanismo de orientação da cidade e, principalmente criar novas formas de interação social. Com o advento das novas tecnologias como o cinema, tornou-se uma prática cultural e bastante sedutora.

Moura (2014), aborda que a sociabilidade pode ocorrer principalmente de forma mas breve ou contínua. Porém, ela está presente na sociedade desde o surgimento das sociedades primitivas. Somos de fato seres sociais, por isso é necessário compreender definitivamente os

mecanismos que regulam as determinadas práticas cotidianas e as fazem funcionar em tantos contextos e domínios.

O próprio espaço urbano de Nova Floresta passou a receber diversas pessoas e ideias trazidas e veiculadas pelo o cinema, incorporando a redefinição e reinvenção do espaço feminino e masculino com a modernidade, a beleza das roupas, os costumes e conceitos morais, e criando novos espaços, com cabeleiras, manicures, lojas, butiques e lanchonetes, transformando a arquitetura das casas e dos espaços públicos da cidade, trazidos pelo o ideal burguês, que estava readaptando e contendo o espaço de acordo com sua dimensão global, rompendo e quebrando diversas fronteiras, aproximando e nivelando outras culturas e visões de mundo.

### **2.3. As apresentações culturais e as sociabilidades no palco do Cine Íris: o desenvolvimento da economia.**

O cinema foi uma das principais formas de entretenimento e lazer de Nova Floresta, atraindo um grande número de fãs, durante seu funcionamento. Contudo o espaço cinematográfico, não se limitava apenas a exibições de filmes, sendo por muito tempo um importante divulgador da cultura popular do século XX, com diferentes tipos de expressões culturais e artísticas.

O Cine Íris serviu, além de palco para artistas de renome nacional, de salão para solenidades e apresentações escolares. O prédio tinha uma ótima estrutura para os padrões da cidade, amplo e moderno, em frente à tela onde eram exibidos os filmes, havia um palco, que era utilizado para as apresentações culturais e para proferirem-se os discursos das eventuais apresentações das turmas, oradores e principalmente servia de cenário para as diversas fotografias que eternizavam aqueles importantes momentos de socialização da comunidade Florestense.

Um exemplo claro são as apresentações das peças teatrais, muitas vezes encenadas no espaço do Cine Íris, por grupos compostos principalmente por estudantes de Nova Floresta, ou por outros grupos que vinham das cidades de Campina Grande e Cuité (Companhia Aurea Dantas), ocasionalmente apresentadas no palco do Cine Íris. Ana Kilma, integrante da peça teatral *Capinha vermelho visita o Sitio do Pica-Pau Amarelo*, relata como foi a apresentação da peça teatral no palco do Cine Íris.



Lembro que ensaiamos muito para apresentar essa peça, a peça era longa e com falas enormes, e apresentamos no palco do Cine Íris, não lembro a data, mas, tenho a impressão que foi em comemoração ao dia do folclore, um 22 de agosto. Também lembro que foi um dia de várias apresentações culturais; a nossa foi a mais importante porque contava uma história. Lembro também dos atores mirins que fazia parte, e seus personagens naquela tarde: Beto de Balô (Pedrinho), Taise (Narizinho), Lalito, (Visconde de Sabugosa), Verônica de Teté (Tia Anastácia), Gardênia (Dona Benta), Lourdinha de Lourdes Belo (Emília), e eu fui a Capinha Vermelha (Chapeuzinho vermelho) (DANTAS, p.79,2022).

A peça teatral pertencia a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio de Nova Floresta, e foi adaptada e apresentada no início da década de 1980 por alunos da oitava série do ensino fundamental, tendo como base de leitura, pesquisa e roteiro, o livro do famoso escritor brasileiro José Bento Monteiro Lobato, *O Pica-Pau Amarelo*, que conta a história das maravilhosas aventuras que aconteceram na fazenda da personagem Dona Benta, avó das crianças Narizinho e Pedrinho.

Juntamente com a boneca Emília e o sabugo de milho falante Visconde de Sabugosa, as crianças protagonizaram uma trama mágica que traz diversas criaturas do folclore nacional como coadjuvantes. A referida peça foi recorde de público e os cidadãos Florestenses compareceram e lotaram o espaço do cinema. Abaixo colhemos a fotografia da peça teatral apresentada no palco do Cine Íris.

**Imagem 14 – Peça teatral *Capinha vermelha visita o Sítio do Pica-Pau Amarelo*, apresentada no dia 22 de agosto de 1984 no palco do Cine Íris, pelos estudantes da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio de Nova Floresta.**



**Fonte:** Memória coletiva de Nova Floresta

Na década de 1980 foi fundada a COMUNINF- Comunidade Universitária de Nova Floresta, entidade que reunia grande parte dos estudantes universitários da cidade. O grupo iniciou uma grande movimentação pela cidade principalmente quando a nova Constituição Brasileira foi promulgada no ano de 1988. Palestras sobre a nova Constituição Brasileira foram realizadas no palco do Cine Íris. Kidelman Dantas (Babá), que na época era estudante do curso de agronomia da UFPB e idealizador da COMUNINF, relata como se deu esse movimento estudantil na cidade.

Naquele ano convidamos o advogado Dr. Orlando Venâncio, de Cuité, que veio fazer uma palestra sobre esta fase constitucional no País. A palestra foi feita no palco do Cine Íris, com lotação completa. Daí, soubemos que a constituição de 1988 colocaria a educação como dever do Estado, inclusive para quem não teve acesso ao ensino na idade certa, e que ampliaria a educação rural, isso foi um fato (DANTAS, p.85, 2022).

Podemos perceber através desse depoimento a importância do Cine Íris em diferentes contextos sociais da cidade. Dada a elevada taxa de analfabetismo que a cidade apresentava, como também a grande maioria dos seus residentes, não poder receber educação numa idade adequada devido à falta de oportunidade como também de suas condições econômicas. Estas solenidades que aconteciam no Cine Íris foram eventos extremamente importantes para a vida social da cidade. Pudemos perceber que a referida palestra foi bastante positiva e importante para a grande maioria da população reconhecer de fato, a falta de investimento em escolas na zona urbana e na zona rural.

Além disso o espaço do cinema era utilizado para eventos musicais, com diversas apresentações musicais, e espetáculos variados, algumas delas de renome nacional. Essas apresentações de artistas musicais atraíam uma grande quantidade de pessoas de outras cidades, para prestigiar os shows dos artistas ao palco do Cine Íris, fortalecendo assim a cultura, o comércio e o turismo da cidade por muito tempo. Vale ressaltar, que a infraestrutura da cidade nesse período era de má qualidade com poucos estabelecimentos com atividades industriais e principalmente a falta de políticas públicas importantes.

Nesse período passaram pelo palco do Cine Íris os cantores do ritmo brega Fernando Lelis, Marcus Piter e a cantora forrozeira Marinês, que viveu por um tempo na cidade de Nova Floresta. O pai de Marinês era amigo íntimo de Benedito Marinho da Costa (pai do proprietário do cinema), e chegou a hospedar por um tempo a família da cantora em sua residência, que já naquela época mostrava o seu talento na música. Podemos perceber que até os dias de hoje



muitos moradores de Nova Floresta se orgulham de compartilhar que a cantora se apresentou naquele local, como podemos perceber no relato de Kydelmir Dantas.

E quando você tinha a oportunidade de conhecer a artista, como por exemplo Marinês que veio fazer show no cinema de Nova Floresta e se hospedou na casa de Benedito Marinho, então Marinês, para nós que já era uma grande artista da época, grande cantora de forró, do nosso forró tradicional, seguidora de Luís Gonzaga. Nós não pudemos ter Luís Gonzaga na cidade de Nova Floresta, por conta da agenda, mas tivemos a cantora Marinês (DANTAS, 2021).<sup>7</sup>

Outro artista de renome nacional que se apresentou no Cine Íris foi o cantor Gaúcho Alcides Gerardi, que tinha agenda naquele dia em Campina Grande e aproveitou a oportunidade para apresentar o seu show na cidade de Nova Floresta. Numa época em que poucos artistas tinham um cachê muito elevado a maioria dos cantores brasileiros, inclusive muitos de renome nacional, tinham que ter uma agenda mais extensas viajando o país inteiro para obter um lucro maior como é o caso deste artista.

Neste caso, Hamilton Marinho contou com o apoio financeiro do poder público na gestão do então prefeito Menézio Dantas, para trazer este artista para a cidade. Nota-se o interesse político do gestor naquela época de fornecer apoio financeiro, principalmente para valorizar sua imagem e atrair a atenção dos moradores da cidade. O evento captou a atenção e a curiosidade da população da cidade atraindo um grande público durante as apresentações, inclusive de cidades circunvizinhas como as cidades de Cuité, Picuí, e Jaçanã- RN. Abaixo colhemos a fotografia do dia da apresentação deste artista.

**Imagem 15 – Fotografia do show musical do cantor Gaúcho Alcides Gerard no Cine Íris. No centro da foto temos o artista e ao lado esquerdo Hamilton Marinho, e do lado direito um membro da banda do cantor.**

---

<sup>7</sup> Entrevista concedida por DANTAS, Kydelmir. Entrevista (11, 2021). Entrevistador: Moisés da Silva Azevedo. Nova Floresta- PB.



**Fonte:** Memória coletiva de Nova Floresta.

Além dos mais, grupos de forró que estavam fazendo sucesso na Paraíba e na região nordeste na década de 1970, se apresentaram no palco do Cine Íris. Dentre eles, destacamos as apresentações musicais do sanfoneiro “Abdias dos oitos baixos”, e do trio musical “Os 3 do Nordeste”, que embalsamaram as noites dos Florestenses com seus famosos sucessos. O espectador Audivan Azevedo, relata como foi a apresentação musical do trio musical, Os 3 do Nordeste, no palco do Cine Íris.

Lembro do famoso trio musical, “Os 3 do Nordeste”, com Zé Pacheco na sanfona, Parafuso na zambumba e Cacau no triângulo e voz. O sucesso do momento que eles abriram o show no palco do Cine Íris de Nova Floresta, foi com a música *Por debaixo dos panos*, isto no ano de 1978 (DANTAS, p.79, 2022).

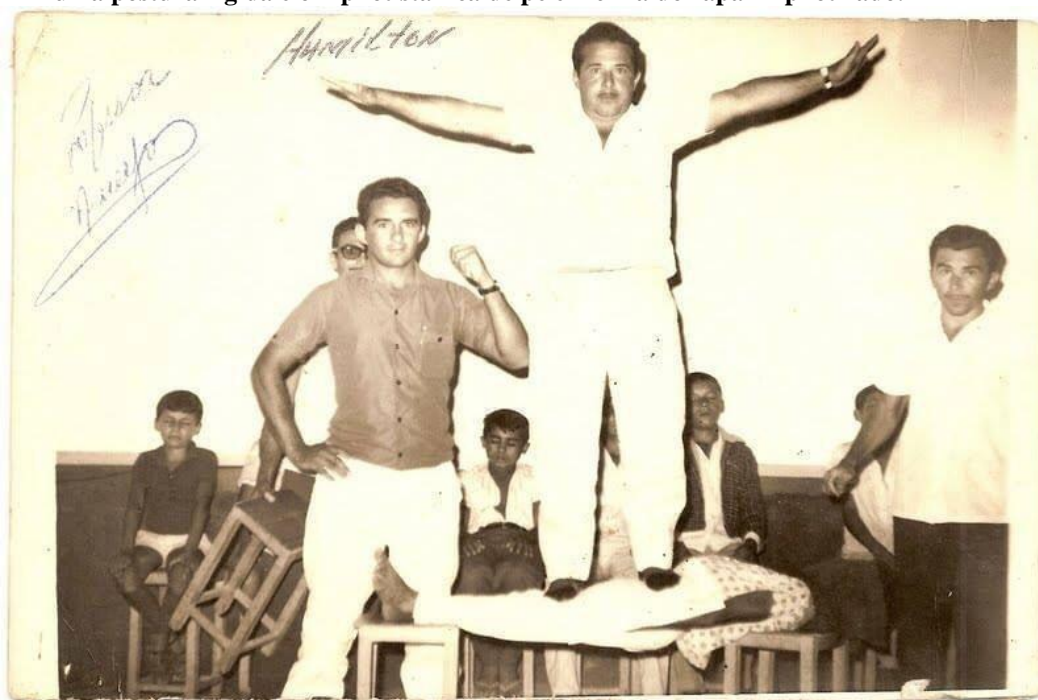
Além das diversas apresentações musicais houve outros tipos de apresentações culturais, como é o caso dos shows de ilusionismo e de hipnose, apresentados pelo popular professor Araújo. As apresentações atraíam a curiosidade do público da cidade e das cidades

circunvizinhas que saiam do espetáculo perplexas, tentando desvendar os mistérios e segredos que estavam por trás das mágicas.

Outras pessoas saiam maravilhadas com o desenvolvimento de seus truques, sendo que alguns espectadores, saiam acusando os hipnotizadores de fingirem hipnotismo, juntamente com as pessoas que foram hipnotizadas nas sessões. “Os garotos foram hipnotizados e colocados para dormir; um deles ficou deitado entre dois tamboretos e ficou duro que nem uma tábua. Daí o artista subiu sobre seu corpo e fez pose de fotografias” (DANTAS, 2022, p.71).

Abaixo colhemos a fotografia do show de hipnose promovido pelo o proprietário do Cine Íris e apresentado pelo o hipnotista professor Araújo, que fazia grande sucesso na região na década de 1970, o show contou com a participação dos cidadãos de Nova Floresta e das cidades circunvizinhas.

**Imagem 16 – Fotografia da apresentação de hipnose no Cine Íris, em meados da década de 1970. Podemos notar uma pessoa deitada em dois bancos de madeira, separados a uma certa distância onde em um banco é encostada a cabeça e no outro os pés, podemos perceber que o indivíduo aparenta estar com uma postura rígida e o hipnotista fica de pé em cima do rapaz hipnotizado.**



**Fonte:** Memória coletiva de Nova Floresta.

Durante a sessão de hipnose, o paciente está totalmente envolvido no que está acontecendo ao seu redor. Podemos considerar, que a hipnose é um processo de aprendizagem e o cérebro humano está fadado a aprender positivamente, por exemplo, as pessoas não sentem medo, depressão ou ansiedade na hora da hipnose. Na apresentação, o público assistiu perplexo

as sessões de hipnotismo e ilusionismo, que ocorreram no palco do Cine Íris em meados da década de 1970.

Vale ressaltar, que nos primórdios do cinema existiam alguns filmes estrelados por alguns artistas que estavam em ascensão no mercado da música, e eles faziam muito sucesso, porque as pessoas, muitas das vezes tinham a grande oportunidade de ver na tela do cinema, seus artistas consagrados na música, que elas eram extremamente fãs, e costumavam ver e ouvir somente no rádio e na televisão, que eram considerados símbolos da modernidade no século XX.

Entre os cantores que obtiveram muito sucesso nos filmes exibidos no Cine Íris, podemos destacar: os boêmios Nelson Gonçalves e Waldick Soriano, o paraibano Jackson do Pandeiro, cantando seus sucessos, e da renomada atriz do cinema e do teatro brasileiro Dercy Gonçalves; além de tantos outros nomes de sucesso que participavam das referidas projeções. Podemos destacar esta questão com base no relato de Kydelmir Dantas.

Você assiste aquele filme preferido, com a atriz Dercy Gonçalves, e dentro do filme de Dercy saiu um show de Jackson do pandeiro, que era daqui nosso, paraibano da cidade de Alagoa Grande que fez sucesso no Rio de Janeiro, é que era um grande nome da mpb, então você assistia o show de Jackson do pandeiro na tela do Cine Íris de Nova Floresta (DANTAS, 2021).<sup>8</sup>

A busca das pessoas para assistir seus filmes preferidos no Cine Íris fez com que o cinema contribuísse positivamente para o desenvolvimento econômico da cidade. Na década de 1950 a economia da cidade se baseava principalmente na agricultura com a produção da farinha de mandioca e sisal, pecuária e o modesto comércio local. Vale salientar, que Nova Floresta nesse período, contava com algumas casas de farinhas e com pequenos mercados de mantimentos alimentícios para manter os moradores da vila.

No início da década de 1970 com o grande sucesso do cinema, Nova Floresta começou a receber um fluxo constante de pessoas de outras cidades do Estado, com o intuito principal de conhecer a cidade e principalmente o tão falado Cine Íris. O objetivo dessas visitas era fazer principalmente parcerias com o proprietário do cinema, Hamilton Marinho. O popular Audivan Azevedo (Vanvan), relata como aconteceu esse episódio em Nova Floresta na década de 1970.

No início da década de 1970 chegou em Nova Floresta um veículo rural Willys de cor preta, com duas difusoras sobre o seu teto, em uma bela tarde primaveril

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida por DANTAS, Kydelmir. Entrevista (07, 2021). Entrevistador: Moisés da Silva Azevedo. Nova Floresta-PB.

de setembro, anunciando o filme “Coração de Luto”. Se hospedaram no Hotel de Nova Floresta, de Chiquinha Zacarias, ali no centro da cidade, onde hoje fica a casa de Genaldo e Goreth. Os rapazes, que se vestiam de preto para anunciar os filmes, fizeram uma parceria com Hamilton Marinho e passaram mais de um mês rodando o filme de dois em dois dias (DANTAS, p.79, 2022).

Nessa época o espaço urbano de Nova Floresta já contava com algumas bodegas, hotéis, salões de beleza, alfaiatarias, oficinas, mercados, lanchonetes, sorveteria (Cine Lux), além de alguns barzinhos que ficavam localizados nas ruas entorno do Cine Íris, servindo principalmente de socialização para os cidadãos da cidade, que estavam se adaptando de fato as novas formas de comportamentos e modernidade, impostas com a chegada da sétima arte. O prédio onde funcionava o espaço do Cine Íris, era uns dos locais onde decorriam as diversas atividades relacionadas ao comércio local tornando-se muito valorizado pela sua infraestrutura e localização central.

Esta movimentação intensa que atraía diariamente várias pessoas para aquela localidade, dava a esses indivíduos, a possibilidade e a oportunidade de exercer e fixar algum comércio na localidade. Vale ressaltar, que existiam também os comércios praticados dentro do espaço do cinema por alguns vendedores ambulantes da cidade que vendiam seus determinados produtos e tiravam suas rendas extras. Sobre estas vendas no espaço do Cine Íris, o popular Severino Porto (Menininho), relata.

Eu vendia numa tabuleta que Toinho de Basto Mago, fez para mim. Inclusive fui com ele para Campina Grande saber onde era o atacadista de doces para fazer minha primeira compra. Para você ver como eram as amizades daquele tempo; nem medo da concorrência havia. Pois sabíamos que cada um tinha direito de ganhar seus trocados, trabalhando por si (DANTAS, p. 66, 2022).

A partir deste relato podemos perceber de fato, a importância do Cine Íris para o desenvolvimento econômico de Nova Floresta. Além de se apresentar como o principal meio de aquisição de vendas para alguns moradores que vendia seus denominados produtos como por exemplo, pipocas, salgados, balas, bombons, pirulitos e chocolates, o cinema ajudava a esses cidadãos fazer uma renda extra ajudando principalmente no sustento de suas famílias, além da geração de emprego e contribuir positivamente para impulsionar o desenvolvimento da economia local.

Podemos afirmar de fato, que o Cine Íris trouxe um poder bastante transformador para a vida cultural e social da cidade de Nova Floresta. Além de ser um espaço social e de lazer, o

Cine Íris também oferecia aos cidadãos uma variedade de programas culturais e artísticos, além da rotineira exibição de filmes, já que entre os anos de 1950 a 1990 a cidade oferecia poucas opções de espaços públicos de entretenimento e lazer para a população.

A instalação deste símbolo moderno e atrativo confere a pacata cidade de Nova Floresta localizada no Curimataú Paraibano, um status de bem organizada e moderna, ou seja, um símbolo de valor universal, capaz de se estabelecer, fixar, e principalmente transformar a vida e os comportamentos da população local.

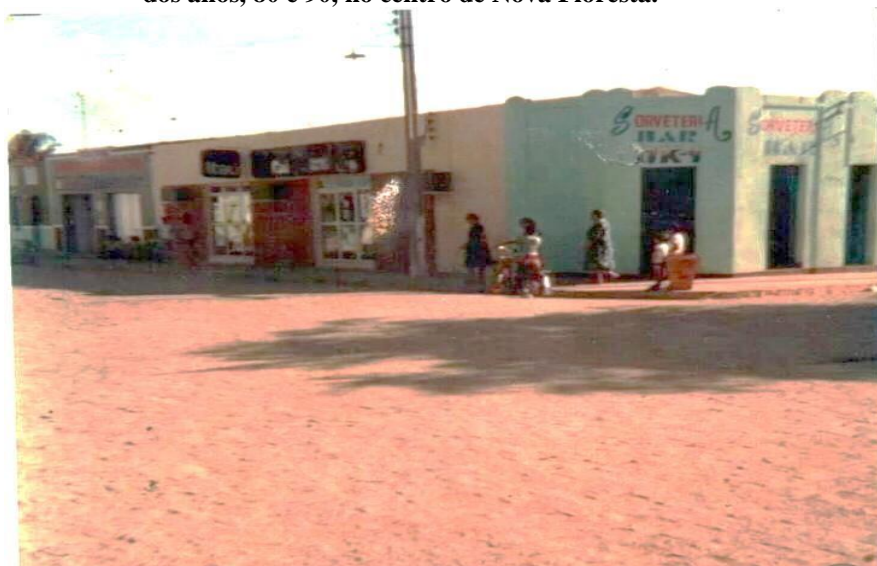
### 3. Memórias e imagens: o surgimento das novas tecnologias, a decadência e o fechamento do Cine Íris de Nova Floresta

A partir das décadas de 1980 e 1990 a cidade de Nova Floresta atravessou um processo acelerado de mudanças construtivas e repentinas em seu espaço social e urbano em preparação principalmente para um futuro promissor, às vésperas da virada do século XX para o século XXI. De acordo com o censo do ano de 1991, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população de Nova Floresta na época cresceu uma taxa média de crescimento anual de 1,048%, registrada no período de 1980 a 1991.

Durante este período novos espaços públicos foram sendo criados e foram se expandindo do centro para outras localidades da cidade. O município de Nova Floresta apresentava diversas atividades culturais e econômicas com destaque principalmente para a cultura de subsistência, com a safra e colheita do maracujá, milho, feijão e caju, e a plantação e extração do agave ou sisal, além da tradicional criação de gados.

Os negócios floresceram na cidade com o surgimento de algumas fábricas de polpas de frutas, padarias, confeitarias, marcenarias, barbearias, barzinhos, restaurantes, drogarias, sorveterias lanchonetes, supermercados, postos de gasolina, além de postos de atendimento do Banco do Brasil S/A e Itaú, e diversas lojas de diversos ramos no setor comercial. Abaixo colhemos a fotografia de uma parte do centro comercial de Nova Floresta no início da década de 1990.

**Imagem 17 – Fotografia da rua Benedito Marinho, onde ficava localizada uma parte do centro comercial de Nova Floresta no início da década de 1990. Nota-se a sorveteria e bar muito conhecido pelas gerações dos anos, 80 e 90, no centro de Nova Floresta.**



**Fonte:** Memória coletiva de Nova Floresta



Analisando a história local da cidade podemos perceber de fato, que foi no período de 1980 a 1990 que ocorreu uma verdadeira revolução econômica em Nova Floresta. Nesse contexto, analisamos que o papel das microempresas se tornou claramente importante na sociedade Florestense. Seja, principalmente pela sua flexibilidade de ação, criatividade, ou fundamentalmente pela sua capacidade de geração de emprego e renda para os moradores; fato que só veio reforçar ainda mais seu papel primordial no processo de crescimento e urbanização da referida cidade.

Em termos de educação o número total de instituições de ensino em Nova Floresta nas décadas de 1980 e 1990 eram de quatorze escolas, das quais onze eram escolas municipais e três eram escolas estaduais. Dentre elas, nove escolas estavam localizadas na zona urbana e cinco localizadas na zona rural. A população de Nova Floresta contava também com algumas creches, associações de classes e religiosas, sindicatos, além da Loja Maçônica Elpidio Sobrinho e da Banda Filarmônica José Batista Dantas.

Nesta época, entre os eventos notáveis da cidade se destacavam as tradicionais festas juninas, a festa do Glorioso São Severino Bispo, padroeiro da cidade, celebrada anualmente no dia 20 de outubro; além das comemorações em alusão ao Ano Novo e Carnaval, que se tornaram bastante convidativos e animados devido principalmente ao intercâmbio com as cidades circunvizinhas. Abaixo apresentamos a fotografia de alguns dos moradores de Nova Floresta, em meados da década de 1980 curtindo o período carnavalesco da cidade e vivenciando outras formas de lazer e sociabilidades, diferentemente do Cine Íris.

**Imagem 18 – Fotografia do Carnaval de Nova Floresta, no ano de 1983. Bloco do motor que saia de frente ao Nova Floresta Clube até o centro da cidade.**



**Fonte:** Memória coletiva de Nova Floresta



Vale ressaltar, que além do Cine Íris e do Nova Floresta Clube surgiu outro espaço de lazer importante para os Florestenses, o Estádio Municipal de Futebol de Nova Floresta local destinado à prática de esportes, que dava a oportunidade aos cidadãos vivenciarem outras formas de socialização e lazer na cidade nesse período. Esse processo de grande evolução e urbanização da cidade nas décadas de 1980 a 1990 está presente nas memórias coletivas dos Florestenses.

Para Pollak (1989), estudar vários componentes fortes da memória coletiva como memória, significa inicialmente analisar suas determinadas funções. Como vimos, a memória é uma operação coletiva de diferentes acontecimentos e de diversas interpretações do passado, que queremos de fato analisar e preservar e tenta mais ou menos conscientemente definir e fortalecer o sentido de pertencimento e fronteiras sociais, entre os grupos de diferentes tamanhos, como por exemplo, os partidos políticos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, países, etc.

A referência ao passado serve principalmente para manter de fato a coesão dos diferentes grupos e diferentes instituições que compõem uma determinada sociedade, para identificar as suas respectivas posições, complementariedades, mas também as suas oposições irreduzíveis (POLLAK, 1989, p.9).

Manter a coesão interna e defender de fato as fronteiras partilhadas por um grupo que inclui o território (no caso das nações), são duas funções básica da memória partilhada. Isso significa fornecer um quadro de referência e um ponto de referência. “Todos os esforços para construir uma determinada memória de grupo têm limitações porque não podem ser construídos arbitrariamente” (POLLAK, 1989, p. 10).

A medida em que as décadas de 1980 e 1990 avançavam a atividade nos cinemas de massa começou a declinar em todo o Brasil. Parte deste declínio deve-se de fato, ao surgimento de novas tecnologias de mídia e entretenimento, que se tornaram populares e mudaram a forma de lazer das pessoas, como por exemplo a televisão na década de 1970, os vídeos-cassetes na década de 1980, bem como a chegada dos computadores e da internet na década de 1990.

Essas determinadas mudanças se refletiram rapidamente e com bastante intensidade no cotidiano das pessoas, que frequentavam diariamente os espaços cinematográficos, como também nas diversas relações sociais e principalmente nas expressões sociais do lazer de Nova Floresta.

### **3.1. O surgimento das novas tecnologias e a Crise do Cine Íris**

A história da sétima arte na humanidade, sempre foi acompanhada pela evolução acelerada do surgimento de novas tecnologias. O advento da digitalização na última década do século XX, desencadeou o que é geralmente considerado a grande revolução tecnológica no mundo audiovisual e cinematográfico e levou a crescente democratização dos meios de produção.

A produção de determinados conteúdos cinematográficos nos cinemas passou a exigir menos equipamentos técnicos e, assim, tornou-se mais acessível e democratizada. Posteriormente as formas de comunicação diversificaram-se e a famosa câmara escura clássica, que durante várias décadas foi o habitat natural e privilegiado da sétima arte perdeu de fato as suas características e exclusividades.

Com a chegada da televisão ao Brasil na década de 1950, e sua popularidade na década de 1960 e, especialmente na década de 1970, os cinemas de cidades do interior do Brasil, começaram a enfrentar dificuldades consideráveis para exibir filmes regularmente em ambientes fechados. Apesar do sucesso do cinema nacional na década de 1970, a chamada era da pornografia, do sexo, denominada de pornochanchada, os cinemas do interior tiveram bastante dificuldade em conquistar o grande público.

Podemos entender que a sociedade Florestense, criticava a representação desse gênero nos filmes, simplesmente especificando o gênero em relação às imagens pornográficas, cuja finalidade era garantir a moralidade e os bons costumes patriarcais, porém, mesmo que houvesse críticas, existiam aqueles espectadores que tinham presença confirmada nos dias de exibição dos filmes de pornochanchada.

Canclini (2008), acredita que as crises da história centenária da sétima arte estão quase sempre relacionadas às diversas mudanças digitais e tecnológicas que surgiram na segunda metade do século XX. Inovações como o advento do cinema falado, do cinemascope e a competição com a televisão lançam dúvidas sobre a continuidade da indústria cinematográfica e da linguagem cinematográfica no planeta. Como em outros países latinos americanos milhares de salas de cinemas foram fechadas, assim como ocorreu em outros continentes.

No Cine Íris não foi diferente dos outros cinemas interioranos espalhados por todo o Brasil, onde, à medida que o público ia diminuindo e deixando de frequentar os espaços cinematográficos, as baixas receitas das bilheterias não eram de fato suficientes para sustentar o cinema e as locações dos filmes, conseqüentemente, a qualidade e principalmente a produtividade dos filmes caíam consideravelmente. Hamilton Marinho da Costa, proprietário

do Cine Íris, nos relata como foi o processo de decadência do cinema de Nova Floresta com o surgimento das novas tecnologias.

A televisão chamava atenção demais, as pessoas de Nova Floresta começaram aos poucos deixar de ir ao Cine Íris para assistir os filmes, as vendas dos aparelhos de vídeos cassetes, fitas, filmes na feira livre, aparelhos de DVDs, também foram crescendo demais. A tecnologia avançou de uma maneira diferente que o cinema não ia ter condição de funcionar mais (COSTA, 2019).<sup>9</sup>

As décadas de 1980 a 1990 representaram um amplo declínio no segmento dos cinemas interioranos. Com a redemocratização e a difusão da televisão e do aparelho de vídeo cassete nas residências dos brasileiros, o cinema começou a perder espaço no segmento audiovisual. Nas palavras de Kydelmir Dantas podemos perceber de fato, o acesso dos Florestenses a televisão e o vídeo cassete, “com o advento do vídeo cassete, o cara passou assistir aos filmes dentro de casa, aí foi quebrando definitivo os cinemas no interior” (DANTAS, 2021).<sup>10</sup>

Para Canclini (2008), assistir ao filme em sua residência, é antes de tudo mais prazeroso, confortável e principalmente atrativo, porque o custo dos alugueis de filmes, costuma ser igual ou menor que o ingresso do cinema. Além disso, cada vídeo costuma ser utilizado por diversas pessoas, e, assistir aos filmes em casa, pode evitar alguns casos inconvenientes como por exemplo: cidades inseguras, filas, taxas adicionais e outros inconvenientes.

Embora o público mais velho acostumado a ir frequentemente as salas de exibições do cinema com o intuito de assistirem seus filmes favoritos, lamentasse a perda do espetáculo e da qualidade cinematográfica na tela da televisão, muitos usuários dos vídeos cassete apreciaram a possibilidade de gerenciar eles próprios cenas projetadas nos filmes congeladas ou repetidas, em grande parte não afetadas pela edição comercial.

Vale ressaltar, que muitos espectadores do Cine Íris preferiam a exibição em casa ao invés de ter que pagar um determinado preço no ingresso ou atravessar a cidade para assistir um filme no cinema. Mas, na verdade os cinemas tradicionais incentivaram o público a deixar suas casas e a entrar na cidade tornando-se um lugar temático na cidade, e um impulso à reclusão, enquanto a privacidade doméstica anuncia uma mudança completa na relação entre o cinema e a vida pública.

---

<sup>9</sup> Entrevista concedida por COSTA, Hamilton Marinho da. Entrevista (09. 2019). Entrevistador: Moisés da Silva Azevedo. Cuité-PB.

<sup>10</sup> Entrevista concedida por Dantas, Kydelmir. Entrevista (07. 2021). Entrevistador: Moisés da Silva Azevedo. Nova Floresta-PB.

Canclini (2008), destaca que a sétima arte ampliou seu papel produtivo e comunicativo, graças principalmente à chegada da televisão e do vídeo cassete. O surgimento dessas novas tecnologias, incentivou as famílias a ter a oportunidade de assistirem suas projeções preferidas no conforto de suas residências.

Essa expansão mudou de fato o processo de produção e a forma como assistimos filmes. Ao contrário de ir ao cinema e buscar intimidade no meio de uma multidão desconhecida, a televisão e o vídeo cassete incentivaram de fato as interações sociais limitadas a casais ou famílias com pouco foco nos filmes, o que pode levar a distração, e até mesmo realizar outras atividades enquanto o filme estiver passando (CANCLINI, 2008, p.160).

A medida que o cinema se tornou cada vez mais dependente de novas tecnologias, a capacidade de produção de filmes e vídeos do Brasil diminuiu bastante, e o investimento no setor caiu drasticamente nas décadas de 1980 e 1990 em grande parte devido à redução dos gastos públicos e a falta de interesse em promover tecnologia de ponta e principalmente inovação tecnológica.

Podemos afirmar, que a televisão, as fitas de vídeo cassete, os DVDs, e logo o surgimento da internet, se tornaram, em menos de uma década, o principal meio de visualização de filmes da cidade de Nova Floresta; mesmo com a grande maioria das pessoas vivendo da cultura de subsistência na cidade, os cidadãos davam um jeito de adquirir as novas tecnologias e assistir seus filmes preferidos no conforto de suas residências.

Vale ressaltar, que com o advento das novas tecnologias a prática dos cidadãos saírem de suas residências e assistirem seus filmes favoritos no espaço do Cine Íris foi praticamente extinta. Os cinéfilos Florestenses que iam cotidianamente ao Cine Íris, uma ou duas vezes por semana e nos feriados, passaram a alugar de duas a três fitas em locadoras de filmes que estavam espalhadas no setor comercial da cidade.

O aparelho de DVD foi um produto bastante procurado pelos moradores de Nova Floresta. A fusão do audiovisual com o computador através do DVD, possui inúmeras qualidades em termo de reprodução de imagem e som, além de permitir ao usuário viajar para qualquer cena do filme com mais de oito horas de projeção e oferecendo opções de idiomas, as vezes incluindo cenas inéditas, produções, diversas propagandas de filmes e comentários complementares, além de permitir uma liberdade criativa aos cineastas em relação às distribuidoras pois podem criar versões curtas de suas obras em suas salas, outra característica importante do DVD.

Esse atrativo fez dos aparelhos de DVDs a mais recente obsessão dos consumidores, principalmente para os cinéfilos de todo o mundo e especialmente para os cinéfilos de Nova Floresta. Esses cinéfilos podiam contar com mais do que as fitas VHS que mostravam uma qualidade de imagem infinitamente maior, a vida útil dessas fitas, tinha um processo semelhante ao dos famosos discos de vinil que com o passar dos anos foram sendo substituídos gradativamente pelos CDs.

Além disso, há pessoas que perderam o hábito de assistir filmes e não tinha mais interesse de frequentar o cinema. Ou seja, alguns moradores que nunca tiveram a oportunidade e estão acostumados a ir ao cinema, podem assistir de dois a quatro filmes por semana com o surgimento das novas tecnologias, inclusive filmes que alugam em locadoras de toda a cidade, bem como aqueles transmitidos na televisão. Com o advento das locadoras de vídeo na década de 1980 e a introdução da televisão paga na década de 1990, a dificuldade de acesso a essas salas de cinema só cresceu.

A maioria das cidades interioranas brasileiras possuía salas de cinemas e praticamente quase todas foram extintas ou fechadas. Hoje em dia é difícil ver uma sala de cinema no meio urbano que possa continuar a manter o seu estatuto de sala de cinema sem ser em shopping center. Pelo mesmo motivo o surgimento de novas tecnologias e a especulação no domínio imobiliário também são os mesmos. Podemos afirmar que a chegada das novas tecnologias representou um marco influente e impactante na história do cinema mundial.

Entretanto, a experiência da sétima arte ainda está viva e principalmente presente no nosso cotidiano, vivemos essa forte experiência todos os dias, começando pela vontade de sair de nossas casas, e continuar a partilhar emoções com diversas pessoas estranhas, numa sala escura e cheia de emoções, embora esta prática tenha sido de alguma forma transformada sob a influência de determinadas mudanças tecnológicas, porque é a imagem que continua a atrair as pessoas para às experiências cinematográficas.

O surgimento das novas tecnologias provocou vários tipos de transformações e sensações para a sétima arte, entre elas: transformações estéticas e sociais, que alteraram a sensibilidade do público presente ao assistir os filmes, transformações estruturais, em termos de distribuição e financiamento, e principalmente as diversas transformações no consumo cinematográfico.

Vale ressaltar que nas últimas décadas o processo de digitalização tornou-se uma marca registrada no cotidiano das pessoas pelo mundo e especialmente na história da sétima arte e deve permanecer a fazê-lo por um longo período de tempo.

### 3.2 *The End*: O Fechamento das portas e o Desuso do Cine Íris

O Cine Íris em toda sua trajetória viveu momentos de grandes picos de sucesso e consecutivamente de rentabilidade em sua história, onde a população de Nova Floresta entendeu que a prática de ir ao cinema se tornara algo comum na sociedade daquela época. Mas com o passar dos anos as pessoas deixaram de frequentar o Cine Íris de “Seu Hamilton”, como assim também era conhecido, e passaram a buscar nas novas tecnologias acesso fácil para assistir os filmes.

Portanto, devemos ressaltar que houve todo um processo que desencadeou o declínio dessa prática nas diversas cidades interioranas impulsionado por diversos aspectos relacionados que fizeram com que a população de Nova Floresta aderisse às novas tecnologias e deixassem de frequentar o espaço cinematográfico do Cine Íris, aspectos dos quais discutiremos a seguir.

Segundo o proprietário do Cine Íris Hamilton Marinho, o declínio do cinema começou na verdade no final da década de 1980 quando os moradores de Nova Floresta de fato, começaram a ter acesso com facilidade às novas tecnologias que surgiam rapidamente nas cidades interioranas no final do século XX, e a partir daí o Cine Íris de fato, não teve mais como se manter e funcionar.

Apareceu primeiramente o vídeo cassete o DVD, e isso concorreu com os fechamentos dos cinemas interioranos, e lançamentos de diversos filmes, que ficou uma coisa rotineira, aí... a vontade. E com isso com o encarecimento das fitas e os transportes para você trazer as fitas do Recife para cá, aí chegou um ponto que não dava mais, aí você muitas vezes encontrava um filme aqui na feira a 3 a 4 reais; então a coisa não tinha mais como funcionar. As pessoas deixaram de vim por cinema, a televisão também já tinha uma programação melhor, que chamava atenção, a tecnologia avançou de uma maneira que o cinema não tinha mais como funcionar (COSTA, 2019).<sup>11</sup>

Nesse sentido na tentativa de reerguer o cinema da cidade, o proprietário Hamilton Marinho adotou algumas medidas e estratégias e por isso exibiu no Cine Íris filmes, que fizeram muito sucesso nas bilheterias brasileiras. Filmes como *A Dama da lotação*” e a produção nacional de grande sucesso, *Dona Flor e seus dois maridos*, foram grandes sucessos, o cinema lotou nos dias das exibições. Infelizmente, o número de exibições destes filmes de grande

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida por COSTA, Hamilton Marinho da. Entrevista: (09.2019), Entrevistador: Moisés da Silva Azevedo. Cuité-PB.

bilheteria diminuiu gradualmente e as pessoas deixaram de frequentar o cinema resultando num declínio cada vez mais perceptível.

Vale ressaltar que as produções da Rede Globo de televisão, assim como todos os programas veiculados por outras emissoras (SBT, Band, Record), contribuíram progressivamente para o declínio dessa prática que persistiu durante o final da década de 1980 na sociedade Florestense, o que posteriormente levou de fato ao fechamento das portas do Cine Íris de Nova Floresta, no ano de 1989. Abaixo colhemos a fotografia do prédio do Cine Íris à venda.

**Imagem 19 – Fotografia do prédio do Cine Íris de Nova Floresta a venda no início da década de 1990, com o fechamento do espaço cinematográfico.**



**Fonte:** Hamilton Marinho da Costa

Com o fechamento das portas do cinema, todos os maquinários e mobília do Cine Íris, foram armazenados em depósitos de propriedade de Hamilton Marinho. Porém, a partir de 2006 com a implantação da Universidade Federal de Campina Grande, Campus- Cuité, alguns equipamentos como a máquina de projeção, a difusora, os rolos de filmes e alguns bancos, foram doados ao Museu do Homem do Curimataú, pertencente à Instituição Federal de ensino que estão disponíveis para visitação pública.

Abaixo colhemos a fotografia da máquina de projeção e de alguns equipamentos pertencentes ao Cine Íris de Nova Floresta.

**Imagem 20 – Fotografia da máquina de projeção de 35 m/m, onde rodava os rolos de fitas. Nota-se também na fotografia, a difusora do cinema e umas das cadeiras do Cine Íris**



**Fonte:** Museu do Homem do Curimataú

Portanto, o Cine Íris de Nova Floresta foi caminhando para um final premeditado como um dominó, cujas suas peças são empilhadas umas sobre as outras e, quando as peças caem, tudo começa a se desfazer. Diante de tantas dificuldades veio a solução final, fechar as portas do Cine Íris, um paraíso cinematográfico que proporcionou aos Florestenses uma experiência inesquecível que permanece até os dias atuais nas memórias dos moradores. Ou seja, apenas lembranças e saudades de um período áureo na cidade.

Vale ressaltar que com a crescente especulação imobiliária no nosso país, a construção civil começou a tomar conta de vários espaços e principalmente das salas de cinemas, muitas delas privilegiadas pelo tamanho e localização central, além de serem pontos conhecidos da população.

A partir da década de 1980, à medida que as igrejas evangélicas cresciam rapidamente nas cidades brasileiras, começaram a ver nas salas de cinemas, espaços ideais e estratégicos para se estabelecerem.

A maioria dos espaços onde funcionavam os cinemas de rua foram convertidos em igrejas pentecostais, mas alguns espaços foram transformados em mercearias, teatros, sacolões, estacionamento, supermercados, minimercados, quitandas, lojas e outros tipos de instalações.



O prédio onde funcionava o espaço do Cine Íris de Nova Floresta foi reformado na década de 1990, e posteriormente transformado na loja comercial Marconi eletrodomésticos, como mostra a fotografia abaixo.

**Imagem 21 – Fotografia da fachada da Loja Marconi Eletromóveis, prédio onde funcionava o Cine Íris de Nova Floresta. A loja fica localizada na rua Benedito Marinho no centro da cidade.**



**Fonte:** Hamilton Marinho da Costa

Deste modo, podemos constatar na fotografia acima que o prédio do Cine Íris, que já foi considerado um dos mais importantes espaços cinematográficos da região do Curimataú e Seridó da Paraíba, e principalmente um local de encontros, sociabilidades e lazer, teve que fechar suas portas e dar lugar a mais um empreendimento comercial da cidade que crescia progressivamente no final da década de 1980.

A estrutura do prédio do Cine Íris chegou a ser ampliada e reformada, dando espaço a um imóvel comercial, um grande descaso com a história local de Nova Floresta, talvez o proprietário não soube como encarar o importante significado histórico do Cine Íris para a sociedade Florestense como um todo. A frequentadora Florestense do Cine Íris, Maria Geilza Santos nos relata sobre a sua tristeza com a venda do prédio.

Foi uma coisa que marcou profundamente. Na verdade, aquilo ali deveria ter sido tombado. Mas seu Hamilton vendeu e se arrependeu. E outra coisa, as autoridades e os prefeitos da época, não tinham interesse de deixar aquilo

como biblioteca, teatro, a visão era outra, e nossa cidade ficou sem o prédio do Cine Íris (SANTOS, 2024).<sup>12</sup>

Outro ponto que pudemos constatar foi o próprio interesse do proprietário na venda do prédio do Cine Íris, visando apenas o capital financeiro, sem se importar de fato com a importância daquele espaço de memória para os moradores de Nova Floresta, que vivenciaram importantes momentos de encontros, lazer e sociabilidades naquele espaço cinematográfico, que estão presentes nas suas memórias. O prédio também era um espaço de memória importante para o conhecimento das gerações futuras que não tiveram a oportunidade de conhecer e vivenciar a era do Cine Íris.

### **3.3 Memória e saudosismo: As lembranças do Cine Íris de Nova Floresta**

A memória é uma vasta e vertiginosa composição de reservas materiais das quais não podemos lembrar uma totalidade insondável daquilo que talvez precisemos lembrar. À medida que a memória tradicional desaparece, sentimos a tamanha necessidade de acumular vestígios, testemunhos, documentos, imagens e discursos, sinais visíveis do passado, porque estes arquivos cada vez mais ricos deverão tornar-se provas.

Para Nora (1983), a passagem da memória para a história obriga cada grupo a redefinir sua identidade, revitalizando a sua própria história. O dever de memória faz de cada homem seu próprio historiador. A necessidade da história, portanto estende-se muito além do âmbito dos historiadores profissionais. Não são apenas os ex - profissionais marginalizados pelas histórias oficiais que estão obcecados em recuperar seu passado enterrado. Todos os grupos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, independentemente das minorias étnicas e sociais, sentem a necessidade de procurar a sua própria constituição e de procurar suas próprias origens.

Atomizar a memória geral em memória privada dá a lei da memória uma poderosa força coercitiva interna. A memória obriga todos a recordar e redescobrir seus princípios e segredos de pertencimento e identidade. Por sua vez, esse sentimento de pertencimento, torna você totalmente engajado. Quando a memória não estiver mais em toda parte, não estará em lugar

---

<sup>12</sup> Entrevista concedida por SANTOS, Maria Geilza. Entrevista (03. 2024). Entrevistador: Moisés da Silva Azevedo. Nova Floresta- PB.

nenhum sem que a consciência individual decida sozinha. “A memória não existe coletivamente, mas exige que pessoas específicas se tornem pessoas com memória” (NORA, 1983, p.18).

Vale ressaltar, que os espectadores que frequentavam o Cine Íris de Nova Floresta, reagiram ao fechamento das portas do cinema com bastante tristeza e saudosismo. Percebemos que ao longo dos anos as diversas lembranças desse imponente lugar de memória, ainda continuam presentes nas memórias individuais e coletivas dos Florestenses.

Nora (1983), destaca que os lugares de memória são, antes de tudo, lugares com triplo significado, ou seja, são lugares materiais onde a memória social está ancorada e pode ser apreendida por meio de diferentes sentidos; são lugares funcionais porque a possuem ou adquiriram; tem a função de sustentar a memória coletiva e é principalmente um lugar simbólico para expressar e revelar essa memória coletiva, ou seja essa identidade. Como tal, os lugares de memórias, são locais imbuídos da vontade de recordar.

Podemos considerar, que certos lugares de memórias, longe de serem produtos espontâneos e naturais, são na verdade construções históricas do passado e que o interesse que despertam decorre precisamente do seu valor como documentos e monumentos que revelam processos sociais e conflitos, encontros, paixões e interesses consciente ou inconscientemente, conferem-lhes a sua função icônica.

O Cine Íris foi um local que marcou verdadeiramente a vida e a memória dos moradores de Nova Floresta, deixando muitas recordações. Vale ressaltar que durante mais de trinta anos que o cinema esteve em pleno funcionamento, os moradores aproveitaram aquele ponto de cultura, para se conhecerem, se divertirem, chorar, paquerar e vislumbrar algumas das imagens que a sétima arte lhe proporcionava numa época em que o Cine Íris era umas das únicas opções de lazer que a pacata cidade oferecia.

Há diversas memórias de pessoas que frequentavam o cinema, que tiveram os seus primeiros encontros amorosos e seus primeiros flertes, e beijos, dentro do espaço cinematográfico do Cine Íris, e recordam com grande saudosismo através de seus depoimentos. Segundo as palavras do cinéfilo Florestense Kydelmir Dantas: “meu primeiro beijo foi dentro do Cine Íris de Nova Floresta” (DANTAS,2021).<sup>13</sup>

Diversos casamentos e namoros surgiram também através do Cine Íris; de acordo com o depoimento da espectadora Maria Geilza Santos, foi através das paqueras que ocorreram no Cine Íris que a mesma casou com seu primeiro namorado, que viria a ser o seu futuro marido,

---

<sup>13</sup> Entrevista concedida por DANTAS, Kydelmir. Entrevista (07. 2021). Entrevistador: Moisés da Silva Azevedo. Nova Floresta-PB

“O meu casamento, saiu do cinema, meu primeiro namorado, que foi o meu marido, começou o namoro lá no Cine Íris” (SANTOS, 2024).<sup>14</sup>

A expectadora Maria Aparecida da Silva (Dona Bila de Paulo Florêncio), nos fala com grande satisfação e saudosismo, como conquistou seu esposo no Cine Íris.

O primeiro filme que assisti no cinema, foi o último que assisti com meu namorado, hoje esposo, porque ele não foi mais ao cinema, porque não foi necessário, eu namorava com ele, nessa bendita noite eu tinha tomado ele de outra pessoa que estava lá, a pessoa queria tomar ele de mim, eu tomei ele, eu fui me exhibir no Cine Íris de Hamilton (SILVA, 2024).<sup>15</sup>

No depoimento, é possível perceber a importância do Cine Íris nas socializações que foi necessário ela ir ao cinema para “exibir” o seu namorado à pessoa, mas na verdade sabemos que não foi apenas essa pessoa que viu se formar este novo casal.

No relato Itamira Lima, a espectadora nos relata através de seu depoimento sobre a movimentação das moças e rapazes na calçada do Cine Íris, antes da projeção ser iniciada por Hamilton Marinho.

Nunca esqueceremos ao comentar que enquanto as músicas tocavam na difusora do Cine Íris, a moçada (rapazes e moças) ficava passeando nas calçadas da rua do cinema, indo e voltando. E era ali que começavam as várias paqueras. Que geraram diversos namoros, noivados e, até casamentos (DANTAS, p. 83. 2022).

Na verdade, podemos ver de fato que todos esses encontros amorosos, vivências, e experiências, aconteceram no espaço cinematográfico da cidade e que estão presentes nas memórias saudosistas dos moradores, que nos relataram através de seus tocantes depoimentos. Obviamente, algumas pessoas evidentemente frequentavam o Cine Íris para assistir e acompanhar as exhibições, outras pessoas iam para encontrar os amigos e parentes, outras para paquerar, namorar, e outras para fazer tudo isso juntos ao mesmo tempo.

O senhor, Sebastião Pereira (Basto da barraca), era uns dos frequentadores assíduos do Cine Íris de Nova Floresta. Todas as sessões ele e sua namorada estavam presentes virando uma simbologia popular do cinema local. Aliás, podemos constatar em nossa pesquisa, que o senhor Hamilton Marinho deixava um lugar reservado no cinema todos os dias para o casal de

---

<sup>14</sup> Entrevista concedida por SANTOS, Maria Geilza. Entrevista (03.2024), Entrevistador: Moisés da Silva Azevedo. Nova Floresta- PB

<sup>15</sup> Entrevista concedida por SILVA, Maria Aparecida. Entrevista (04. 2024), Entrevistador: Moisés da Silva Azevedo. Nova Floresta- PB.

namorados, e ninguém poderia sentar. Ainda sobre esse período, o próprio Sebastião Pereira nos relata com grande saudosismo e satisfação, suas recordações e vivências durante os mais de trinta anos que frequentou o espaço cinematográfico:

É o seguinte, mesmo nós dois emburrados, por causa de um desentendimento que tivemos por causa que ele era agente fiscal e eu comerciante. Mas mesmo assim, ele só funcionava o filme quando eu chegava. Muitas e muitas das vezes, aconteceu de muitas vezes eu ia tomar banho e escutava o prefixo de anúncio do início da sessão, eu ia tomar banho e jantar para poder ir. E o povo me esperando, e aquilo era bom, quanto mais esperava mais dava gente. E por isso que ele tinha esse respeito por mim. No meu canto ninguém não sentava não; daí é o seguinte muitas e muitas vezes, estava cheio o cinema, as pessoas sentavam nos tamboretos e Hamilton dizia pode sair daí, que já tem dono, tenho muitas saudades daquela época, era uma coisa que não deveria ter acabado (PEREIRA, 2023).<sup>16</sup>

Pudemos perceber no relato de Sebastião Pereira, uma tentativa do proprietário do cinema de eleger uma figura popular e carismática, para chamar atenção das classes menos favorecidas da cidade para entrar no cinema e ganhar notoriedade e principalmente lucratividade, já que o estabelecimento era uma empresa familiar e só entrava nas sessões quem pagasse o valor do ingresso.

Podemos considerar então, que o popular Basto da barraca, como um homem negro, técnico de um time de futebol, agricultor, comerciante, morador da periferia da cidade e figura bastante conhecida no meio popular, se tornou essa simbologia para atrair as determinadas massas para o Cine Íris e assim poder popularizar ainda mais o cinema.

Vale ressaltar que Hamilton Marinho, fazia parte das famílias de classe média alta de Nova Floresta, já que seu pai foi prefeito constitucional da cidade, além de um grande produtor rural da região do Curimataú. Hamilton era agente fiscal estadual, cidadão de posses e cinéfilo apaixonado pela sétima arte. Mas, podemos constatar, através de seu próprio depoimento, que o cinema se tornou um lugar de lucratividade para ele e sua família. Em seu depoimento, Hamilton Marinho, nos relata esse momento de grande significância e lucratividade no Cine Íris.

Não sei se o cinema ajudou na economia da cidade, mas a mim Graças a Deus, me ajudou bastante. O cinema chegou um ponto que fiz muitas amizades com pessoas de várias cidades do Nordeste, Recife, Natal, Campina Grande, Ceará, João Pessoa, e essas pessoas despertavam o desejo de conhecer minha cidade Nova Floresta. Tinha no cinema a minha mulher que vendia confeito, pipocas,

---

<sup>16</sup> Entrevista concedida por PEREIRA, Sebastião. Entrevista (12, 2023). Entrevistador: Moisés da Silva Azevedo. Nova Floresta- PB.

pirulitos e eu trazia de Campina Grande, para vender na frente do cinema. O Cine Íris me ajudou e muito. (COSTA, 2019).<sup>17</sup>

Como vimos, Hamilton Marinho transformou o Cine Íris em uma grande empresa familiar, lucrativa e com interesses próprios. Embora seja cinéfilo e fã da Sétima Arte, as pessoas pagavam para entrar no seu cinema, ou seja, não eram todas as pessoas de Nova Floresta que tinham esse privilégio de assistir os filmes, pois apenas quem tinham condições de pagar a entrada, era quem usufruía dos direitos de lazer, em uma sociedade que na maioria das vezes a elite tende a ter mais estes privilégios.

O Cine Íris marcou profundamente por mais de trinta anos o cotidiano, os costumes e os comportamentos da sociedade Florestense. A grande maioria das pessoas que tinham uma condição melhor frequentava mais vezes o Cine Íris, bem como iam mais bem vestidas, com brilhantina nos cabelos, calças e vestidos, inspirados na moda norte americana. Constatamos no depoimento da frequentadora assídua do Cine Íris, Gorreti Araújo, que as pessoas que não tinham condições de ir bem arrumadas tinham um certo receio de entrar no cinema:

Tinham muitas pessoas que iam sem chinelos, calças rasgadas, quando apagavam a luz, Dona Elcy deixava entrar. Tinha uma parte, que ficava só o pessoal arrumado que pagava, tinha uma parte que era reservado para elite, caso alguém tivesse sentado nesse local a gente mandava sair. E aqueles que não pagavam ele deixava em outro local, como no chão, ou em algum banco, mas mesmo assim todos assistiam. A fila no início para entrar só era para quem tinha dinheiro. O povo tudo arrumado, com blusas bufantes, calças jeans inspirados na moda americana. Lá era o ponto de encontro dos jovens da época (ARAÚJO, 2024).<sup>18</sup>

Vale ressaltar que qualquer pessoa podia frequentar o espaço do Cine Íris, mas tinha uma certa exclusão de fato com as minorias que não tinham condições financeiras comprar roupas e de ir bem vestidas, que não possuía dinheiro para entrar no cinema e que eram destinados para outros assentos.

No entanto, pudemos perceber através dos depoimentos dos entrevistados, que tinham lugares reservados para as pessoas com condições financeiras maior, e a grande maioria do

---

<sup>17</sup> Entrevista concedida por COSTA, Hamilton Marinho. Entrevista (09, 2019). Entrevistador: Moisés da Silva Azevedo. Cuité-PB

<sup>18</sup> Entrevista concedida por ARAÚJO, Maria Goretti. Entrevista (03, 2024). Entrevistador: Moisés da Silva Azevedo. Nova Floresta-PB.

público que predominava no Cine Íris, era de fato o público das famílias Florestenses que tinham um maior poder aquisitivo.

Atualmente, a grande maioria das pessoas que vivenciaram essa época no Cine Íris, permanece em Nova Floresta. Segundo a maioria dos espectadores, o Cine Íris marcou suas vidas e relembram com muito saudosismo através de suas memórias. No depoimento da espectadora Hiranilda Marinho, percebemos um grande saudosismo através de suas valorosas lembranças. “Se eu pudesse não ia ser fechado nunca, tinha ficado ali para sempre, porque todos os Florestenses não se esquecem do Cine Íris de jeito nenhum. Marcou, foi uma coisa que marcou”. (MARINHO,2019).<sup>19</sup>

A expectadora Maria Aparecida da Silva (Dona Bila de Paulo Florêncio), nos fala sobre a saudade e a nostalgia que sente do Cine Íris.

O Cine Íris, não saiu da minha cabeça nunca, lá no local nos dias de hoje tem uma loja, a loja de Marconi, é mesmo que está vendo a janelinha do cinema, a porta, seu Hamilton nos recebendo, os amigos que já se foram, é como as pessoas que morrem, e não morrem a gente guarda elas dentro da gente, isso para mim é o Cine Íris (SILVA, 2024).<sup>20</sup>

O depoimento de Maria Aparecida colocado aqui na íntegra, na tentativa de não perder a emoção presente em suas palavras, nos faz querer entrar e reviver junto com ela o Cine Íris, ver essa janelinha, entrar por essa porta, rever os amigos e sentir essa alegria dos reencontros, que transcorre em seu depoimento, é como viver em uma cidade que já não existe mais.

Goretti Araújo, através do seu depoimento nos relata com grande tristeza, a saudade que o Cine Íris faz na sua vida. “Eu sinto falta demais, se tivesse eu ia todos os dias, todos as noites, foi uma coisa que marcou muito, foi bom demais” (ARAÚJO, 2024).<sup>21</sup>

O poder evocador de memórias nestes trechos até nos faz pelo certo momento nos afastar do lugar de onde os historiadores são destinados a estar, críticos, imparciais, questionadores das fontes, tendo em vista que nos coloca no lugar do sujeito nostálgico. Sujeito este, apaixonado, sobretudo pelo passado. No entanto, sabemos que é impossível voltar no tempo e fazer reviver essa cidade sensível captada nas diversas memórias que guardam os sonhos, sentimentos e desejos de uma geração.

---

<sup>19</sup> Entrevista concedida por MARINHO, Hiranilda. Entrevista (09.2019). Entrevistador: Moisés da Silva Azevedo. Cuité-PB.

<sup>20</sup> Entrevista concedida por SILVA, Maria Aparecida da Silva. Entrevista (04-2019). Entrevistador: Moisés da Silva Azevedo. Nova Floresta- PB.

<sup>21</sup> Entrevista concedida por ARAÚJO, Maria Goretti . Entrevista (03-2024). Entrevistador: Moisés da Silva Azevedo. Nova Floresta-PB.

O Sociólogo Ramilton Marinho, relata que o Cine Íris foi muito importante para os Florestenses, se tornando por muito tempo um grande promissor do futuro.

Hoje, o mundo das telas suplantou o que ainda havia de mundo real e o tempo; as fronteiras e as verdades fizeram-se mais escorregadias e fantasmagóricas; todavia, a saudade adormecida ainda desperta sob os acordes da música O Milionário para nos levar de volta algum lugar do passado quando o Cine Íris era a nossa única porta para o futuro (DANTAS, p. 25, 2022).

Recentemente, para a alegria dos cinéfilos, houve um aumento considerável no número de salas de cinema em todo o Brasil. Esse movimento está associado à expansão da oferta de diversos shoppings centers. Por outro lado, também há tentativas de salvar as salas de cinemas do interior, alguns deles foram recuperados e restaurados, integrando-os no ambiente de cafeterias e bares, maximizando as determinadas oportunidades de consumo de lazer e entretenimento.

O professor Enilson Araújo, relata que o proprietário Hamilton Marinho, através do Cine Íris, deu a oportunidade de os cidadãos conhecerem de fato, as magias e os encantamentos da sétima arte em Nova Floresta.

O cinema em Nova Floresta só tem um nome Cine Íris, Hamilton Marinho foi um pioneiro da cultura e trouxe a sétima arte para o interior de forma revolucionária, revolucionária, por que deu oportunidade a todas as gerações do interior, a conhecer e vivenciar o entretenimento, e ao mesmo tempo, servir de conhecimento e cultura durante muitas décadas (DANTAS, p. 81, 2022)

Nas palavras do Fisioterapeuta Benedito Marinho, frequentador do cinema, o Cine Íris marcou profundamente a vida das pessoas que o frequentaram fazendo parte das histórias de vidas de vários moradores, deixando um grande saudosismo em suas vidas.

Que o legado imaterial do cinema seja sempre lembrado e repassado para as novas gerações. Hoje temos o streaming, mas antes, tínhamos a difusora chamando as pessoas, a fila para o ingresso, as cadeiras de madeira, o prefixo um musical pela a música O milionário e, não menos importante, a mágica das telas grandes que construía histórias na vida de muitos Florestenses (DANTAS, p. 24, 2022).

Com o surgimento das novas tecnologias e o fechamento do Cine Íris, alguns moradores Florestenses com maior poder aquisitivo, recorreram em busca de outras salas de cinemas nas grandes cidades do Brasil, a outra grande maioria dos cidadãos que tinham menos condições



financeiras recorreram aos aparelhos de vídeo cassete e DVD, convivendo com a saudade enorme do Cine Íris não deixando seus espíritos de cinéfilos morrerem. O proprietário do Cine Íris, Hamilton Marinho da Costa nos relata a saudade que sente do cinema:

Foi uma coisa que me deixou muitas recordações, muitas coisas boas ali aconteceram. Teve suas fases ruim que todo mundo tem, ninguém pode andar só na estrada de asfalto, como diz o ditado, mas foi uma grande maravilha. Graças a Deus, eu agradeço muito ao que tenho ao cinema. Sempre vou recordar e ter recordações boas do Cine Íris (COSTA, 2019).<sup>22</sup>

A partir da década de 1990 e 2000 a busca pelos cinemas dos shoppings centers cresceu rapidamente. A espectadora Maria Geilza Santos, relata através de seu depoimento a falta que faz o Cine Íris, e como é a sensação de frequentar outros espaços cinematográficos diferentemente do antigo cinema de sua cidade. “Eu sinto muita falta, sempre que eu vou a Campina Grande e a Natal, eu vou ao cinema, mas eu acho muito diferente do Cine Íris sabe”. (SANTOS, 2024).<sup>23</sup>

Pudemos perceber através desse depoimento que a espectadora sente uma enorme falta do ambiente do Cine Íris, onde as pessoas naquela época ficavam mais à vontade com suas famílias e amigos, tudo era mais perto, não era preciso percorrer vários quilômetros para ver o cinema, todos os moradores da cidade se conheciam, e o encantamento e as emoções com a sétima arte eram maiores, e assim Nova Floresta perde uma importante opção de lazer e entretenimento.

Como vimos nos relatos e depoimentos saudosistas de alguns espectadores que frequentaram o Cine Íris, mesmo algumas pessoas que não tinham condições financeiras para pagar o ingresso de entrada davam um jeito de entrar no cinema para assistir os seus filmes preferidos. Com o fechamento das portas do Cine Íris no ano de 1989, termina a história da sétima arte em Nova Floresta como espaço de lazer, entretenimento e convívio. A alegria de seus espectadores, o clima das brincadeiras, os flertes, namoros, algazaras e memórias cinematográficas que fascinaram, emocionaram e influenciaram diversos comportamentos entre os moradores Florenteses, ficaram registradas na memória dos cidadãos por meios das lembranças, das fotografias e dos depoimentos dos que viveram esse momento único e primordial da cidade mas que como tudo na vida, encontra seu fim.

---

<sup>22</sup> Entrevista concedida por COSTA, Hamilton Marinho. Entrevista (09, 2019). Entrevistador: Moisés da Silva Azevedo. Cuité-PB

<sup>23</sup> Entrevista concedida por SANTOS, Maria Geilza. Entrevista (03.2024), Entrevistador: Moisés da Silva Azevedo. Nova Floresta- PB.

## Considerações finais

A reflexão sobre a trajetória, os encontros, as memórias, vivências e as experiências dos cidadãos do Cine Íris de Nova Floresta, através dessas facetas históricas particulares relacionadas à experiência com o cinema na cidade, nos proporcionou de fato, uma percepção bastante aguçada do amplo processo que compõe a inserção da sétima arte no cotidiano das pessoas.

A sétima arte foi inventada pelos seus pioneiros os irmãos Lumière, no ano de 1896, e esta invenção impressionou o público logo nas suas primeiras exhibições; ao longo dos anos, o cinema aperfeiçoou-se e acomodou-se a uma nova era, daí o costume de ver foi se aprimorando e se adequando a um novo tempo assim o hábito de assistir a um filme foi ganhando aspectos diferentes.

Os diferentes tipos de filmes e gêneros produzidos também foram mudando e sendo reestruturados, de acordo com as preferências de alguns espectadores Florestenses, e principalmente com a mudança de cada época que consagrou de fato essa determinada prática social que perdura até hoje.

Considerando a sétima arte em todo seu contexto histórico e também para seus expectadores, foi e é uma prática social, uma vez que o ato de ir ao cinema aliada à própria exibição de filmes era uma prática muito importante e comum em Nova Floresta. Ao longo dos anos, o cinema tornou-se um importante local de interações sociais, que provocaram determinadas mudanças significativas no ambiente, até pelo simples fato da grande maioria dos espectadores se identificarem, com seus personagens preferidos e suas projeções cinematográficas.

Para uma melhor percepção sobre Nova Floresta, traçamos resumidamente a história da cidade, enfatizando como foi o surgimento do referido povoado, o seu povoamento com a chegada dos primeiros cidadãos; as famílias tradicionais; como ocorreu o processo de emancipação política durante a segunda metade do século XX, os espaços de lazer da cidade; além disso, como ocorreu o crescimento urbano e populacional da cidade como um todo, conforme as importantes referências bibliográficas e contribuições dos historiadores e determinados autores locais que escreveram sobre a trajetória da referida cidade que são de grande importância para a construção da história local e para as gerações vindouras.

Além disso, ressaltamos que o surgimento do Cine Íris no final dos anos de 1950, teve profunda repercussão sobre a sociedade Florestense. Portanto, nos foi possível contar a história de Nova Floresta a partir do espaço do Cine Íris, na exata dimensão entre o universal e o local

pois através dessa interseção, várias trajetórias individuais e coletivas, foi cartografado um conjunto de memórias e afetos que continuam sendo revividos em memórias individuais ou no palco pós-moderno das redes sociais.

As memórias dos cidadãos Florenteses nos permitiram mergulhar na história do Cine Íris, e reconstruir um tempo, uma história e várias emoções que eu não vivi, que foram vividas fora e antes do meu tempo. Podemos considerar que as conversas, as fotografias, os filmes vistos e revisados, os depoimentos fizeram essa importante ponte, norteadas por uma proposta com base na problemática da modernidade e seus símbolos, a intervir neste cotidiano que se mantém quase irreconhecível devido a tantas outras mudanças.

Pusemos sob análise, os diferentes impactos culturais e sociais ocorridos e provocados pela sétima arte naquela pacata cidade, localizada na região do Curimataú da Paraíba, inventando determinados espaços e canais de socialização e subjetividade, criando novas perspectivas de visões de mundo, embalando diferentes produtos, equipamentos, novas convicções e atitudes, no absoluto encantamento e magia proporcionado pela sétima arte nas pessoas

Assim, pode-se afirmar que o Cine Íris foi em Nova Floresta, um local de determinados encontros, lazer e sociabilidades, em plena metade do século XX. Vale ressaltar, que a grande maioria dos cidadãos locais, tiveram a oportunidade de ter seu primeiro contato com a sétima arte, que chegava naquela pacata cidade trazendo na sua bagagem um sentimento de encantamento e magia, tornando-se assim uma alternativa de entretenimento e lazer para os seus cidadãos.

Constatamos que as diversas projeções de romances, drama, comédia e ação, que foram exibidas no Cine Íris, mudaram de fato o cotidiano dos cidadãos Florestenses. Podemos considerar que nessa época os espectadores assíduos, passaram a frequentar constantemente o espaço cinematográfico em busca de lazer e encantamento, influenciados principalmente pelas grandes produções norte-americanas, que começava a introduzir sua moda e costumes na sociedade Florestense.

Vale ressaltar, que os homens acreditavam que podiam reviver as histórias dos galãs e se lançarem como grandes heróis, enquanto as mulheres buscavam se encaixar nos diferentes padrões de beleza, com cortes de cabelos a brilhantina, vestidos e luvas que eram propagados pelas atrizes nos filmes hollywoodianos. O cinema, em outras palavras, fazia com que os cidadãos sonhassem experimentar as diversas histórias e romances mostrados nas telas, além de se compararem com os astros e as estrelas dos filmes.

Nesse período era comum os espectadores, se apaixonar pelas estrelas e astros das grandes projeções, que eram exibidas no cinema, pois a sétima arte exercia esse grande poder de atração e sedução, sobre o público presente apresentando determinados desejos, sonhos e seduções, que estavam além de suas realidades.

E tais exemplos de cidadãos comuns que foram surpreendidos pelo fantástico mundo da sétima arte, que foram possíveis, devido ao tremendo poder da publicidade que, desde os primórdios do surgimento da sétima arte, proclamava as determinadas belezas oferecidas por essa magnífica e prazerosa invenção nascida da modernidade, através dos irmãos Lumière, que se perpetuou rapidamente pelo mundo.

Ressaltamos de fato, que as grandes produções norte-americanas tiveram seu espaço garantido na sala de exibição do Cine Íris, pois representava um aumento bastante significativo de espectadores nos dias em que eram exibidas na tela do cinema, pois a grande maioria dos espectadores iam em busca dos seus astros e estrelas preferidos. O que de fato, representou também um aumento significativo de venda de ingressos e uma renda maior para o proprietário do cinema, nos dias que era exibido esses filmes.

Dessa forma, conseguimos reunir diversas informações de grande referência e valor histórico, a respeito do funcionamento do Cine Íris de Nova Floresta; desde a parceria de Hamilton Marinho com o cidadão Manoel Belo na década de 1950, como também as viagens do proprietário do Cine Íris para Recife, em busca das fitas dos filmes nas distribuidoras, bem como o funcionamento da máquina de projeção no cinema.

O gênero pornochanchada também foram grandes sucessos de público no final do Cine Íris, mesmo que a sociedade patriarcal Florestense criticasse esse tipo de gênero durante o dia, mais constatamos que durante o período da noite a grande maioria dos espectadores estavam no cinema da cidade para acompanhar as determinadas sessões.

Constatamos que o declínio do cinema começou na verdade, no final da década de 1980, quando os cidadãos de Nova Floresta, começaram a ter fácil acesso às novas tecnologias, que surgiam num curto espaço de tempo nas cidades interioranas no final do século XX, e a partir daí o Cine Íris, não teve mais como se manter e funcionar em Nova Floresta, como foi constatado através do depoimento do proprietário do cinema.

Isso ocorreu com o surgimento dos videocassetes e, mais tarde consecutivamente, dos aparelhos de DVD durante as décadas de 1980 e 1990 nas cidades do interior, além da venda rotineira de diversos filmes em feiras livres urbanas, além da oferta de melhor programação na televisão brasileira e também com o surgimento da internet, que permitiu aos cidadãos das

idades, principalmente em Nova Floresta, terem fácil acesso às novas tecnologias, o que contribuiu para o declínio do Cine Íris.

Com o fechamento das portas do Cine Íris no ano de 1989, detectamos por meio de entrevistas e depoimentos, a nostalgia e as lembranças dos cidadãos de Nova Floresta em relação a esse período tão importante em suas vidas. A sociabilidade de diferentes classes sociais que ocorreram naquele espaço cinematográfico em meados do século XX, teve uma importância enorme na construção da sociedade local.

As determinadas reminiscências do Cine Íris, os encontros, as conversas, as paqueras, os namoros e os filmes favoritos que aconteceram naquele espaço cinematográfico, são muito importantes para os historiadores e principalmente para a construção da história de Nova Floresta. Essas memórias são vozes para o futuro para que as novas gerações de Nova Floresta reconheçam a história daquele espaço de lazer, diversão e entretenimento, pois ele foi um importante local ao longo da história.

Trinta e cinco anos após o fechamento do Cine Íris, hoje percebemos que a cidade se desenvolveu rapidamente, aumentando tanto em número de habitantes, quanto na economia com aumento de fábricas de polpas de frutas, graças a atividade de plantação do maracujá, além do crescimento expressivo do espaço urbano. Novas políticas públicas foram implementadas nas áreas da saúde, educação, agricultura e assistência social, favorecendo a facilidade de acesso aos benefícios pela população de Nova Floresta.

Em relação às determinadas atividades de lazer, diversão e entretenimento, desde o fechamento das portas do Cine Íris, algumas novas opções de lazer e socialização se desenvolveram em Nova Floresta, que ganhou o “título de princesinha do Curimataú, devido a sua imponente paisagem urbana. Constatamos que novos empreendimentos comerciais, como restaurantes, supermercados, lojas, lanchonetes, espetinhos, sorveterias e bares foram inaugurados no espaço urbano da cidade.

Novos templos pentecostais foram integrados na sociedade Florestense; além disso, as tradicionais festividades da cidade, como o Ano Novo, Emancipação Política e Festa do Padroeiro São Severino Bispo, foram incluídas no calendário turístico da região do Curimataú da Paraíba. Isso permitiu de fato, que os cidadãos de Nova Floresta e região continuassem se socializando ente si, como faziam no espaço cinematográfico do Cine Íris na segunda metade do século XX.

Podemos afirmar que o Cine Íris teve uma influência profunda na vida dos cidadãos que o frequentaram. Porque, durante os seus trinta anos de funcionamento, o espaço foi o local de sociabilidades e entretenimento de Nova Floresta, trazendo diversos espetáculos, músicas,

magia e hipnose, teatro, artistas da moda e filmes que refletiam ou espelhavam os gostos, desejos, comportamentos, identidades e consumo no mundo banhado pelas novas éticas do capital que se globalizavam e interagiam com culturas, valores, éticas e crenças locais.

Mas isto de uma forma profundamente viva e emocional, presente nos namoros e casamentos passados, e pensados em frente a tela do Cine Íris, nos laços de amizade que deixaram marcas e lembranças das coisas e do tempo de antes, como cenas de um filme ainda lembradas.

## Referências

ALBERTI, Verena. **Fontes Orais. História dentro da História.** In: P INSKY, Carla. Bassanezi, (org.). Fontes Orais. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

AUGUSTO, Sérgio. **Este mundo é um Pandeiro (A chanchada de Getúlio a JK).** São Paulo, Companhia das Letras / Cinemateca Brasileira, 1989.

BOURDIN, Alan. **A questão local.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Cidadãos e consumidores: conflitos multiculturais da globalização.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

CAPELATO, Maria Helena; MORETTIN, Eduardo; NAPOLITANO, Marcos; SALIBA, Elias Thomé (org.). **História e cinema: dimensões históricas do audiovisual.** São Paulo: Alameda, 2011.

CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano: 1.** Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações,** Lisboa: Difel, 1990.

COSTA, Flávia Cesarino. **O primeiro cinema: espetáculo, narração, domesticação.** Rio de Janeiro: Azougue, 2005.

COSTA, Hamilton Marinho da. **Memórias e Retalhos.** 1. Ed. Cuité, 2011.

DANTAS, Kydelmir. **A História do cinema em Nova Floresta.** 2022.

DA-RIN, Silvio. **Espelho partido.** Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2008.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular.** São Paulo: Perspectiva, 1979.

\_\_\_\_\_. **Sociologia empírica do lazer.** São Paulo: Perspectiva, 1999.

FERRO, Marc. **História e Cinema.** Tradução Flávia Nascimento. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história.** 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

LEAL, Wills. **O discurso cinematográfico dos paraibanos: a história do cinema na/da Paraíba.** João Pessoa-PB: Edição do autor, 1989.

LEGOFF, Jacques, 1924. **História e memória.** Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

MARINHO. Yuan Fonseca. **A vida fora da tela: práticas sociais e culturais decorrentes do contato com o Cine Íris na cidade de Nova Floresta- Paraíba (1959-1989).** 2011, XVII Encontro Estadual de História- ANPUH-PB.

MORAIS, Cícera Raquel Oliveira de. **Memórias dos “Cinemas de Rua” de Juazeiro do Norte na segunda metade do século XX.** 2015. PPGH/UFCEG.

MOURA, Flávia Danielly de Siqueira Silva. **Cenas de uma cidade sensível: o cine bandeirante como espaço de lazer e sociabilidade em Santa Cruz do Capibaribe – PE,** Campina Grande, 2014.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares.** 1993.

OLIVEIRA, Angelita Dantas de. **A Educação em Nova Floresta. Coleção Mossoroense. Série C, v. 1306.** Mossoró – RN, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, 2007.

POLLAK, Michael. **“Memória, esquecimento, silêncio.”** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989. \_\_\_\_\_ . “Memória e identidade social”. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992;

PRODER- **Programa de Emprego e Renda: NOVA FLORESTA.** João Pessoa, SEBRAE/PB/1996.

RAMOS, Alcides Freire. **Para um estudo das representações da cidade e do campo no cinema brasileiro. (1950-1968).** Revista de História e Estudos culturais. 2005

S CABRAL FILHO. **A cidade no lembrar dos velhos e na revelação fotográfica.** XXVI Simpósio Nacional de História. 2011

SANTIAGO, Padre Luiz. **Serra do Cuité: Sua História, seus progressos, suas possibilidades.** Paraíba, dezembro de 1936. Oficinas graf. d' A imprensa- João Pessoa

SILVA, Keila Queiroz e. **Entre as normas e os desejos: as mutações do feminino e do masculino em 50, 60 e 70 na Paraíba.** Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em História. UFPE: Recife, 1999.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. **Lazeres permitidos: Prazeres Proibidos: Sociedade, cultura e lazer na Campina Grande dos anos 1945-1965.** Recife, Tese de Doutorado em História- PPGH/UFPE, 2001.

SOUZA, Leandro Cunha de. **Cinema direto na Paraíba: A Consolidação de um estilo na representação do real.** João Pessoa, Dissertação de Mestrado-PPGC/UFPE,2016.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TRUSZ, Alice Dubina. **Entre Lanternas Mágicas e Cinematógrafos: as origens do espetáculo cinematográfico em Porto Alegre: 1861-1908.** Porto Alegre, Tese de Doutorado em História UFRGS, 2008.

TURNER, Graeme. **Cinema como uma prática social.** Tradução de Mauro Silva. São Paulo: Summus, 1997.